

Essência – Existência - Degenerescência

ESSENCIA –
EXISTENCIA E
DEGENERESCÊNCIA

José Verdasca

Representação de seis fases da Evolução da Espécie
HOMO – Erectus a Sapiens Sapiens – ao longo de cerca de
5 milhões de anos.

Essência – Existência - Degenerescência
José Verdasca

Essência – Existência
e
Degenerescência
(Nascimento, Vida e Morte)

Contato com o autor

j.verdasca@uol.com.br

jverdasca@uol.com.br

José Verdasca

IMPRESSÃO
PRISGRAF
SERVIÇOS GRÁFICOS
(11)5677-0971

Copyright© José Verdasca

0000/1 – 100 – 200 – 2020

O conteúdo desta obra é de responsabilidade do (s)
Autor(es), proprietário(s) do Direito Autoral.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

ISBN 978-85-366-4904-7

1. Ficção brasileira I. Título.

16-07729

CDD-869.3

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção: Literatura brasileira 869.3

IMPRESSÃO
PRISGRAF
SERVIÇOS GRÁFICOS
(11)5677-0971

Av. Marari, 776 – Cidade Ademar
São Paulo - SP - CEP 04402-000
Telefone: (11) 5677-0971
www.prisgraf.com.br

Essência – Existência - Degenerescência

Sumário

Pensamentos 9

Prólogo 11

Declaração Universal dos DEVERES do Homem e do Cidadão 35

Capítulo Primeiro – Essência 39

O Espírito 52; a Alma 56; o corpo 57; a Criação do Mundo 60; Teoria da Evolução das Espécies 62; a Igreja e a Bíblia 62; Livros da Bíblia 64; Encíclica “*Humani Generis*” 65; a Criação e a Essência 68; Teorias ou Filosofias Sociais, Morais e Religiosas.70; as grandes religiões73; Decálogo, *ou os* Dez \mandamentos 91;

Capítulo Segundo – Existência 97

A Terra e o Homem 102; do Hominídeo ao Homo 106; a inteligência 111; fecundação e reprodução 115; a **Primeira** Idade – *a criança e a infância* 117; o adolescente e a adolescência 127; o Carácter dos Jovens, *segundo Aristóteles* 129; a Meia ou Segunda Idade – os adultos - 131; a Terceira Idade – os idosos - 136; o Carácter dos Velhos, *segundo Aristóteles* 138; Deveres e Direitos 141; a evolução étnica e ou cultural 142; Culturas e Civilizações 147; a Cultura Local 150; as muitas culturas, 153; Omnipresença e Reencarnação, 162; superstições, mitos e crenças 166; Tribos e Etnias, 172; a Civilização Ocidental e Cristã, 175.

Capítulo Terceiro – Degenerescência, 179.

A Terceira Idade – os Idosos - 180; o Caso da **Existência**, 181; o Ciclo Vital, 184; a Morte: começo, meio ou fim? 186; Homem ou animal(?) 188; o nascimento e a morte 190.

Post Fatio, 197

Glossário, 203

Pensamentos

“O Ser, isto é – o Universo, o Absoluto – é incriado, imperecível, completo, imóvel e eterno, assemelhando-se à massa de uma esfera bem arredondada, que se equilibra em si mesma em todos os seus pontos”

(Parmênides)

“No Globo Terrestre, a Existência – vida dos Seres Espirituais passando por uma Experiência Humana – é apenas uma das possíveis muitas vidas desses Seres em coabitação provisória – (V)ida Espiritual e (v)ida material – formando a trilogia Espírito, Alma e corpo”.

(j.v.)

“Certamente eu disse: o conhecimento, é o alimento da Alma”.

(Platão, in “Protágoras”).

A CRIAÇÃO do HOMEM

“E Deus criou o homem à sua imagem”.

(“Gênesis, Bíblia”, cap. 1, 27)

“O mais difícil e obscuro dos livros sagrados – Gênesis – contém tantos segredos quantas palavras, e cada palavra oculta vários daqueles”.

(São Jerônimo – (340/420) – tradutor dos livros da Bíblia, Vulgata)

ENCÍCLICA “HUMANI GENERIS”

“Os capítulos da Gênese sobre a Criação, embora divinamente inspirados, foram escritos de modo que as pessoas sem instrução pudessem entender-lhes o sentido, ao ouvir a sua leitura; foram redigidos para dar uma descrição simbólica do mundo, pelo qual a espécie humana surgiu, e não devem ser tomados como relato científico estrito do que ocorreu na Criação”

(Papa Pio XII, Vaticano, agosto de 1950)

Heráclito atribuía ao *Logos* o governo de tudo, e em oposição a Parmênides, declarou:

“O mundo, que é o mesmo para todos os seres, não foi criado por nenhum deus nem por nenhum homem; sempre foi, e será um fogo sempre vivo, que se acende e se apaga com medida”.

(Heráclito, filósofo grego, sec. VI a.C.).

Prólogo

Estimado (a) leitor (a),

o ensaio que se segue apresenta, analisa e comenta temas sensíveis, delicados e polêmicos, tais como a *Essência do Universo* – origem/formação do *Todo Universal* – nela incluídas a *Criação do Homem*, a origem, *Criação* e formação do *Universo* segundo a *Bíblia* (Gênesis) e a origem do *Homem* de acordo com a “*Teoria da Evolução das Espécies*” de Darwin; da sua formação ocupa-se ainda a *Encíclica “Humani Generis”* aqui referida e transcrita, promulgada pelo *Papa Pio XII em 1950*.

Apresentamos e endossamos a tese científica, segundo a qual toda a matéria existente no *Mundo, Universo* ou *Cosmos* é, na origem, constituída ou formada por partículas elementares fundamentais subatômicas e *Espirituais* – caso dos *Elétrons* – entre eles os *Elétrons Espirituais* de que nos fala *Jean Sharon* (in, “*L`Esprit, Cet` Inconnu*”); partículas que por sua vez estarão na origem ou formação das estruturas de matéria de todos os corpos do *Todo Universal*, quer se trate de *animais, vegetais* ou *minerais*.

Os antes citados *Elétrons Espirituais* – enquanto partículas elementares fundamentais subatômicas componentes das estruturas da matéria, que podem efetivar o pensamento no espaço, serão – segundo *Jean Sharon* – **omnipresentes**, à semelhança do *Ente Deus Supremo* das religiões monoteístas, que segundo os seus crentes *está em toda a parte*, tudo sabe e a tudo provê, tudo regula e a todos assiste.

Decerto formando o pouco debatido e ainda muito menos conhecido *Espírito Humano*, as partículas elementares enquanto partícipes do *Espírito Universal* – insistimos – formam, incorporam e fazem parte de todos os corpos do *Universo*; deste modo e perante as características apontadas, poderiam tais partículas ser identificadas, enquanto *parte integrante ou frações do Ser Espiritual Universal* – o

consagrado *Deus único das religiões monoteístas*, pelos seus crentes visto e tido como *Ente Supremo* em *Quem* acreditam e que adoram, cultuam e veneram, não tendo qualquer dúvida acerca da sua *Existência*.

Abordando os temas título – por muitos ignorados, evitados ou até mesmo temidos – almejamos incentivar o debate de assuntos tão relevantes quanto polêmicos, bem como a sua discussão e análise, pois são problemas de todos nós, complexos e controversos que desde a mais remota antiguidade preocupam pensadores, filósofos e sábios, angustiando toda a *Humanidade*, mas que permanecem como assunto tabu, “enterrado” e ou como que mumificado, constituindo matéria oculta, inacessível, por vezes proibida.

A situação atrás descrita arrasta-se desde a época em que o “sequestro” do conhecimento e a ocultação da *Idade das Trevas*, **convinham** a todos quantos – para manter o Poder e defender seus escusos interesses materiais – eram cultores do obscurantismo e amantes da manipulação da verdade, subjugando as populações pela ameaça e silenciando-as pelo medo, proceder e circunstâncias que a miséria, a ignorância, a necessidade e a dependência dos poderosos ainda hoje facilitam e propiciam.

O comportamento dos promotores da ignorância – que ainda hoje vêm impedindo grande parte da *Humanidade* de ver a luz do saber e uso fruir do conhecimento da verdade, direitos que continuam enclausurados na penumbra da ignorância e na escuridão do isolamento impostas pelo Poder, como no final da *Idade Média* estiveram enterradas nas masmorras da “*Santa*” *Inquisição* – permitiu (e continua permitindo), situações que são a mais eficiente e cruel forma de escravidão sócio/cultural dos povos do mundo.

Insistimos que – através do sequestro do conhecimento e da adulteração da verdade, circunstâncias e situações que desde tempos imemoriais vêm sendo impostas aos povos do *Globo* – ditadores e opressores vêm impedindo o progresso da *Humanidade*, através da manipulação dos fracos, abúlicos e ignorantes, que facilmente

dominam. Por isso defendemos o combate sem tréguas a essas práticas, que perenizam a miséria e a desigualdade social, propiciam a injustiça global e a exploração do homem pelo homem, impedindo a união e a fraternidade entre os povos.

Enfatizamos que a privação do conhecimento, a dificuldade da aquisição da cultura e o acesso à verdade, configuram e caracterizam um desumano e brutal ato de violência, que desrespeita frontalmente os direitos do homem e do cidadão, concretizando um atentado contra a liberdade dos povos, violentando a inteligência humana, que deste modo vê barradas as mais sagradas aspirações da **Alma Humana**.

Como já antes declaramos, neste livro abordamos temas profundos, complexos, controvertidos e polêmicos; debatemos crenças, sentenças, diferenças e desavenças antigas e arraigadas entre os povos, até agora inconciliáveis; falamos de boas teorias e de velhas teocracias retrógradas, de teologias e filosofias manipuladas, fraudadas, deturpadas, enviesadas, contraditórias e muitas vezes conflitantes, razões, motivos e causas de permanentes conflitos entre pessoas e nações.

Também aqui analisamos conceitos discutíveis, preceitos polêmicos, direitos paradoxais e ‘malfeitos’ condenáveis. Enfim, e por fim, tratamos de assuntos por vezes tabu, “proibidos” a ‘gregos e troianos’, a crentes e profanos e a sisudos e levianos, o que por vezes causa ou provoca muitos danos. E, naturalmente, todas essas disparidades a muitos prejudicam, a alguns desagradam e só a poucos satisfazem ou favorecem. Entretanto, parafraseando *Caminha*, citamos, dizemos e referimos aquilo que “*vemos e nos parece*” sem ter certeza de que é a pura realidade.

Referimo-nos à *Carta de Pero Vaz de Caminha ao rei de Portugal* – que relatou rigorosa e minuciosamente o “*Achamento*” do Brasil em 22/abril/1500, que se sabia existir e Cabral estava procurando – na qual o criterioso e precavido escriba tratou de acautelar o monarca e a si próprio sobre a possibilidade de ter tido visões ilusórias,

observações enganosas e avaliações ou conclusões menos fundamentadas, quando ao encerrar a sua histórica missiva, sensatamente alertou: “*Todavia, tome Vossa Alteza a minha ignorância por boa vontade, a qual bem certo – creia – que para aformosentar nem afeiar, aqui não há de pôr mais do que aquilo que VI e me PARECEU*”.

Repetindo o escrivão: “*aquilo que vi e me pareceu*”, é uma confissão/expressão honesta, sensata e muito feliz, pois *acantela* e *previne* deficiências de visão ou audição, faltas de atenção e confusões ou erros de interpretação. Nesta frase o escrivão da armada relata o que lhe “*pareceu*” ter visto, observado, ouvido, escutado, entendido ou compreendido, admitindo assim erros dos sentidos. Em boa verdade por vezes somos enganados pelos nossos sentidos, pelas aparências e ou pelas circunstâncias.

A precaução do escrivão com o relato da viagem e permanência da uma semana da *armada de Cabral* em Porto Seguro – na célebre missiva/reportagem que é uma icônica “*Certidão Narrativa de Nascimento do Brasil*” – deveria ser imitada por todos quantos se ocupam do trato, relato ou translato de fatos ou acontecimentos históricos como os referidos; nestes casos e em muitas outras situações, o que é relatado pelos autores, pode não corresponder rigorosamente ao ocorrido.

Navegando nas “*águas revoltas*” da *história, da filosofia, da religião e da especulação*, nesta obra ousamos – sobretudo, e principalmente – denunciar dogmas, práticas injustificáveis, contradições e paradoxos, tão antigos quanto a *Humanidade*, que a tradição mumificou, o tempo cristalizou, a inércia paralisou e os homens, ao longo dos séculos, por muitas, variadas e quase sempre ocultas razões, não conseguiram, não souberam ou não quiseram eliminar, corrigir e ou esclarecer.

O vocábulo título *prólogo* – (gr. *prólogos*, de *pró*=antes, a favor, e *logos*=verbo, saber, discurso, exposição, texto) – define um escrito apresentado como próêmio, preambulo, introdução, apresentação e ou prefácio, por meio do qual o autor ou prefaciador de uma obra –

normalmente na abertura desta – a apresenta, resume, analisa, explica e interpreta em conciso e ou sucinto texto, esclarecendo os leitores – a priori – sobre o seu conteúdo, quiçá acerca de seus objetivos ou intenções.

No caso presente – e tendo em vista a complexidade dos temas aqui analisados – cumpre ao autor redigir um prefácio objetivo, honesto e esclarecedor, e, nas matérias abordadas, adotar uma postura rigorosamente neutra, isenta e sobretudo respeitosa, que não deixe qualquer dúvida sobre essa isenção, intenção e neutralidade, dado que apenas ao (à) leitor (a) – e só a ele/ela – cabe a tomada de posição que achar oportuna, adequada e ou conveniente.

A postura de neutralidade adotada pelo autor, obedece à norma e intenção de respeitar ideias e convicções alheias, deixando à inteligência e consciência dos (as) leitores (as) a emissão de opiniões, nas quais decerto respeitarão leis, normas, culturas e princípios que regem a matéria, quando devem poder decidir segundo seus valores éticos, baseados em suas próprias análises e de acordo com sua cultura, conhecimentos e convicções.

É justo esclarecer que esta obra representa a concretização de um antigo sonho, só agora realizado – e após consulta a ilustre confrade, profunda reflexão sobre a matéria exposta, rigorosa análise dos prós e contras da sua feitura e prolongado amadurecimento sobre a oportunidade e utilidade de sua publicação – a decisão de editá-la exigiu ainda uma boa dose de coragem, tendo em conta possíveis melindres, naturais contestações e ou reações contrárias de parte do público leitor.

Escrevendo e editando este livro temos plena consciência de que – apesar de apresentarmos simples opiniões pessoais, que de modo algum configuram teses, pois apenas admitimos hipóteses, definimos conceitos sem concretizar afirmações, muito menos certezas – sempre estaremos sujeitos a reclamações e ou manifestações de desagrado, especialmente dos fundamentalistas

extremados normalmente contrários a tudo quanto *não reza por sua cartilha*.

Entre os leitores pouco esclarecidos ou menos avisados, poderão ocorrer interpretações equivocadas ou conclusões apressadas e precipitadas, a provocar injustas condenações. Afinal, nem sempre os leitores e críticos conseguem distinguir e separar os seus ideais dos deveres profissionais, dos interesses corporativos e materiais ou mesmo de “gostos, tendências e fraquezas estritamente pessoais”.

Entretanto. Abordamos, ainda – objetivamente – aquilo que imaginamos ser uma exposição/análise de temas de natureza místico/filosófico/especulativa, em que estão presentes discutíveis, antiquíssimos e arraigados dogmas – alguns deles hoje indefensáveis – generalizadas superstições atualmente sem qualquer sentido, velhas e por vezes absurdas crenças, além de pomposas, faustosas e consagradas vestimentas, liturgias e práticas sem qualquer justificação em nossos dias.

Os riscos atrás citados poderão eventualmente concretizar-se, especialmente no caso de hipotéticos leitores que – representando, defendendo ou tentando impor interesses contrários ao debate civilizado, equilibrado e sereno dos temas abordados – se deixam influenciar, exasperar, descontrolar e ou dominar por sentimentos menos nobres, diminuídos por uma formação inadequada, por antigos tabus, interesses escusos ou esclerosados preconceitos.

E esses riscos decerto aumentarão, na eventualidade da existência de leitores dominados por extremados fanatismos, predispostos à polémica ou decididos a contestar, razões pelas quais não estarão interessados numa análise objetiva, honesta e profunda, num debate equilibrado, sincero e respeitoso ou num diálogo civilizado e construtivo, intenções negativas que tendem a provocar sérias divergências.

Discorrendo sobre temas de natureza místico/transcendente ou filosófico/metafísica, por sua natureza sensíveis, delicados,

complexos e polêmicos – como são as origens do *Mundo*, *Universo* ou *Cosmos*, a *Essência* da *Natureza* ou a *Criação* do *Homem*, quando o *Ser Humano* é, para a nossa civilização, o principal *ator Bíblico* – não podemos deixar o tema pela metade, não abordando tudo quanto de expressivo e profundo ao *Universo* e ao *Homem* digam respeito, como sejam o *Big Bangue* e as citações bíblicas, bem como a evolução dos *Hominídeos* cientificamente comprovada.

Aqui chegados deparamo-nos com uma questão central, delicadíssima e muito polêmica: teria sido *Deus* que criou o *Homem* à Sua imagem e semelhança, como é descrito em *Gênese*, ou poderíamos considerar a hipótese de ter sido a *Humanidade* que – face a um *Universo* inimaginável, misterioso, indecifrável e assustador – total e completamente desorientada, amedrontada e angustiada com a permanente insegurança que a afligia, imaginou e finalmente descobriu o seu *Deus* há muito procurado?

Contemplando o horizonte e tentando descortinar o espaço cósmico, e convictos de que seria impossível a esse “colosso” funcionar completa e perfeitamente sem a coordenação que apenas um *Ente Superior* poderia exercer, teria o *Homem* imaginado *Alguém* a ele superior a que chamou *Deus*, ainda que um pouco à sua imagem e semelhança? De qualquer modo é absolutamente inquestionável a *Existência* de *Deus Senhor do Universo*, embora diferente do *Ente Supremo* imaginado e descrito pelo imaginário popular.

Nas buscas, estudos e pesquisas efetuadas para desenvolver os temas aqui apresentados, a nossa curiosidade e interesse *sempre resvalaram* para os mistérios e enigmas que envolvem a *Criação*, para as propriedades das partículas elementares *Espirituais*, que *formam as estruturas da matéria dos corpos*, *impulsionam a alma humana* e constituem o *Espírito* que é a própria (*V*)ida, mas também para os dogmas e crenças que subjagam os homens e sustentam as religiões.

Dissidências, divergências ou mesmo antagonismos sempre existiram entre os homens, mormente entre filósofos, religiosos, profetas e crentes, que aumentam e se agravam quando a discussão

se trava com fanáticos fundamentalistas seguidores de algumas e por vezes antagónicas seitas, saídas de religiões ideologicamente frágeis, mas conflituosas e alicerçadas em teorias e ou doutrinas pouco fundamentadas e esclarecidas, cujos mandamentos se prestam a várias, e por vezes contraditórias interpretações.

Apesar de adotarmos nesta obra – insistimos – uma postura respeitosa, de tolerância, compreensão e diálogo relativamente aos temas abordados, com absoluta, profunda e completa consideração pelas várias religiões existentes e por seus crentes, sempre haverá quem tenha interesse ou **predisposição para** combater e denegrir as ideias expostas, para o que normalmente utilizam qualquer argumento ao seu alcance; haverá, ainda, quem não abdique de opiniões discordantes, por preconceito, intolerância ou hábito.

Recordo o grande cientista e naturalista *Darwin* e sua *Teoria da Evolução das Espécies* – princípio e tese de bases científicas sólidas e de relativamente fácil comprovação – quando ele, na altura em que a *apresentava em Londres à comunidade científica internacional*, logo ali sofreu rude e forte contestação, principalmente de seus “pares”, alguns decerto motivados pela inveja, por puro ciúme ou até humilhante despeito.

Efetivamente tanto a *Teoria da Evolução das Espécies* como o seu autor, sofreram violentos e desleais ataques, e mesmo várias tentativas para desacreditar a primeira e desmoralizar o segundo, não apenas pelos motivos apontados, mas ainda porque contrariavam antigas crenças e teorias, e se opunham a velhas e arraigadas teses ou a consolidados preconceitos. Entretanto, havia e há que seguir em frente, mesmo correndo o risco de ter que enfrentar a inveja, o despeito, a vaidade ferida, quando não suspeitos ou ilegais interesses materiais contrariados.

Abordamos nesta obra – na tentativa de trazê-los a debate – os mais expressivos temas relativos à *Mãe Natureza*, que *Tudo* engloba e a *Todos* gera e cria, tentando nada importante esquecer ou excluir, e abraçamos sem hesitar a ideia de um *Deus* ou *Ente Supremo*,

omnipotente e omnipresente, mas diferente da imagem que sobre *Ele* criaram os sonhadores e *Dele* mantém o *Imaginário Popular*.

Os incontrolláveis e por vezes graves e trágicos fenômenos naturais ou telúricos, que no *Universo* ocorrem, parecem obdecer normas superiores, princípios rígidos e imutáveis, ou a regras objetivas, claras e precisas, a leis rigorosas, perfeitas e acabadas, talvez de inspiração ou *Essência* divina, mas que não se coadunam com a imagem de *Deus* propalada por algumas religiões.

Quando tudo – ou quase tudo – de grandioso que no *Universo* ocorre é mais ou menos periódico (ano e suas estações, “mês” lunar, dia e noite, vida humana, etc.), cíclico e algo misterioso, decerto devido à ação das pouco conhecidas mas determinantes *Forças da Natureza*, tal ordem e organização revelam um *controle superior* decerto *sobrenatural*, que *nos ultrapassa* e ou *nos transcende*, nos controla e acompanha, nos “governa” e ou comanda, como um *Espírito* ou acúmulo de *Espíritos* acima de todos os outros: *Deus*.

Perante tal “hipótese ou circunstância”, que revela *Poderes Sobrenaturais, organização sobre humana, e “comando” Superior*, não haverá como rejeitar ou não admitir a *Hipótese da Existência de um Deus Supremo* todo poderoso, onisciente e omnipresente, enfim, e por fim *Algo* ou *Alguém* como *Todo Universal*, decerto *União* de todos os *Espíritos* do *Universo*, à semelhança do que deve ter ocorrido na *Essência Universal, na Criação e Perpetuação da Humanidade*.

Desde a época das primeiras tribos humanas – no post *Homo Sapiens Sapiens*, ou *Homem* de *Cro-Magnon* (entre 35.000 e 30.000 a.C.) – surgiram muitas, ricas e belas manifestações artísticas como pinturas rupestre, esculturas e outras, obra dos primeiros homens inteligentes; daquela que é a mais recente, mais evoluída e ou mais ilustrada espécie humana, que com chave de ouro “parece” ter encerrado a evolução dos *Hominídeos*, cujas pinturas, esculturas e outras maravilhosas produções foram decerto manifestações que aguardavam a inteligência ou intervenção do *Espírito*.

O novo *Homem Inteligente* que, morando nas cavernas ali inventou ou descobriu a arte, passou a dedicar a sua atenção ao firmamento, com especial curiosidade para os astros ou para o infinito, tentando descortinar ali algo do fantástico e desconhecido *Universo*, atitude, curiosidade e esforço, que lhe provocaram muitas dúvidas, despertaram a imaginação, e, decerto, lhe a floraram na mente a necessidade de encontrar ou descobrir *Algo* ou *Alguém* autor de tudo quanto via e imaginava, e teria que ser um *Ente* ou *Ser Superior*, que *Tudo* e *Todos* governe, proteja e oriente. Ali nasceu – para o *Homem* – o Ideal que tanto buscava: O seu *Deus Supremo*.

No nosso *Sistema Solar* – gigantesco espaço sideral onde a poderosa estrela que é o *Sol*, os planetas *Terra*, a *Lua* e todos os outros astros que o integram, como em todo o incomensurável *Universo*, que inclui as suas incontáveis galáxias, e desde o *Infinitamente Pequeno* ao *Infinitamente Grande* – curiosamente, quase tudo é aproximadamente circular e ou esférico, â semelhança do que ocorre entre os humanos, onde as partes mais importantes do corpo, como cabeça ou crânio, cérebro, coração, rins, bexiga, e muitos outros órgãos, apresentam essas formas.

Ainda de formato relativamente esférico, serão quase todas as partículas subatômicas, além de átomos, moléculas, células e até mesmo a maioria dos legumes, tubérculos, frutos e sementes que na *Terra* se criam. Entretanto os fenômenos e movimentos telúricos serão cíclicos, os seres e os corpos terrenos finitos, e até mesmo no *Cosmos* – que com a *Natureza* se confunde – os astros, e as camadas de ar que os envolvem, são aproximadamente esféricos e seus movimentos circulares.

Apesar das constantes mudanças operadas no *Cosmos*, reparamos que quase tudo permanece estável em seu entorno, como que a confirmar o princípio do físico Lavoisier:

“Na *Natureza* nada se perde, nada se cria, tudo se transforma”, princípio que clarifica as três grandes fases da *Vida* no *Todo Universal* – *Essência*, *Existência* e *Degenerescência* – quando nas etapas ou fases

da *vida terrena*, se verificam apenas as naturais transformações dos corpos, após o que se passa à fase seguinte.

A formação ou construção dos corpos – assim como a desagregação destes – devem-se à aglutinação (no primeiro caso), e à separação (no segundo), de partículas elementares subatômicas e *Espirituais* que, respetivamente, e através da formação de estruturas de matéria, lhes deram rigidez e forma na aglutinação, tendo-se depois invertido essas características com a desagregação, o que, de certo modo, acaba por corresponder perfeitamente à revelação bíblica: “*Do pó viemos e ao pó retornaremos*”.

Durante os vários ciclos ou fases da vida do corpo humano – *Existência* ou vida terrena, caracterizada por fases como crescimento, maturidade, envelhecimento ou *Degenerescência* e morte, com a libertação dos *Elétrons Espirituais* – tudo se passa de acordo com o *Princípio ou Lei de Lavoisier*, quando as transformações físicas configuram “normais alterações no estado da matéria constituinte do corpo, altura em que as partículas elementares *Espirituais* neles se aglutinam para o crescimento, neles permanecem durante a *Existência*, e deles se libertam durante a *Degenerescência*.”

Reportando-se às origens dos humanos, mas decerto considerando ou mesmo englobando tudo e todos os corpos e seres que povoaram e povoam o *Universo*, vivem na *Natureza*, nela se geraram e cresceram, morrerão e se decompõem – ou seja, referindo-se a todos os seres e corpos que da *Natureza* fizeram e fazem parte – proclamam os livros sagrados.

“*Do pó viemos e ao pó retornaremos*”, tese que – simbólica e metaforicamente – revela, confirma e proclama a origem de todos os seres, caracterizando-nos como originários ou provenientes do “pó” da Terra (ou do Universo), e ainda esclarecendo que ao pó retornaremos. Do mesmo modo, afirmam *ter Adão sido “feito” do barro*, termos (pó e barro) que traduzidos de vocábulos cujos significados

– naqueles tempos, lugares e dialetos – seriam mal definidos, imprecisos e ou confusos.

Voltando à tese *Bíblica* – “do pó viemos e ao pó retornaremos” – que nos caracteriza como sendo formados, constituídos e ou agregados de minúsculas partículas de pó, ou possivelmente ao pó ou ao barro semelhantes, os *Livros Sagrados* estarão incluindo todos os *Seres* no modelo de *Criação* atribuído a *Deus*, quando **teria criado** *Adão* e *Eva*, e descrição abrangida pela “explicação” prestada na *Encíclica* “*Humani Generis*” do *Papa Pio XII*, aqui referida e transcrita.

A “explicação” antes citada – se adequadamente lida, analisada e interpretada – leva-nos às mesmas conclusões de *Jean Sharon* já antes expostas e no que respeita aos “*Elétrons Espirituais*” que em nós habitam e presentes no *Todo Universal* onde *Jean Sharon* lhes reconhece a “capacidade de pensar”. As ciências atômica e quântica muito avançaram tendo-nos já revelado que o átomo se constitui de muitas partículas subatômicas, que por sua vez se compõem de muitas outras e assim sucessivamente.

Deste modo e definitivamente, “o pó de que viemos, bem como o barro de que foi feito *Adão*” serão uma e a mesma ‘matéria’. E *Adão*, que *teria cedido uma costela para a Criação de Eva* – com a companheira comporá também essa mesma matéria, origem da agregação das partículas elementares subatômicas e *Espirituais* (pó?), que se agregaram para formar as estruturas de matéria de todos os corpos onde sempre estarão presentes as partículas e ou os *Elétrons Espirituais*.

Insistimos que no *Universo* – e com a morte ou decomposição dos corpos – as muito citadas partículas elementares que constituem a sua estrutura deles se irão desagregando, quando ficam disponíveis para regressar à origem na *Natureza*, ficando disponíveis para iniciar *novo ciclo de (v)ida terrena*, podendo incorporar outros seres ou neles se agregar, o que configura a reencarnação.

Ocorrendo a reencarnação, com as partículas elementares – que são os **Elétrons Espirituais** – agregando-se para formar as

estruturas dos novos corpos, a um ciclo ou fase da (*v*)ida que terminou na *Terra*, com a incorporação dessas partículas outro se seguirá, perenizando, deste modo, o *Ciclo Vital Universal, Espiritual*, mas simultaneamente humano, que dá o título a esta obra: “*Essência/ Existência/ Degenerescência*”.

Na realidade, e estando presentes no *Todo Universal*, nada impedirá os *Elétrons Espirituais* de promoverem a reencarnação e – uma vez incorporados em novo ser – a este “presentear” com os atributos intelectuais, mentais e ou profissionais específicos dos antecessores, ou mesmo de o dotar de suas experiências de vida, como poderia ter ocorrido nos muitos e famosos casos considerados como reencarnação um pouco por todo o mundo.

Regressando à “*parábola metafórica*” *Bíblica*: “*Do pó viemos e ao pó retornaremos*”, na qual, repetimos, a referência ao pó é puramente simbólica, de acordo com a *Encíclica “Humani Generis”* do *Papa Pio XII*; temos deste modo e mais que uma vez as palavras e ou expressões – pó, barro, pó de terra ou pó da Terra – usadas “*simbólica ou metaforicamente*”, atitude e ou expressão que o *Papa* explicou e justificou, declarando ser: “*para que as pessoas ignorantes, ouvindo a sua leitura, entendessem*”.

Aqui achamos por bem abrir um espaço para alertar e ou lembrar as (os) nossas (os) leitoras (es), que estamos referindo fatos ocorridos há mais de dois mil anos, quando quase a totalidade da população do *Globo Terrestre* era *analfabeta, ignorante e desinformada*, circunstância que *Pio XII* reconheceu na *Encíclica Humani Generis*.

Interpretando esta parábola podemos esclarecer mais uma vez, que o seu uso era vulgar na época e que as nossas origens se reportam ao “imaterial”, ao “nada” ou ao “quase nada”, que com o *quase imaterial* pó se confundem, até porque desse “pó” fazem parte os *Elétrons Espirituais*, que “*criam, produzem ou geram o pensamento no espaço*”, segundo a obra “*L’Esprit, Cet’ Inconnu*” do algumas vezes citado escritor e filósofo francês *Jean Sharon*.

No gigantesco repositório ou acúmulo de “*saber de experiência feito*”, que são os muitos e antigos *Livros da Bíblia* – nos quais, há

vários milênios, foram manuscritas algumas teses hoje comprovadas cientificamente, e onde o “pó” – insistimos – como que se identifica com as ínfimas, invisíveis e *Infinitamente Pequenas* partículas elementares, essenciais, subatômicas e *Espirituais*.

Entretanto – e ancorados na *Encíclica “Humani Generis”* – julgamos ainda poder enxergar nos livros citados muitas deficiências, naturalmente devidas – enfatizamos – à precariedade da pouca e primitiva escrita desse tempo, à sua improvisação, aos vários dialetos usados, aos seus muitos autores e a outras e variadas causas, julgamento que o seu primeiro tradutor *São Jerônimo* corrobora.

Vamos referir nesta obra aquilo que imaginamos constituir, formar, compor, caracterizar – e principal e essencialmente – dar forma, consistência e (*Vida ao Mundo, Universo ou Cosmos*, onde os seus mais de sete mil milhões de habitantes representam menos que uma gota de água, relativamente à massa e às dimensões do *Universo* e à grandeza da *Humanidade*, presente e passada: *os Elétrons Espirituais*.

Passados entre cinco e quatro milhões de anos, desde que – *descendentes dos selvagens, brutos e “irracionais” hominídeos atingimos o status de Homo Sapiens*, (35.000 a 30.000 anos a.C.) – entre nós serão ainda talvez uma escassa minoria os Seres Humanos, verdadeira, perfeita e completamente equilibrados, totalmente pensantes e ou racionais, absoluta e superiormente humanistas, ou seja *bons, éticos e dignos*.

Menos ainda serão os humanos adequadamente conscientes e justos, fraternos e tolerantes, honestos, responsáveis e *compreensivos, altruístas*, ou seja, sábios, uma vez que a sabedoria – segundo o saudoso *sábio Miguel Reali* – consiste em *possuir e usar o saber* de acordo com o conjunto de superiores atributos atrás relacionados, iluminados pela *ética*.

Vivemos num país *“abençoado por Deus e rico pela Natureza”*, e onde a espécie humana, suas etnias e comunidades, após inicial, prolongado, profundo e saudável caldeamento de culturas, *fusão e* mistura de sangues e genes, se enriqueceu social, cultural e

psicologicamente, sem que tenha aproveitado esse fato para construir uma *grande Nação* e uma *Pátria forte e unida*.

Urge, pois, criar uma **nação uniforme**, equilibrada e justa, e um *Estado que promova a ordem e o progresso*, o bem-estar coletivo e individual e uma distribuição equitativa da riqueza e da renda nacionais, “*conditio sine qua non*” para atingirmos a felicidade, equilibrados e justos níveis de vida, de instrução e especialmente de *direitos e deveres*, a todos igualando perante a lei.

Proclamou Aristóteles:

“**Justiça na igualdade** (perante a lei), *consiste em tratar desigualmente os seres desiguais, na medida em que se desigualem*”, o que significará distinguir e premiar os bons castigando os maus, punir quem infringe a lei e dignificar ou honrar quem a cumpre e ilustra e defende deste modo *tratando desigualmente* o infrator (punido) e o cumpridor (honrado).

Que se imponha definitivamente, no nosso Brasil **e no mundo, com um** basta à violência bruta, à corrupção inescrupulosa, doentia, insana e irracional, aos criminosos abusos do *Poder*, do capital e até mesmo do saber, à injustiça social, oficial e oficiosa, à discriminação odiosa e odienta de muitos e de cada um, à proteção escandalosa a “castas”, cartéis, corporações e outros grupos de privilegiados do *Poder Judiciário* e do *Poder Político* em especial.

Por fim haveria que incluir nesta moralização urgente e tardia, **alguns dos** até agora “*intocáveis*” membros dos três *poderes da República*, alguns dos todo poderosos exploradores e audaciosos bilionários, e principalmente alguns entre os ousados, atrevidos e aproveitadores dirigentes inescrupulosos de algumas associações e instituições, entre eles presidentes de clubes de futebol, sindicatos, federações e outras aberrações.

Na eventualidade de todos e cada um de nós cumprirmos escrupulosamente todos os nossos deveres, não apenas para com a

sociedade, mas para com a Pátria, a Nação e a família, e em especial observarmos os ditames da honra, honestidade, ética e dignidade para com os outros e conosco mesmos, o Brasil, finalmente, alcançará o brilhante, merecido e almejado destino que o seu povo e dimensão merecem e – acreditamos – lhe está destinado.

A Teoria do Big Bangue ou Grande Expansão atribui à explosão – de minúsculas partículas elementares fundamentais subatômicas (*Infinitamente Pequenas*) – seguida de expansão, a origem do incomensurável *Universo*, hoje ocupado, formado ou constituído por cerca de 2 trilhões de galáxias, entre elas a gigantesca *Via Láctea* ou *Estrada de Santiago* a que pertence o nosso *Sistema Solar*; nesse *Universo* encontram-se grandes espaços vazios e ou muitos outros de matéria escura ainda mal ou pouco conhecidos.

O cientista inglês Charles Darwin já antes referido – através da sua obra “*A Origem das Espécies*” – apresentou (1859) em Londres a revolucionaria tese sobre a *Evolução das Espécies* (que levou à origem do homem), segundo a qual os *Seres Humanos* são fruto de uma evolução lenta (4 a 5 milhões de anos) de *Primates Hominídeos* antes vivendo nas copas das árvores, das quais desceram colocando-se de pé, e que chegaram até nós por seleção natural.

A apresentação pública da “*Teoria da Evolução das Espécies*”, por parte do seu autor Sir Darwin, provocou muita celeuma, controvérsia e polémica, além de acirradas e violentas reclamações protestos e brigas de seus colegas britânicos, em especial de outros cientistas e grupos de religiosos que a questionaram, colocando em dúvida as teses e conclusões; afinal as conclusões do respeitável naturalista que contrariavam opunham-se e anulavam muitas das antigas teses e dogmas da Igreja sobre a matéria em questão.

Volvido quase um século após a apresentação da “*Teoria da Evolução das Espécies*” (1859), o *Papa Pio XII* proclamou a posição favorável da Igreja Católica acerca dessa teoria (1950), altura em que promulgou a Encíclica “*Humani Generis*” cujo conteúdo abalou profundamente muitos cristãos e setores da Igreja Católica, em

virtude de a teoria apresentada frontalmente contrariar os antigos, arraigados e pelos crentes aceites dogmas da cristandade, no que concerne às origens do *Homem* referidas em *Gênesis*.

Na encíclica citada, *Pio XII* pronunciou-se oficialmente – de forma clara, objetiva, inequívoca – revelando a posição oficial da Igreja sobre a versão da *Criação* descrita na *Bíblia (Gênesis)*, dando indiretamente lugar à aceitação da *Teoria da Evolução das Espécies*, admitindo assim uma nova interpretação do texto bíblico.

Ao autor da encíclica “*Humani Generis*” ficamos devendo uma das mais corajosas medidas da *Igreja Católica* nos tempos modernos, que revolucionou, retificou e atualizou “verdades” ou conceitos bíblicos, sobre a origem do homem aceites pela *Igreja* durante dois milênios. Na eventualidade de o entendimento do *Papa* revelado na encíclica ter tido sequência, com atitudes, esclarecimentos e intervenções semelhantes, beneficiando a Instituição e propiciando grande tranquilidade para os crentes já em debandada, talvez hoje fosse melhor a situação da *Igreja Católica*.

Entretanto, lamentamos que após a publicação da encíclica “*Humani Generis*”, nada de novo tenha sido publicado, dito, admitido ou oficializado pelo **Vaticano**, no sentido de dar continuidade à abertura iniciada por *Pio XII*; com esse inédito pronunciamento de que a *Instituição* tanto necessitava para se atualizar e sobreviver, nestes tempos de materialismo exacerbado que faz perigar a antiga e grande religião, *Pio XII abriu o caminho a uma profunda renovação que não aconteceu*.

A *Igreja Católica* – ao ultrapassar os dois milênios de existência – realmente necessita renovar-se para tentar atualizar-se, ou conseguir adaptar-se aos novos tempos, às novas tecnologias, aos grandes avanços da ciência e descobertas científicas, mas muito especialmente precisa rever conceitos, preceitos e preconceitos há muito ultrapassados, bem como dogmas, práticas e liturgias antiquadas, para libertar-se de versões de crenças insustentáveis, tais como as ideias de *Céu, Purgatório e Inferno*, e proceder a muitas outras mudanças, alterações e transformações inadiáveis.

Nascida de Jesus Cristo, com **Jesus Cristo** e para **Jesus Cristo**; criada meio milênio após as primeiras grandes religiões – quando as seitas exibiam seus oráculos, os deuses mitos eram aceites como “verdades” e as várias mitologias pontificavam com seus inúmeros “deuses” parte humanos e parte divinos, mas sempre inventados e muito poderosos, “criados, desenhados e esculpidos” à imagem e semelhança dos seus humanos criadores – a *Igreja Cristã* foi o alicerce e guia da *Civilização Romana, Ocidental e Cristã*.

Ao longo de sua rica, mas tumultuada história, a *Igreja Católica* não conseguiu livrar-se de cismas, comportamentos e períodos cinzentos e trágicos como a “*Santa*” *Inquisição* ou “*Santo*” *Ofício*, além de uma profusão de excessivos e contestados milagres, beatos, santos, “heróis” e mártires, aos quais se atribuíram exagerados e propalados feitos, com **algumas** e por vezes mal provadas aparições, **que deram lugar** a beatificações e santificações às vezes oportunistas, apressadas e muitas vezes contestadas.

Após o gigantesco progresso da ciência, em especial no último século – com destaque para a física atômica e ou quântica, a viagem à Lua e a exploração de outros planetas – o mundo do homem no *Espaço Universal* agigantou-se, o tamanho do *Universo* multiplicou-se, a visão da *(V)ida* ampliou-se e a imagem, o entendimento e o conhecimento do *Mundo, Universo ou Cosmos* muito se clarificaram. E estes revolucionários, significativos e importantes acontecimentos, muito contribuíram para aproximar os conceitos de *Espírito* e *Universo* e consolidar a ideia da *Existência* de um *Deus Supremo*.

Devido a sua relação com a matéria em análise, transcrevemos a opinião de um dos mais conceituados filósofos e físicos atômicos e filósofo:

“Se a física nos conduz, hoje, a uma visão do mundo que se nos afigura místico/metafísica, isso corresponde, de certa forma, a um regresso às suas origens, cerca de 2.500 anos atrás... em suas etapas mais recentes, a ciência Ocidental, finalmente, passa a superar essa visão do mundo – afastamento

de suas origens místicas, retornando àquelas dos antigos gregos e das filosofias orientais”.

(Fritjof Kapra)

Enquanto seres vivos terrenos de *Espírito Universal*, somos, segundo o filósofo jesuíta francês *Pierre de Chardin*:

“Seres Espirituais, passando na Terra por uma experiência humana”; deste modo somos seres ternários, porque dotados de corpo, alma e Espírito, os dois últimos incorporados ao corpo através das estruturas da matéria, ao longo de toda a nossa Existência.

Deste modo, do antes dito *Composto Ternário*, o corpo é constituído por estruturas – como membros, aparelhos, órgãos, sistemas e outros – todas elas com origem nas partículas elementares fundamentais *Espirituais*, subatômicas e invisíveis que lhes deram origem e provenientes do *Todo Universal*; entre elas encontram-se os *Quarks*, além dos *Elétrons Espirituais* citados por Jean Sharon, e que, segundo a sua teoria, podem “*fazer e ou construir o pensamento no espaço*”.

À *Alma Humana*, alojada no cérebro, de onde atua, caberá “*a execução ou comando das operações mentais e ou intelectuais*”, e pode ser constituída, formada e ou “alimentada” por caracteres e ou atributos espirituais e invisíveis; segundo a visão, opinião ou conclusão da *trilogia de filósofos gregos* (sec. VI/V a.C.), desempenharia as citadas funções, manifestações e ações imateriais do ser humano e, admitimos nós, possivelmente e com outro nome, de outros seres.

Entre as funções normalmente atribuídas à *Alma*, destacar-se-ão a sonorização ou materialização dos pensamentos a cargo da inteligência – o *ratio* ou raciocínio – quando este (e ou o pensamento) ocupa a posição cimeira; entretanto, dos seus atributos ou caracteres

mais importantes sobressaem ainda a consciência, intuição, vontade, carácter e personalidade, de que a inteligência, razão ou raciocínio do homem se ocupará em “aconselhar, orientar ou guiar” o seu comportamento ao longo da *Existência*.

No que concerne ao *Espírito Humano*, decerto formado, oriundo ou constituído pelas partículas elementares fundamentais e *Espirituais*, que elaboraram e permaneceram agregadas às estruturas de matéria dos corpos; ou seja, o *Espírito Humano* incluiria o conjunto *Espiritual* subatômico que compõe essas estruturas, à qual se devem vir agregado desde a formação do óvulo e do espermatozoide humanos.

A *Mãe Natureza* é, por muitos teólogos, religiosos e crentes, identificada com o ou os *Espíritos*, que identificamos com o *Todo Universal*; o mesmo creem os povos das tribos *maravi* ou *malawi* (nyanjas e ajáuas) da região do lago Niassa, Norte de Moçambique e além destes, dos *matengos* (tribo oriunda da região montanhosa Oeste da Tanzânia, divisa com esse lago); residi e *convivi* com esses povos na selva local e observei, acompanhei e estudei a sua cultura durante sete ou oito meses.

Tendo recebido grande influência muçulmana através dos mercadores árabes, desde o final do I milênio d.C. até a chegada dos portugueses (1500), os nativos, à data da guerra de guerrilha em 1964, ainda conservavam práticas dessa *Teoria Religiosa* e tinham verdadeiro pavor de alguns dos fenômenos naturais, especialmente das assustadoras trovoadas e das violentas tempestades e “dilúvios” tropicais, que entendiam como sendo mensagens dos espíritos e ou dos deuses, alertando-os para perigos eminentes.

Segundo esses indígenas africanos, a *Natureza* é a “mãe” dos espíritos ou deuses, controladores dos fenômenos telúricos que já os primeiros *Homo Sapiens* tanto temiam e dos quais se abrigavam nas cavernas, à semelhança dos animais selvagens. Tais fenômenos – como avisos da *Mãe Natureza* – eram levados muito a sério, como certa vez tive oportunidade de constatar quando os guias locais,

perante assustadora tempestade tropical, se recusaram a prosseguir como guias da minha tropa na fronteira da Tanzânia.

Admitindo a oportuna, sábia e corajosa aproximação entre o conhecimento científico atual e a visão místico/metafísica clássica, as duas fontes do saber que *Fritjof Kapra*, em seu recente livro coloca lado a lado, quando reconhece o valor científico, a seriedade e a autenticidade que foram atribuídas à visão clássica do *Universo* na antiguidade, ao tempo dos grandes filósofos, sábios, místicos e profetas, vemos finalmente valorizado o antigo conhecimento.

Ser vivo e animal vertebrado tido, considerado e classificado como racional, o *Ser Humano* – enquanto “único” animal superior, considerado racional e pensante à face da Terra – é capaz de alterar, modificar e ou transformar profundamente o meio ambiente, motivo pelo qual está além, à frente e acima de todos os outros animais, que por essa razão são designados irracionais.

Muitos mamíferos carnívoros ditos animais selvagens – como leões, tigres, leopardos, hienas, jacarés e outros – planejam ou “pensam” suas caçadas individuais ou em grupo; protegem e cuidam da proteção de suas crias contra os predadores (quando as escondem em grutas), e adotam muitas outras práticas e procedimentos que revelam intuição, atuação “refletida” e tática ou estratégia na execução desses procedimentos, razão que nos leva a admitir o que antes afirmamos: *planejam ou “pensam” suas caçadas individuais ou em grupo*. Pelo exposto admitimos que existe neles *alguma* “inteligência”.

Algo semelhante ao atrás descrito ocorre com alguns dos animais domésticos ou domesticados, como caninos, equinos, símios, elefantes, gatos e outros Primatas, além de algumas aves “falantes”, que revelam e colocam em prática determinadas aptidões próprias dos humanos, objetivas e úteis, quando imitam certas atitudes daqueles, ou seja, têm comportamentos que revelam e lhes exigem memória, planejamento e até imaginação.

Supomos ser apenas no *Globo Terrestre* que se geram, nascem, crescem, vivem, envelhecem, “morrem” e se desintegram os *Homo*

Sapiens Sapiens a que pertencemos; entretanto a *(V)ida Espiritual* própria das partículas elementares *Espirituais*, existe em todo o *Universo*, e a esta *(V)ida do Espírito* devemos a gênese das muitas outras *(v)idas* materiais aliás ainda não convenientemente explicadas.

Perante o exposto cumpre-nos esclarecer que a *Existência* – *(V)ida do Ser Espiritual* “passando (na Terra) por uma experiência humana” – consiste em *ser, estar, existir, viver, evoluir*, portanto *interagir* a nível global – consubstanciada nas ínfimas partículas subatômicas, que são os *Elétrons Espirituais*, parte das partículas *Infinitamente Pequenas*, que abrangem todas as partículas elementares existentes e ou componentes do *Todo Universal*, de *Tudo* e de *Todos*.

Todos os seres vivos que conhecemos geram-se, formam-se, criam-se, crescem e morrem no *Globo Terrestre*, por agregação das antes citadas partículas elementares subatômicas; elas compõem, formam e englobam as estruturas iniciais da matéria; na morte e através da decomposição/degenerescência daquela, desagregam-se, retornando à *Mãe Natureza*. Assim, tais Seres que na Terra vivem e nela morrem, consoante as partículas neles se agregam e desagregam, **configurando** sucessivas reencarnações.

Quando falamos da *(v)ida humana* na Terra, reportamo-nos – única e exclusivamente – ao período existencial do *Ser Espiritual* que somos (Pierre Teilhard de Chardin), *passando por uma experiência humana*; excluímos assim a permanente, superior, perene e *Universal (V)ida do Espírito* *imortal, omnipresente e omnisciente*; entretanto estes atributos coincidem – precisa e rigorosamente – com aqueles que caracterizam a citada *(V)ida do Espírito*, identificando-a com a ideia ou conceito que os crentes das religiões monoteístas têm de seu *Deus* ou *Ente Supremo*.

Sendo o *Todo Universal Espiritual* formado pelo conjunto das partículas elementares fundamentais e *Espirituais*, que estarão disseminadas compondo todo o *Universo*, incorporadas que estão nas variadas estruturas da matéria a que dão forma, constatamos que esse *Todo Espiritual* será oriundo e perfeitamente identificado com o

Espírito Universal (“do pó viemos e ao pó retornaremos” – Gênesis), realidade que levou os humanos a estender essa identidade ao *Ser Omnisciente e Omnipresente* que é seu *Deus, Ente Supremo Todo Poderoso*.

Ao longo do período ou fase em que os seres humanos vivem no *Globo Terrestre*, que pode alcançar e mesmo ultrapassar um século, – esse “espaço de tempo” ou “tempo no Espaço” corresponde à *Existência*, durante a qual como “*Seres Espirituais vivendo uma experiência humana*” – a trilogia de que todos somos formados (*Espírito, Alma, corpo*), estará de algum modo ligada ou em contato com a *Divindade*, que é o *Todo Espiritual* de que falamos e somos parte.

Como descendentes dos ancestrais hominídeos, constatamos que também eles são dotados de *Elétrons Espirituais* ou *Algo* semelhante, em virtude de as suas estruturas corporais, à semelhança das nossas, terem sido formadas por partículas elementares fundamentais e *Espirituais*, idênticas aquelas a que devemos a nossa *Existência* ou origem. Deste modo poderemos estender aos nossos ascendentes o status de seres racionais de que uso fruímos.

Nossos ascendentes ou antepassados, que de forma lenta e progressiva – de hominídeos decerto semelhantes e ou aparentados dos *Primatas Gorila, Orangotango e Chimpanzé* e por evolução e seleção natural das espécies – evoluíram até o *Homo Sapiens Sapiens*, a partir do *Homo Erectus* depois que este, descendo das copas das árvores para o solo, se ergueu colocando-se de pé, passando à fase seguinte que é o *Homo Habilis*, ou seja o habilidoso artesão.

Após ter substituído o *Homo Erectus*, o seu sucessor *Homo Habilis* trilhou o difícil caminho que o levou ao artesanato e lhe deu o nome; habilidoso artesão passou a produzir utensílios feitos à mão, trabalho que o obrigava a pensar, devido à necessidade de o cérebro imaginar e “projetar” os artefatos para conseguir construí-los; desse modo, tanto o novo ser como os seguintes foram-se lenta e progressivamente aproximando do racional *Homo Sapiens Sapiens*.

Foi pois a lenta, progressiva e contínua evolução, iniciada há milhões de anos, que ao hominídeo – mercê do aumento do volume

do crânio e do cérebro, junto com a postura vertical e **uso** das mãos – facultou o também lento desenvolvimento do intelecto, o que criou, ativou e ou aperfeiçoou a inteligência, fez surgir a consciência, propiciou a intuição, despertou a vontade, descobriu a cultura, edificou a personalidade, gerou o bom carácter, decidiu pelo livre arbítrio, assim acrescentando maravilhosos, brilhantes e distintos predicados e atributos, que o *Ser Humano* hoje ostenta.

Entretanto e após tantos e tão significativos progressos com tão importantes e expressivas melhorias, lamentamos que estas não tenham contribuído para impedir ou evitar, que a espécie humana ainda hoje mantenha, cultive e ponha em prática graves e condenáveis tendências instintivas e ou irracionais, que levam muitos de seus membros a cometer atos violentos e monstruosos, como sequestros e assassinatos que os igualam aos **ditos irracionais**.

Depois que as tribos passaram de nómades a sedentárias, e iniciada a produção e acumulação de bens, jamais muitos dos humanos deixaram de praticar delitos, com desavenças, desentendimentos e brigas – por exibição, ganância, inveja ou luxúria – combatendo-se como se fossem irracionais, matando-se violenta, irracional e impiedosamente, cometendo ações ilegais e antinaturais que a restante *Humanidade* repudia, recrimina e condena.

As guerras entre os homens – animais e sempre condenáveis porque antinaturais – são desumanas, selvagens, brutais e muitas vezes desencadeadas por motivos fúteis, motivos pessoais e ou estimuladas por interesses imorais e ilegítimos, questões que poderiam e deveriam ser solucionadas através do diálogo e do acordo, processo inteligente pelo qual a *Humanidade* tem a possibilidade e o dever de resolver todas as suas pendências.

Das antigas “*Teorias Morais, Sociais e Religiosas*” herdamos *Mandamentos, Princípios* ou *Deveres* que são indeclináveis *obrigações* a serem observadas pelos humanos; é o caso do *Mandamento* “*Não Matarás*”, perfeita e acabada norma social, que proibindo o cidadão de matar, a todos os outros concede o *Direito* à *(v)ida*, ou seja é um

Dever e um *Direito* de todos, indistintamente. Repare-se que a “*Declaração Universal dos Direitos do Homem e do Cidadão*”, ao outorgar-lhe *apenas direitos* comete grave falha, quando não alerta o cidadão que, antes dos *Direitos* e para poder uso fruí-los, tem *Deveres* a cumprir, normalmente designadas *obrigações, a que se é obrigado*.

Assim sendo e em contrapartida à “*Declaração Universal dos Direitos do Homem e do Cidadão*”, propomos à ONU a elaboração, aprovação e proclamação de uma equilibrada, efetiva e definitiva “*Declaração Universal dos Deveres do Homem e do Cidadão*”, dado que como afirmamos, todo o *Direito* ao cidadão atribuído lhe impõe a contrapartida de um dever que lhe corresponde e naturalmente dele derivado, o qual – recordando outro antigo *Mandamento* – consiste em “*não fazer aos outros o que não queremos que nos façam*”.

Na declaração proposta deverão constar as **indeclináveis** obrigações do *Ser Humano* perante todos os seus semelhantes, cujos *Direitos* a todos outorgados, também a todos obrigam a reconhecer como seus *Deveres*. Por aqui constatamos que há milhares de anos os sábios autores dessas *Teorias Filosóficas, Sociais e Religiosas* não apenas elaboraram e ou outorgaram *Mandamentos* aos cidadãos, como neles incluíram os correspondentes, indispensáveis e justos *Deveres*.

Assim procedendo, as declarações citadas comporão as *duas faces da mesma moeda*, e devem constituir a nova “*Bíblia*” de todos os cidadãos de todas as nações, no sentido de a todos manter sujeitos a regras, normas ou preceitos *Universais*, quando só uso fruírem dos seus *Direitos* sacu cumpram os *Deveres* a que são obrigados. Assim se deve legislar, exigir e fazer cumprir no mundo civilizado.

Declaração Universal dos Deveres do Homem e do Cidadão

Artigo I – Todos os homens nascem **livres, responsáveis e** iguais em Dignidade, Direitos, Deveres e ou Obrigações. São

dotados de razão, consciência, livre arbítrio, liberdade e responsabilidade, e devem agir – em relação aos seus semelhantes – com Espírito Humanista e de Fraternidade.

Artigo II – **Todos os homens têm** o DEVER de respeitar os direitos e liberdades dos outros homens, sem distinção de qualquer espécie, como etnia, **instrução**, religião, cor, sexo, língua, nacionalidade, ideologia política, origem, riqueza ou qualquer outra.

Artigo III – **Todos os homens têm** o DEVER de respeitar a Vida, a integridade física, a liberdade, a honra e a reputação de todos os outros homens.

Artigo IV – Nenhum homem pode escravizar, torturar, sequestrar, violentar ou, de qualquer modo, cercear ou limitar os direitos e liberdades dos outros homens.

Artigo V – **Todos os homens têm** o DEVER de em qualquer lugar, país ou território, respeitar os seus habitantes, as leis locais, a **sua cultura** ou usos, costumes, tradições, crenças e religiões.

Artigo VI – **Todos os homens têm** o DEVER de respeitar o direito à propriedade, à privacidade, ao bom nome e à inviolabilidade do lar e tranquilidade da família dos outros homens.

Artigo VII – **Todos os homens têm** o DEVER de respeitar a liberdade de pensamento, de expressão, de reunião, de associação, de opinião, de crença e locomoção dos outros homens.

Artigo VIII – **Todos os homens têm** o DEVER de respeitar e acatar, as legítimas leis e determinações de governos e Instituições, democraticamente eleitas ou constituídas.

Artigo IX – **Todos os homens, enquanto cidadãos** de uma comunidade, **têm** o DEVER de – na medida de suas possibilidades – contribuir para a manutenção e progresso da mesma, em justa contrapartida aos benefícios que pela mesma lhe são conferidos.

Artigo X – Nenhum homem pode aproveitar-se do seu mais elevado grau de inteligência, instrução, cultura, riqueza ou Poder,

para exigir, influenciar ou impor, aos outros homens, crenças, religiões, ideologias políticas, ou violar as suas consciências.

Artigo XI – Nenhum homem pode fazer justiça por suas próprias mãos, nem perseguir, ofender, ou vingar-se, devendo sempre recorrer aos tribunais ou ao Poder Público para obter justiça.

Artigo XII – **Todos os homens têm** o DEVER de – em quaisquer lugares, ocasiões ou circunstâncias – comportar-se com dignidade, honestidade, civildade e urbanidade, e colaborar com o Poder Público em situações de infração da lei, da ordem e da tranquilidade, obrigando-se por todos os meios ao seu alcance, a tentar evitar a prática de infrações, violências e crimes.

Entre os cidadãos – *a moral, a ética, os princípios, o carácter, a dignidade e de um modo geral todos os grandes valores que devem timbrar o comportamento humano* – ou seja, o correto proceder, boa formação e perfeita educação devem caracterizar o *Ser humano* e revelam-se através do seu comportamento em família e sociedade no dia a dia, manifestando-se efetivamente pelo modo como agem, pelas palavras que proferem, pelos atos que praticam e no que escrevem.

Entretanto os *Seres Humanos*, terão um comportamento civilizado e digno se agirem iluminados pela inteligência, quando se comportarem guiados pela moral e pela ética ou se atuarem movidos pela dignidade; mas para assim agir necessita o humano possuir excelente educação desde o berço, boa instrução e melhor formação, valendo-se de todo o seu saber – conjunto de conhecimentos adquiridos – e deixando-se conduzir pela moral; nestas condições e circunstâncias, o ser humano comportar-se-á com elegância, nobreza e fidalguia atingindo o estatuto de erudito ou sábio.

Cumprindo fielmente todas os ditames, normas e princípios que regem as sociedades humanas civilizadas; respeitando o conjunto de elevados preceitos da ética humanística; mantendo um nobre, digno e elevado procedimento em sociedade, o homem – cujo comportamento seja alicerçado na honestidade, com profundo sentimento de justiça, respeito e desinteressado amor ao próximo, sempre promoverá o *Bem* dignificando a sua *Comunidade*.

CAPÍTULO PRIMEIRO

Essência

“Aqueles que passam por nós, não nos deixam sós, não partem sós. Deixam um pouco de si, levam um pouco de nós”.

(Saint Exupéry)

“O mais difícil e obscuro dos livros sagrados – Genesis – contem tantos segredos quantas palavras, e cada palavra oculta vários daqueles”. (São Jerônimo, coordenador dos 70 tradutores da Vulgata)

Revelação de quem tinha toda a autoridade para fazê-la, não apenas como tradutor dos Livros Sagrados, como ainda enquanto coordenador dos setenta outros sábios tradutores. Após analisar, cotejar e traduzir os manuscritos que deram origem aos *Livros da Bíblia*, decerto São Jerônimo tomou consciência de todas as falhas e deficiências daqueles manuscritos e das dificuldades que enfrentou, pelo que emitiu as opiniões antes referidas.

“O conhecimento científico atual aproxima-se – vertiginosamente – do conhecimento metafísico clássico”.

“O misticismo indiano – e o hinduísmo em particular – reveste suas afirmativas sob a forma de mitos, através do uso de metáforas e símbolos, de imagens poéticas, de comparações e alegorias. A linguagem mítica acha-se muito menos acorrentada à lógica e ao senso comum”.

“A rica imaginação indiana criou um vasto número de deuses e deusas, cujas encarnações e proezas constituem o tema de lendas fantásticas, reunidas em épicos de grandes dimensões”.

“À medida que o deus fala, o cenário realista da guerra entre as duas famílias perde seus contornos, e fica claro que a batalha de Arjuna é,

em verdade, a batalha espiritual da Natureza humana, a batalha do guerreiro em busca da iluminação. O próprio Krishna aconselha Arjuna: “Mata então com a espada da sabedoria, a dívida nascida da ignorância, que jaz em teu coração. Fica em harmonia contigo mesmo – em Yogu – e ergue-te, grande guerreiro, ergue-te”.

(in “O Tao da Física”, Fritjof Kapra)

Analisando os mistérios da (V)ida à luz do misticismo dos clássicos, e cotejando o resultado com os dados científicos da ciência atual – ou seja, confrontando as teses dos antigos filósofos, com as conclusões dos cientistas de nossos dias, e interpretando a filosofia e o misticismo dos antigos à luz do avançado conhecimento científico do presente – podemos admitir que, em ambos os casos, uns e outros chegaram a conclusões parecidas, próximas ou coincidentes.

J.V.

Dadas a complexidade da leitura, interpretação e tradução dos originais dos designados *Livros da Bíblia* – manuscritos a partir do séc. XV a.C. em mais de um idioma, grafados em dois ou três alfabetos diferentes e redigidos por muitos autores em lugares ermos e condições precárias, quando utilizaram materiais de escrita primitivos – não será surpresa a afirmação de São Jerônimo:

“O mais difícil e obscuro dos livros sagrados – Gênesis” – que contem tantos segredos quantas palavras, e cada palavra oculta vários daqueles”,
pronunciamento transcrito no início do presente capítulo.

Por sua vez, as complexas circunstâncias que envolveram e dificultaram a coleta e tradução de escritos por parte dos muitos autores que redigiram os *Livros da Bíblia*, decerto deram lugar a interpretações equivocadas, traduções deficientes e confusas e conclusões naturalmente deformadas; além disso não podemos deixar de ter em conta que, a **hipotética tradução** desses escritos, se verificou a partir do século XV a.C., (“data” do suposto primeiro livro de “Moisés” há perto de

3.500 anos), e a tradução para a Vulgata, entre o final do séc. V e o início do IV d.C., ou seja, há cerca de mil e seiscentos anos.

Quando convocou 70 (setenta) eruditos (sábios) membros do Vaticano para a tradução dos livros bíblicos daquela que seria a *Vulgata-Bíblia dos 70*, São Jerônimo já avaliaria a dificuldade da tarefa a enfrentar. Havia que descobrir, compilar, ordenar, decifrar, interpretar, selecionar e traduzir os manuscritos confusos e por vezes contraditórios, que dariam origem aos *livros da Bíblia*. Assim a primeira tradução daqueles para grego e latim teria sido um trabalho inédito, minucioso e demorado, mas sobretudo exaustivo.

Deste modo os “sábios” tradutores coordenados por São Jerônimo (340/430 d.C.) transformaram *os livros* na mundialmente conhecida e respeitada “*A Bíblia*” ou o “*O Livro*”, gigantesco repositório das antigas tradições orais da Galileia e da Judeia, que vinham sendo transmitidas ou contadas pelos bardos, ao longo de séculos, aos analfabetos e ignorantes povos dessas regiões.

Fazendo uso de parábolas e metáforas, os *relatos simbólicos de difícil interpretação* dos *Livros* de “*A Bíblia*”, transcritos de antiquíssimos originais e talvez acrescentados com depoimentos, deles não se poderá esperar total, perfeita e rigorosa precisão de conceitos ou até mesmo concordância de ideias, tendo em especial conta que os primeiros – atribuídos a Moisés – “escritos” há mais de 3.000 anos (insistimos), “entre os séculos XIV/XIII a.C.”, talvez em caracteres hieroglíficos egípcios, em lugar incerto e naturalmente usando materiais de escrita precários e de pouca durabilidade.

O conceito da palavra *Essência* reporta-se à origem, formação e ou *Natureza* de *Tudo*, e de *Todos*, sendo um vocábulo que nos faz lembrar as substâncias aromáticas e ou voláteis como perfumes (essências) e álcool (aguardentes e outros destilados), e define, caracteriza e identifica o que de mais significativo, central, importante e expressivo existe em *Algo* ou *Alguém*, a conferir-lhe originalidade, personalidade, carácter e identidade próprias.

Deste modo e definitivamente, *Essência* refere-se, significa ou identifica a proveniência e singularidade originais e permanentes do *Universo* (o *Espírito*, o *Ser*), da (*Vida Espiritual* que com *Ele* nasceu e do *Homem* que surgiu muito mais tarde, de acordo com a ciência - ou **quase simultaneamente** - segundo *G:enesis* (Bíblia), dado a que nos referimos quando transcrevemos a *Encíclica* "***Humani Generis***".

O segredo da *Essência* – que à *Existência* conduz – residirá no fato de as partículas elementares subatômicas e *Espirituais*, que se caracterizam pelos dados referidos em parágrafo anterior, apenas se consolidarem ou materializarem ao agregarem-se para a formação das estruturas da matéria corporal, altura em que os *Seres Espirituais*, poderão ainda “assumir” a materialidade dessas estruturas, transformação que levou *Pierre Teilhard de Chardin* a afirmar:

“*Somos Seres Espirituais passando por uma experiência humana*”.

A expressão “*Ser ou não ser*” – simples mas lapidar frase em que o mestre *Shakespeare* resumiu o drama de *Hamlet*, aplicar-se-á à circunstância de sermos *Espírito*, de acordo com a primeira situação a que alude Chardin: “*Somos seres Espirituais*”, mas após o *Espírito* (partículas elementares e *Espirituais*) se “agregar” às estruturas da matéria corporal, suposto é tornarmo-nos *Seres Ternários* – *Espírito, Alma e corpo* – na certeza de, com o corpo, estarmos provisoriamente, “*Passando por uma experiência humana*”.

Esse será o citado “complexo” dilema da *Essência* (espiritual), rumo à *Existência* (humana), em consequência da proveniência *Espiritual Universal* da primeira, e da formação e permanência física na *Terra* da segunda, também ela de origem *Universal*, mas que apenas no *Globo Terrestre* se concretiza, materializando-se onde (*É*) ou (*Está*) passando a existir no *Globo*, mas continuando a “*Ser*” no *Todo Universal*. Estamos deste modo perante situação parecida ao discurso “*Ser ou não Ser=To be or not to be*” de Mestre *Shakespeare*.

Entretanto o vocábulo *Essência* – enquanto gênese, origem, nascimento ou *natureza das coisas e dos seres* – define, caracteriza e identifica o que de mais significativo, expressivo, central, importante e original existe, se concretiza ou *se manifesta em algo, alguém ou algum lugar*, a conferir-lhe singularidade intrínseca, personalidade própria, carácter específico e inconfundível identidade. Trata-se, deste modo, da característica primordial, permanente e definitiva que explica, define, concretiza e materializa o *Ser*.

Deste modo constatamos que a *Essência* do *Homem* (explica, caracteriza, identifica e define o *Ser Humano*), no que concerne a sua remota e *Espiritual* origem; entretanto terá sido obra tardia e de prolongada, lenta e sequencial evolução (segundo a *Teoria da Evolução das Espécies*, de Darwin), durante a qual aprimorou os caracteres iniciais e individuais, entendidos estes como os atributos originais do *Hominídeo*, na sua caminhada terrena rumo ao *Homo*.

A partir do início da evolução do citado *Hominídeo*, cada um dos diferentes *Homo* dele derivados seriam *Seres Únicos*, específicos e singulares, pois – à semelhança das impressões digitais – dificilmente existirão dois seres rigorosamente iguais entre si; daí a imperiosa e incontornável necessidade de todos os homens serem iguais perante a lei, condição por essa mesma lei imposta, mas jamais aceite ou respeitada por todos, em especial pelos seus próprios autores.

Relativamente à *Essência* de *seres e coisas concretas*, que entendemos como a sua *Criação*, constituição, formação ou origem, reiteramos que esta origem se reporta à causa original, primeira, principal e determinante, enquanto realidade objetiva, talvez só apercebida por uma visão da consciência intuitiva ou ‘inteligência interior’, conscientização apenas e só devidamente apercebida por mentes muito esclarecidas ou privilegiadas.

Para alguns filósofos a *Essência* parece confundir-se com o *próprio Ser*, o que explica o fato de muitos *Seres Humanos* encararem a *Essência* do *Universo* e dos *Entes* como obra *Divina*. Não admira, pois – e perante a *transcendência* do tema – que desde a tomada de

consciência da *Humanidade* tenham surgido tantas *Teorias Sociais, Filosóficas e Religiosas* abordando os mistérios do *Além*, da *Vida*, do *Universo* e do *Homem*; tenham sido fundadas e implantadas religiões, enquanto se *imaginavam* e ou “*criavam*” o *Deus dos monoteístas*, que substituiria os deuses mitológicos e do *Olimpo*, no caso dos gregos.

As citadas *Teorias ou Filosofias Sociais e Religiosas* acabaram facultando a criação de religiões, credos, dogmas e liturgias, mas também de imaginários e fantasiosos lugares santificados tais como *Céu, Purgatório e Inferno*, e até mesmo de muitos “santuários” e “campos santos” concretos ornados com megalitos (menir) simbólicos, onde por vezes fragas (rochas alongadas) com rebaixamentos em forma de corpo humano, teriam sido usadas para “sacrifícios” aos deuses durante cerimônias ditas religiosas.

Nesses “campos santos”, além de animais, sacrificar-se-iam aos deuses *até Seres Humanos* com argumentos absurdos, tais como “*para os acalmar, agradecer favores ou, simplesmente, satisfazer desejos e vinganças*” Neles encontramos também os *dolmens* ou *antas* – pequenos monumentos servindo de cemitérios no topo de colinas, constituídos por “corredores” ou túneis cobertos com grandes lajes de pedra, onde se depositavam os corpos dos humanos idosos e defuntos, ou em fase terminal, as quais ainda hoje se encontram disseminados um pouco por toda a Europa.

Em definitivo, o vocábulo *Essência* – derivado do latim “*essentia*”, de *essere*, *essência* = “*aquilo que constitui a natureza de um ser, de algo, alguém ou alguma coisa; carácter essencial, especial, fundamental ou mais importante, que confere identidade e personalidade a coisas e seres; argumento principal, origem, fundamento, Espírito*”; a palavra vem sendo usada com frequência em expressões tais como: “*o amor é a essência da vida; essência das religiões; essência das leis; essência da ética e ou da moral*”.

O verbo *ser*, ou o *Ser* – do latim *sum* = sou, reporta-se à *Existência*, mas são também e ainda entendidos no sentido de *cópula*, como no caso do verbo grego *sumi*, da raiz *bhene bhv*, cujo significado é precisa e concretamente “*fazer nascer*”, fato que nos conduz ao ato

de procriar – ou fazer crescer – o que implica necessariamente alimentar, proteger, amparar, educar, cuidar.

Entretanto “*ser*” pode significar também *ter qualidade*, característica ou propriedade que lhe será intrínseca, ou mesmo *ter existência real, existir, viver, ser, aquilo que existe, que possui ou tem realidade, ter ou ocupar lugar, ficar, ter existência ou estar, ter presença*, quer seja individualmente ou formando e constituindo grupo, conjunto em número ou quantidade especificada e qualificada.

Mas *Ser*, significa também e ainda *Ter = Essência concebível graças ao pensamento*, ou *Existência observável graças aos sentidos*; pelo exposto *ser* implica assim e sempre o *estar* (inglês *to be* = ser ou estar), que é a situação ou circunstância característica e própria – por exemplo – de qualquer mandatário, como um presidente, (ou comandante, ministro, diretor, chefe, etc.), cujo cargo ou função é por tempo limitado ou pré-determinado, não definitiva, razão porque costumam dizer: estou presidente; a “circunstância”, situação ou fato de “estar” alterar-se-á no caso de reis vitalícios.

Já *existir* implica *ter existência real*, enquanto o “*ser*” – ex. “sou médico” – tem significado ou sentido diferente do “*ser*” em “*sou deputado*”, quando no primeiro caso se trata de uma profissão ou ocupação definitiva especial, que exigiu formação qualificada e especialização acadêmica, e no segundo refere-se a um cargo ou função transitória, não qualificada, o que – à semelhança de presidente – pode ser substituído por “estou deputado”.

Ampliando o espectro dos possíveis significados de *ser*, achamos oportuno referir que em certos casos, o verbo *ser* pode não apenas significar *estar*, mas também e ainda *ter e fazer*, como nas situações antes apontadas – *fazer nascer e ou fazer crescer* – quando o nascer e o crescer impõem e obrigam aos atos concernentes e necessários *ter e fazer* tanto quanto ao *fazer nascer* (cópula) como ao *fazer crescer* (cuidar, alimentar, educar, etc.).

Em conclusão não será especulação afirmarmos que *somos* porque *estamos*, ou *estamos* porque *somos*, mas ainda que *somos* porque

temos ou *somos porque fazemos*; recapitulando, somos administradores porque temos o curso de administração, mas também e ainda porque *administramos algo*, como Estados, nações, instituições, empresas, sociedades, propriedades, associações.

Somos *Seres* ou *Entes* = o *que é*, o *que existe*, o ser humano, a pessoa, o indivíduo, tudo e todos que supomos existirem – o que abrange todos e cada um dos seres existentes, *da ou na realidade circundante*, como os seres vivos, os seres humanos, os *objetos do pensamento e ou da Natureza* – os quais não se podem confundir com o *Ser* em si, que consiste – enquanto *Ser* – na *realidade absoluta*.

Enfatizamos que *Essência* – enquanto conjunto de caracteres, propriedades ou qualidades que caracterizam a natureza específica de um princípio, sentimento ou indivíduo (*Ser*) – inclui deste modo a globalidade dos atributos, caracteres ou características pessoais, individuais, singulares e fundamentais mais importantes – quando caracterizam, tipificam e definem algo ou alguém.

Temos que *Essência* ou origem será sempre – ou deverá ser – uma característica singular, especial e única, elevada e digna, respeitável e nobre. Em princípio na *Natureza* tudo começa com a garantia ou convicção de que termina – tudo e todos terão começo, meio e fim – exceção feita aos *Seres Espirituais*. Deste modo nascemos como humanos já “condenados” à morte, de que temos a certeza fatalmente chegará; e sobre essa morte após a *Degenerescência*, ignoramos apenas quando, como e onde ocorrerá.

Sobre o fim da *Existência Humana* ou *experiência humana no Globo Terrestre*, sabemos que ocorrerá no decorrer – ou aproximadamente – em um século após o nascimento, por esse ser o atual limite superior da esperança de vida dos humanos. Entretanto a *Essência* enquanto “Mãe” – e à semelhança da (*Vida Espiritual*) – será eternamente origem ou natureza dos *Entes* ou *Seres Universais*, dado que se confunde ou identifica com o próprio *Universo*.

Já referimos que na língua de *Shakespeare* existe o verbo *To Be* = ser ou estar, ou o *Ser* e o *Estar* – relativo a algo ou alguém que

está (e se manifesta), portanto que *existe* (É) e estará situado em algum lugar, de vez que *quem* (ou o que) *está*, *É*, e necessariamente *existe*; deste modo e definitivamente *ser* é *estar*, assim como *estar* é *ser*; daí a questão Shakespeariana: “*Ser* (estar), ou *não Ser* (não estar), *eis a questão, aqui está a questão*, ou *essa é a questão*.”

A *Criação* descrita em *Genesis* (Bíblia) – caso se referisse a um ato ou ocorrência exclusivamente concernente à *Criação* dos *humanos* – que até prova em contrário existem apenas no *Globo Terrestre* – teria que ser encarada como um ato isolado apenas dedicado ao *Homem* enquanto ser vivo e animal, abstraindo do *Espírito Humano*, que em algum momento teria que *encarnar* ou *incarnar* no corpo, bem como a *Alma do Ser Ternário* (*Espírito*, *Alma*, *corpo*) que é o *Homem*.

Simbolicamente representadas pelo pó e pelo barro – “*Do pó viemos e ao pó retornaremos*”, e após o “*esclarecimento do Papa Pio XII através da Encíclica “Humani Generis”* – as partículas elementares fundamentais e *Espirituais* devem ter-se agregado ao corpo quando formaram as estruturas da matéria, como temos vindo a afirmar. Entretanto, e admitindo que os *Elétrons Espirituais* se encontram nessas estruturas da matéria, podemos admitir a hipótese de estes se confundirem ou mesmo coincidir com partículas.

Creemos que a *Essência* do *Espírito*, dos *Seres* e dos corpos – que, repetindo, entendemos como a sua formação, constituição e origem – será a criação original, primeira e principal do *Mundo*, *Universo* ou *Cosmos* enquanto realidade absoluta, mas muito mal explicada pela ciência através do *Big Bangue*, fato que se repete com a *Expansão do Universo* também ela recheada de contradições, dúvidas, anomalias e explicações pouco convincentes.

Parecendo confundir-se com o *Espírito* ou com o próprio *Ser*, a *Essência* – do latim “*Essência*, de “*essere*” = ser, existir, aquilo que constitui a *natureza de uma coisa*, que muitos crentes encaram como *Divina* como resultado de sua “origem” – *Criação Bíblica relatada em Gênesis* – é cada vez mais debatida, após as recentes descobertas da física atômica e quântica, e em especial depois da proclamação do

Papa Pio XII na *Encíclica “Humani Generis”* e da apresentação da *“Teoria da Evolução das Espécies”* de Darwin.

Abordando, analisando e comentando o tema *“Essência da (V)ida”* – origem, composição, formação e evolução de suas várias fases, que serão semelhantes para as *(v)idas* terrenas, da *(V)ida do Todo Universal* – deparamo-nos com dúvidas intransponíveis, dilemas angustiantes e mistérios desafiadores, que apesar do espetacular avanço da ciência e da filosofia continuam sem resposta adequada, ou solução convincente desde há vários milhares de anos.

As dúvidas atrás citadas dizem respeito ao *Homem/ Humanidade* – *Ser* perfeito (quase) e acabado, naturalmente animal superior porque inteligente, dotado de elevados caracteres e ou atributos singulares, especiais e exclusivos, tais como *raciocínio, consciência, livre arbítrio, capacidade de modificar a própria Natureza, vontade, imaginação criadora e intuição*, além de muitas outras qualidades, capacidades e habilidades que lhe são próprias.

No decorrer do presente discurso, tentaremos interpretar e definir a complexa ideia ou conceito de *Essência*, enquanto *causa, origem* ou *Criação* da *(V)ida Universal do Espírito* e ou da *(vi)da humana terrena*, as quais parecendo diferentes ou complementares, sempre estarão juntas enquanto durar a *experiência humana* da *(V)ida Espiritual* (no Globo Terrestre), onde essa experiência se assemelha a uma delicada simbiose que, como as moedas tem duas faces, à semelhança das duas *(V)idas* ali agregadas.

Quando falamos de estruturas da matéria, referimo-nos aos “corpos” resultantes da agregação das partículas elementares *Infinitamente Pequenas* e *Espirituais* – as mais simples partículas subatômicas conhecidas – que se juntaram para a composição e ou formação dessas estruturas, e delas se desagregam ou desprendem ao longo da fase final da sua *(v)ida humana*, ou seja com a *Regenerescência*, altura em que regressarão às origens.

Insistimos que segundo *“A Bíblia”* – (Genesis, cap. 1,27 – *“Criou Deus o Homem à sua semelhança”*) e (idem 1,2/7) – *“O Senhor*

Deus formou o homem do pó da Terra...à sua imagem". Analisando o *texto Bíblico*, podemos inferir não apenas ter *Deus* criado o *Homem* a partir do *Espírito* (à sua imagem), como ainda – *criando-o do pó da Terra*, (matéria composta de átomos e moléculas, cujas estruturas foram formadas por partículas elementares e *Espirituais*, que *Espíritos* são), e serão parte do *Espírito ou Todo Universal*, que identificamos com *Deus*, o *Espírito dos Espíritos*.

Insistimos ainda que na encíclica "*Humani Generis*" proclamada no Vaticano em 1950, o *Papa Pio XII* considerou e classificou o *texto Bíblico sobre a Criação* como "*simbólico*", "*por ter sido escrito para que as pessoas ignorantes o entendessem ao ouvi-lo ler*", esclarecendo ser: "*razão pela qual não deve ser considerado como relato científico estrito do que ocorreu na Criação*".

Perante o pronunciamento do então chefe máximo da *Igreja Católica*, que terá sido também um dos mais sábios, prudentes e sensatos *Papas de todos os tempos*, e face à interpretação descrita no parágrafo anterior, não podemos deixar de estar plenamente de acordo com a tese/explicação papal, especialmente quando sabemos que o próprio *Messias Jesus Cristo*, em suas pregações, fazia frequentemente uso de metáforas e ou parábolas metafóricas.

Composto *ternário* formado por *Espírito, Alma e corpo* (já antes o afirmamos), o *Ser Humano* é um *Primata* que não se descartou totalmente do animal "irracional" que era, antes de passar a racional e superior, como resultado de uma evolução profunda, longa e penosa, iniciada entre quatro e cinco milhões de anos atrás, quando o *Hominídeo* era habitante da floresta e morava nos ramos das árvores, deslocando-se de galho em galho como os atuais símios.

De acordo com o antes exposto, os humanos poderão continuar sendo uma espécie de "simbiose" – animal e *Ser Humano* racional – sobressaindo o *Homo Sapiens Sapiens* que é. Assim sendo e para se chegar a uma *Humanidade* plenamente equilibrada, civilizada e não violenta, muito terá ainda o atual *Ser Humano* que evoluir, muito mais que aprender e que se aperfeiçoar.

Aparentemente ousada, talvez injusta ou precipitada e possivelmente exagerada, a afirmação de que os *Seres Humanos* continuam sendo algo do irracional que foram, não deixa de ser oportuna e razoável, por não existirem quaisquer dúvidas de que o *Homem*, apesar de inquestionavelmente racional, mantém práticas puramente instintivas e ou impulsivas (irracionais) que não “consultam”, não obedecem ou não dependem da inteligência.

A evolução do *Hominídeo* antes referida foi sucessivamente produzindo, criando ou formando várias e variadas espécies de *Homo*, desde o inicial *Homo Erectus* – o primeiro a deslocar-se ereto usando para se locomover apenas os membros inferiores antes posteriores, se bem que, nos primeiros tempos se deslocasse inclinado para a frente e amparado pelos agora membros superiores. Assim deve ter sido a fase de transição dos antes selvagens e “símios” quadrúpedes para a bípede espécie *Homo Erectus*.

Definitivamente de pé, a esse *Homo Erectus* seguiu-se o *Homo Habilis* – assim chamado por se ter tornado um habilidoso artesão – após aprender a confeccionar os artefatos de que necessitava para a sua sobrevivência, e que terá sido o responsável maior pelo grande crescimento do cérebro e conseqüente desenvolvimento da mente ou intelecto; milênios depois e após várias espécies intermédias, surgiu o *Homem de Neandertal* ou *Neandertalense*, o primeiro *Homo Sapiens* que viveu entre cerca de 300 mil até 35.000 anos a.C..

“Não somos seres humanos passando por uma experiência espiritual; somos seres espirituais, passando por uma experiência humana”.

(Pierre Teilhard de Chardin, filósofo e jesuíta francês)

“O microcosmo homem é – por sua constituição ternária (Espírito, Alma, corpo) – a imagem e espelho do Macrocosmos Universo (mundo divino, mundo humano e mundo natural), que é propriamente o órgão do Deus Inefável, do Espírito Absoluto, o qual é – por sua Natureza – Pai, Mãe e Filho (Essência, Substância e Vida). (Eduard Schuré, (in “Os Grandes Iniciados)

Só analisando atenta, profunda e cuidadosamente as diversas fases pelas quais passam os *Seres Humanos* ao longo de sua existência – que consistirá na permanência/passagem pela *Terra* de no máximo cerca de um século entre o “nascimento e a morte”, ou mais precisamente desde a formação do óvulo e do espermatozoide, de cuja fusão ou fertilização do primeiro pelo segundo resulta o feto humano – e o nascimento e a morte, dizíamos, só assim podemos avaliar a interdependência das fases descritas.

Apesar de normalmente considerarmos o feto humano como o primeiro estágio ou primeira fase da (*v*)*ida* de um novo ser, será de considerar que a primeira etapa ou estágio inicial do corpo humano, coincidirá com a formação ou criação do óvulo e do espermatozoide, uma vez que estes não apenas dão origem ou iniciam a formação do feto, como após a fecundação passam a fazer parte integrante dele, por terem sido pelo corpo absorvidos.

Imaginamos que para a formação das estruturas do óvulo e do espermatozoide, as partículas elementares e *Espirituais* se agregaram como ocorre em qualquer outro corpo, e do mesmo modo para a fecundação; assim deve acontecer imediata e continuamente, com a agregação de partículas elementares fundamentais e *Espirituais*, levadas ao feto pelo sangue da mãe durante os cerca de nove meses de gestação, período durante o qual – e através do cordão umbilical – o alimento necessário à nova (*v*)*ida* estará garantido.

Após o “nascimento” do bebê inicia-se o crescimento caracterizado por fases, fato que não é exclusividade dos seres humanos, pois do mesmo modo todos os animais nascem, crescem, vivem, envelhecem e morrem, evoluindo fisicamente e, se bem que apenas em parte também “culturalmente”, se é que pudemos designar cultura em relação aos chamados irracionais, que do mesmo modo crescem, criando hábitos e adquirindo costumes.

De um modo geral, após o nascimento de todo e qualquer ser vivo, e passado o crescimento e um maior ou menor tempo de vida, segue-se – inexoravelmente – a *Degenerescência* seguida da morte física,

fatos sequenciais que ocorrem sempre do mesmo modo entre todos os seres vivos do *Globo Terrestre*, quer se trate de *animais, vegetais ou minerais*; formados, constituídos e estruturados pelas antes citadas partículas elementares, que sem perder a sua condição *Espiritual*, incorporam a matéria quando elaboram as estruturas dos corpos.

O Espírito

“Existe uma realidade profunda, presente em todo o Universo, que é capaz de fazer ‘nascer’ o pensamento no espaço, no mesmo sentido em que um elétron é capaz de fazer ‘nascer’ em torno de si um campo magnético...dentro de cada homem há individualidades microscópicas que pensam, que sabem, que transportam o Espírito dentro do Universo, e que podemos chamar – segundo os antigos gnósticos, de éons”.

(Jean Sharon, in “L’Esprit, Cet Inconnu”, Paris, 1977)

O conceito do vocábulo *Espírito* – do heb. *Ruah* = espírito, (vento, sopro), do gr. *Pneuma*, (sopro, ar, vento), e do lat. *spiritus*, de *spirare* = respirar; o conceito dos vocábulos confunde-se por vezes com a ideia de *Alma*, *Nefesh* (hebraico) e *Psyché* (grego), vida, alento, princípio da vida em *homens e animais*. Entretanto a palavra ou vocábulo *Espírito* – desde a antiguidade – vem sendo utilizado para expressar outros conceitos como *Alma* e ou *Deus*, além dos citados no verbete do dicionário Houaiss abaixo transcrito.

Elemento fundamental do corpo humano, como dissemos formado pela Trilogia “*Espírito, Alma, corpo*”, o *Espírito Humano* será *Algo* metafísico e ou transcendente, invisível e imaterial, gerador, origem ou fonte dos fenômenos psíquicos e princípios morais e éticos, do *Bem* e do *Mal*, pelo que desempenhará uma função determinante, central e decisória e ou decisiva relativamente à (*V*)*ida* do *Homem* e à história da *Humanidade*.

Espírito, “Entidade sobrenatural ligada ao bem e ao mal; “substância” imaterial, incorpórea, inteligente, consciente de si, onde se situam os processos psíquicos, a vontade, os princípios morais; princípio dinâmico, infinito, impessoal e imaterial, que conduz a história da Humanidade, e que se concretiza plenamente neste processo em seu final, quando se manifesta no Ser humano, como plena razão e liberdade”.

(in verbete dicionário Houaiss)

Dada a correspondência, semelhança ou mesmo identidade entre o conceito de *Espírito* expresso pelo dicionário e aquele a que antes nos referimos – dadas as limitações, fragilidade e curta duração ou temporalidade dos corpos e da maior parte dos seres, em relação à *grandeza, imensidão, idade e mistérios do Universo* e tendo em vista as comprovadas *fraqueza e insignificância humanas*, versus *Grandeza Divina* – não será blasfêmia, sacrilégio ou sequer desrespeito admitir que o *Espírito Humano* seja uma ínfima parcela do *Espírito Universal Divino*, que o mesmo é dizer parte de *Deus*.

Enfrentando grande dificuldade em definir ou elaborar um conceito satisfatório que simultaneamente defina, caracterize e identifique o *Espírito Humano*, vemo-nos na necessidade de recorrer ao exemplo dos *Elétrons Espirituais*, que no *Globo Terrestre* – sem perder a sua condição *Espiritual* – elaboram as estruturas da matéria dos corpos neles encarnando, assim incorporando ao *Ser Humano* que somos *Algo do Espírito* de onde todos viemos.

Além da *grandeza Divina* falta-nos, entretanto, descobrir as diferenças essenciais entre os dois citados *Espíritos*, as quais decerto dever-se-ão ao fato de o *Espírito Humano* se encontrar “preso” ou associado às estruturas da matéria que nos forma e do corpo de que faz parte, e de o *Espírito Universal* se encontrar livre e solto na *Natureza*, que será o *Universo* com suas características próprias.

Pronunciando-nos e especulando assim acerca de *Algo* tão profundo, sério, expressivo, complexo e desconhecido, mas sobretudo transcendente e indecifrável, como são o *Espírito Humano* e o *Espírito dos Espíritos*, corremos o risco de ser rotulados com nomes

que não merecemos, ou mesmo classificados como ateus que nunca fomos, ímpios que jamais seremos ou agnósticos, o que em hipótese alguma admitimos ser.

Considerando ainda as comprovadas insignificância, fragilidade e instabilidade humanas, versus “*Grandeza Universal* e ou *Divina*”, não seria “pecado” admitir que o *Espírito Humano* – ou os “*Elétrons Espirituais*” que lhe darão consistência e em nós habitam e agem – seja como que um “*filho, dependente* ou *agregado*” do *Todo Universal*, enquanto onnipresente e onnisciente *Espírito Divino* que pelos crentes foi imaginado, neles “habita” e por eles é idolatrado.

Segundo o teólogo, filósofo, escritor e padre jesuíta francês *Pierre Teilhard de Chardin*:

“Não somos seres humanos passando por uma experiência Espiritual; somos Seres Espirituais passando (na Terra) por uma experiência humana”. Esta será uma tese de fácil compreensão e defesa e fácil também de aceitar; sendo *Seres Ternários* – porque formados ou constituídos por corpo, *Espírito* e *Alma*, esta decerto “elo de ligação” entre o *Espírito* e o corpo através do “pensamento” do primeiro e da fala glótica do segundo, a que podemos acrescentar sensações e emoções.

Entretanto, a tese do filósofo e jesuíta francês não será apenas perfeitamente compreensível, aceitável e ou admissível, como ainda é irrefutável, em especial face às mais recentes descobertas da ciência, que nos revelam, demonstram e comprovam serem todos os corpos constituídos por partículas elementares e ou fundamentais, subatômicas e, insistimos nós, sobretudo Espirituais, que se agregam para formar as estruturas de matéria dos corpos, neles se incorporando (ou encarnando), sem abandonar a sua condição Espiritual, assumindo assim a sua dualidade ou dupla condição de espiritualidade e materialidade.

Voltando à tese do filósofo, escritor e jesuíta francês padre *Pierre Teilhard de Chardin* e aos atributos ou caracteres do “*Elétron*

Espiritual”, e face à relativamente “curta” experiência humana dos *Elétrons Espirituais* no nosso corpo, admitimos que podem ocorrer várias ou muitas *reencarnações das partículas elementares* e ou dos *Elétrons Espirituais*, ou seja, em tese existe a possibilidade de estes repetirem no *Globo Terrestre* a experiência de *(v)ida humana*.

Jean Sharon, o notável autor francês já antes citado, confere e atribui aos “*Elétrons Espirituais*” status de *Seres Espirituais Universais* completos, perfeitos e acabados, ou seja, reconhecendo-lhes todos os atributos *Espirituais*, apesar de – enquanto *Elétrons* – serem efetivamente componentes dos átomos e consequentemente de todas as moléculas materiais que compõem todos os corpos.

Na situação descrita no parágrafo anterior, encontramos-nos de novo perante uma questão para nós insolúvel: em que circunstâncias os *Elétrons Espirituais* elaboram as estruturas da matéria e a estas se **agregam ou nelas** “encarnam”, como se de uma “simbiose” se tratasse.

Mais uma vez admitimos que as atribuições ou funções da *Alma Humana* – quiçá do *Espírito*, ou de ambos – como o raciocínio e ou pensamento, que será o grande ou principal *atributo* ou *caractere da inteligência*, cuja operação de raciocinar segundo Jean Sharon: “*pode ser exercida no espaço pelos Elétrons Espirituais*”, a decerto “confirmar” serem as principais funções mentais e ou cerebrais, obra do *Espírito*. Assim sê-lo-ão também – total ou principalmente – destes *Elétrons*.

Ainda segundo Jean Sharon:

“...sabemos que cada uma das células de nosso corpo possui os mesmos cromossomos, quer esta célula pertença à ponta de nosso dedo ou ao encéfalo...” “...cada uma destas partículas físicas, compondo os cromossomos, conteria a quantidade de informação que associamos habitualmente ao conjunto do jogo cromossômico, em um dado indivíduo...”.

“Com efeito, cada partícula possui uma história, que remonta a todo o passado do Universo; isto significa que cada partícula viveu uma experiência

diferente da de sua vizinha, antes de participar com ela, da mesma estrutura complexa, viva e pensante”.

(In “L’ Esprit, Cet ‘ Inconnu”, Jean Sharon, Paris, 1977, pag.12 e 33)

A Alma

Do hebreu. *Nephesh* = ser que respira; do gr. *anemos* = sopro, vento, e *psyqué* = criatura, ser, vida; do lat. *anima* = princípio da vida e da afetividade, ou *animus* = *Espírito, princípio do pensamento, das ideias e da atividade intelectual*; a *Alma* é o ente que em nós sente (*anima*), e que em nós pensa (*animus*), ou seja, a *Alma* é a (*v*)ida da nossa (*V*)ida, enquanto *Ente* intermediária entre o corpo e o *Espírito*.

Efetivamente e segundo alguns filósofos, a *Alma* seria o “elemento de ligação” entre o corpo (cérebro) e o Espírito (Essência) – quiçá entre os homens e a Divindade, naturalmente sempre em conjunto – e desempenharia e impulsionaria ainda, e principalmente – sempre de acordo com a escola grega – todas as funções mentais ou intelectuais e sensoriais do ser humano.

Entre o conceito do radical hebraico *né* + *pesh* = criatura que respira e as ideias ou conceitos expressos pelos vocábulos gregos *anemos* = sopro, vento, e *psyqué* = ser vivente, vida, encontrar-se-á uma completa, perfeita e acabada definição de *Alma*, que será efetiva e comprovadamente um *Ente* que executa um conjunto de atividades mentais e ou intelectuais que definem a nossa (*V*)ida.

Entretanto a *Alma, Ser Espiritual* e imaterial – assim como as atividades cerebrais ou mentais que *gera*, desenvolve, emite ou concretiza – estabelecerá a interação entre o corpo e o *Espírito*, constituindo-se no elo imaterial e metafísico do corpo, onde o cérebro e a mente – respetivamente matéria e imaterial, em cujas composições entram os *Elétrons Espirituais* de que já nos ocupamos – serão total ou parcialmente independentes da matéria corporal.

Assim sendo e em definitivo, será a *Alma* – gerada, alojada ou acionada na mente humana, já o dissemos – a “entidade” que nos

torna ou transforma em seres vivos, humanos racionais, normais e inteligentes, concedendo-nos ou “emprestando-nos” a (*V*)*ida intelectual*, condição que de certo modo é reconhecida pela medicina quando, para poder declarar um moribundo definitivamente morto, só o faz após constatar e oficializar a sua morte cerebral, ou seja a morte do órgão que abriga a *Alma*.

Ouvimos com alguma frequência o povo referir-se as “*almas do outro mundo*”, frase de que muitas pessoas riem tomam conhecimento, outras parecem ignorar, mas que a algumas provoca arrepios e ou medo, fazendo-os pensar; aos primeiros faltará conhecimento ou discernimento de um *Espírito* atento; os segundos não disporão de curiosidade intelectual ou, no mínimo, formação espiritual; quanto aos últimos devemos reconhecer algo de *Espírito Místico* ou crença religiosa; entretanto a todos recomendamos que leiam os filósofos gregos, estudem e reflitam sobre o tema.

O Corpo

Constituído ou formado a partir de estruturas de matéria, obra de partículas elementares subatômicas e *Espirituais* que são as responsáveis pela constituição do corpo humano – complexo físico/material com cabeça, tronco e membros – mas ainda e também da citada *trilogia mista*, formada por esse mesmo corpo, pela *Alma* e pelo *Espírito* “hóspedes” imateriais e invisíveis.

Na trilogia apontada, os três componentes, respetivamente, exercerão as funções físico/fisiológicas, as funções mentais, cerebrais ou intelectuais propriamente ditas e as funções afetivas, e muito especialmente cumprirão as missões metafísicas, místicas e ou transcendententes que pretensamente tratam da interligação ou intercomunicação do *Homem* com o *Universo*, o *Divino*, ou seja, *Deus*.

Analisando atenta e cuidadosamente as diversas fases pelas quais passam os seres humanos ao longo de toda a sua *Existência*, a qual consistirá na sua permanência e ou experiência na *Terra* – entre

o “nascimento” e a “morte”, ou mais precisamente desde a formação do óvulo e do espermatozoide, que dão origem ao feto através da fecundação do primeiro pelo segundo – passagem de no máximo cerca de um século considerando a atual esperança de vida.

Apesar de podermos considerar que o feto pode ser a primeira fase da formação de um novo ser, será de considerar que a origem e etapa primeira ou inicial (*Essência*) do corpo do ser humano, coincida com a formação ou “criação” do óvulo e do espermatozoide, uma vez que estes, constituindo o feto após a fecundação, passam a fazer parte do corpo do futuro ser.

Em seguida à fecundação – e através da agregação de novas partículas elementares ou fundamentais e *Espirituais*, agora recebidas através do sangue materno encaminhado pelo cordão umbilical – seguem-se nove meses de gestação no ventre materno, quando o alimento do feto é fornecido pelo sangue da mãe, até que chegada a “expulsão” do bebê, e cortado o cordão umbilical, a criança passa a alimentar-se normalmente por via oral.

Não serão apenas os seres humanos a passar por fases, a regularem-se por normas e a obedecer a princípios rigorosos em sua vida terrena; do mesmo modo todos os seres vivos nascem, crescem, vivem, envelhecem e morrem, evoluindo e fazendo parte integrante da *Natureza*, que a tudo e a todos engloba, permitindo, facilitando e mesmo propiciando essas alterações e mudanças.

Sendo os corpos formados de estruturas de matéria, e estas, por agregação de partículas elementares subatômicas e *Espirituais*, a que se seguirão órgãos, aparelhos, sistemas e membros, nos quais e para cada uma das partículas citadas existirá uma outra de características opostas, designada “*neutrino*”. Admite-se, entretanto, que com a agregação e incorporação, as partículas vejam alteradas algumas de suas características específicas mantendo a *Espiritualidade*.

A matéria dos corpos será inicialmente formada pelas citadas estruturas de matéria, que serão criadas por “partículas elementares fundamentais Espirituais designadas *Constituintes*”; são os *fêrmions* e as

chamadas “*partículas mediadoras*” – os *bósons*. Os *férmions* compreendem os *léptons* (dos quais existem 12 tipos ou espécies) e os *quarks* (de que serão conhecidos 36 tipos); os *bósons* incluem 12 partículas e entre elas as mais conhecidas são os *fótons*.

O *corpo humano*, formado por estruturas sólidas que lhe conferem rigidez e forma, aloja a *Alma* e o *Espírito* que dão (*V*)ida à mente e ou ao **intelecto**, fontes do pensamento, de onde supomos que emanam – entre outros caracteres ou atributos – o raciocínio, a capacidade de abstração, a consciência, a intuição e outras aptidões da inteligência, decerto obra dos *Elétrons Espirituais*.

Esclarecemos e alertamos que não podemos confundir a gênese ou origem da (*V*)ida *Espiritual* e do *Todo Universal*, com a *Criação do Homem por Deus*, descrita em *Gênesis*; o *Ser Humano* é um ser vivo muito recente, se comparado com a pretensa idade do Universo ou até mesmo da Terra; ignoramos a data atribuída à “*Criação do homem por Deus*”, mas sabemos entretanto a idade aproximada do aparecimento do *Homem* como resultado da *Evolução das Espécies* a partir do *Homo Erectus*, a primeira delas.

Desde o início da feitura ou escritura dos textos manuscritos origem dos livros *Bíblicos* (III/II mil. a.C.), muitos dos escribas recorriam ao uso da parábola – construção mental artística ou literária com base em fatos reais, que objetiva uma conclusão ou desfecho ético/moral – o que naturalmente pode alterar o sentido do texto, tornando problemática a interpretação desses escritos.

Nas tradições orais, bem como os manuscritos que deram origem aos muitos *livros bíblicos* – em parte obra de autores anteriores a *Moisés*, considerado o *primeiro autor desses livros* – já era frequente o uso da parábola alegórica na narração e ou descrição de fatos de difícil descrição, que com a história mantinham semelhanças, prática que ainda vigorava ao tempo de *Jesus Cristo*. Nas suas prédicas o *Messias* fazia com frequência uso desse artifício de linguagem, o que decerto teria levado *São Jerônimo* a falar dos “*muitos segredos de Genesis e mais ainda de suas palavras*”.

A Criação do Mundo

Segundo a Bíblia, Gênesis, capítulo 1:

01 – *No princípio criou Deus o Céu e a Terra.* 02/7

– *E criou Deus o homem à sua imagem.*

A versão da *Criação do Mundo* (e do Homem) a *Deus* atribuída, em “*A Bíblia*” narrada e aqui transcrita, coincidiria com a *Alvorada da história do Todo Universal*, “iniciada e concretizada” na semana dessa *Criação*; devemos, entretanto, considerar que, tendo os escritos origem dos *Livros da Bíblia* sido manuscritos, numa época em que seriam raras as pessoas que sabiam ler e escrever (2º milênio a.C.), deve a leitura desses livros ser feita com muita precaução e atenção. Aliás, devem ter sido esses os cuidados que acautelaram o *Papa Pio XII* e o levaram a editar a *Encíclica “Humani Generis”*.

No tempo ou época a que antes nos reportamos, os alfabetizados limitar-se-iam quase exclusivamente a uns poucos cidadãos do *Oriente Médio* e do *Egito*, entre todos os povos que então habitavam o *Globo Terrestre*, quando as populações quase sem exceção eram primitivas, iletradas, ignorantes e supersticiosas, e viviam na mais completa obscuridade e absolutas pobreza e miséria. Nesse cenário, era de esperar relatos primários, informações truncadas escritos e obscuros.

De acordo com a *Encíclica* citada, e ainda segundo o pronunciamento de *São Jerônimo* – textos esclarecedores aqui inseridos – os relatos e informações eram de difícil compreensão (interpretação) “*por parte dos povos ignorantes que ouviam a sua leitura*”. Referindo-se à “*ignorância dos povos que, nas suas aldeias, ouviam os bardos*”; porque esses povos não entendiam, o *Papa Pio XII* fala da existência de *metáforas alegóricas na redação de Gênesis*, obra de *São Jerônimo* e seus setenta sábios, todos tradutores da *Vulgata*.

Decerto entendendo, reconhecendo e concordando com as observações de *São Jerônimo*, o Papa – se bem que indiretamente e de forma disfarçada – decidiu “esclarecê-las” na *Encíclica* citada, usando embora uma terminologia genérica e inconclusiva. Sobre a Bíblia, São Jerônimo assim se pronunciou:

“*O mais difícil e obscuro dos livros sagrados – Gênese – contem tantos segredos quantas palavras, e cada palavra oculta vários daqueles*”. (São Jerônimo (340/420 d.C., primeiro tradutor da Bíblia),

Entretanto o parecer ou comentário do coordenador e principal autor da tradução da *Vulgata* ou *Bíblia dos 70* – sobre o conteúdo de *Gênesis* traduzido dos escritos originais para os leitores grego/latinos – será talvez a mais objetiva, honesta, clara e ilustrativa advertência que se poderia fazer aos leitores, acerca das características desse conteúdo e das precauções e cuidados a ter na sua leitura, interpretação e compartilhamento.

A tradução dos originais dos *Livros da Bíblia* foi uma tarefa “hercúlea” para o tempo (sec. IV/V d.C.), altura em que *São Jerônimo* necessitou da colaboração dos citados setenta “sábios”, motivo pelo qual a *Vulgata* também é conhecida como a *Bíblia dos Setenta*. Passados perto de quinze séculos após essa tradução, e perante a irrefutável “*Teoria da Evolução das Espécies*”, o *Papa Pio XII* promulgou (1950) a *Encíclica “Humani Generis”*, na qual consta a posição oficial do *Vaticano* concernente ao relato *Bíblico (Gênesis) da Criação*.

Nessa encíclica papal publicou-se a posição oficial do *Vaticano*, expondo a opinião sensata, objetiva e corajosa de *Pio XII*, na qual o *Papa* admitiu – como atrás referimos – que a versão descrita em “*Gênesis*” sobre a *Criação* era “*simbólica*” e “*dirigida às pessoas sem instrução...e não deve ser tomada como relato científico estrito do que ocorreu na Criação*”. Deste modo ficou claro que os relatos da *Bíblia* podem ter mais que uma interpretação, não apenas para os crentes como para historiadores e estudiosos das religiões e de sua história.

Teoria da **Evolução das Espécies**

Na já antes citada “*Teoria da Evolução das Espécies*”, apresentada à comunidade científica em Londres pelo autor *Charles Darwin em 1859*, o cientista inglês tornou-a pública após vasta, profunda e demorada pesquisa efetuada em grande parte durante a sua prolongada volta ao mundo no navio *Beagle*; **nessa** viagem o cientista estudou muitas espécies de animais raros, principalmente nas ilhas *Galápagos* no *Oceano Pacífico*; e foi nesse seu estudo feito direta e pessoalmente que Darwin baseou a sua teoria.

Apesar de se tratar de uma teoria fruto de sérios estudos em todo o mundo, alicerçada em sólidas pesquisas e sérias bases científicas, com os dados colhidos nas ilhas *Galápagos* e um pouco em todo o Globo, a apresentação da *Teoria da Evolução* feita em Londres por **Darwin**, deu origem a muitos protestos e reclamações por parte de membros da **Igreja** e de seus pares, que provocaram acirradas polémicas, desentendimentos e brigas entre os cientistas do tempo, em virtude de contrariar antigas e arraigadas **convicções, mas sobretudo interesses e prestígio**.

Entretanto, as mais sérias alterações ocorreram por motivos religiosos, e em violento confronto com defensores da tese bíblica sobre a *Criação do Homem*, que admite ter ele sido criado por *Deus* a partir do barro (pó). Mas o ciúme, a inveja e o despeito dos cientistas ali presentes, a que se uniram a humilhação sentida pelos naturalistas perante um trabalho daquela **envergadura; a versão bíblica** acabou sendo derrotada pela ciência e, após quase um século, pela encíclica “*Humani Generis*” do *Papa Pio XII*.

A Igreja e a Bíblia

A Igreja Cristã – depois *Católica Apostólica Romana* – “nasceu nas aldeias da Judeia e da Galileia”, obra de *Jesus Cristo* há cerca de dois milênios; acontecimento de uma época colonial (Império

Romano) de mudanças, em que a quase totalidade da população mundial – de poucos milhões de pessoas – era ignorante, iletrada, miserável, supersticiosa e faminta, encontrando-se em estágio primitivo, ou mesmo em estado selvagem.

O citado estado primitivo ou selvagem das populações verificava-se na África ao Sul do Saara, nas Américas, em parte da Europa, na Oceania e em grande parte da Ásia; a restante população mundial era – enfatizamos – quase toda analfabeta, totalmente ignorante e supersticiosa, nada sabendo de histórias, escritos ou autores, em especial aqueles que muitos séculos mais tarde, iriam ordenar, classificar, traduzir e compor os *Livros da Bíblia*.

A *Bíblia* ou “O Livro”, (de *byblus*=rolo de papiro, o primeiro livro), é uma obra composta por dezenas de livros, com base na história oral e em textos dispersos escritos em várias épocas e por muitos autores; tratar-se-ia-se de manuscritos de difícil leitura e ainda mais difícil tradução e interpretação – o que como já esclarecemos se verificou nos sec. IV/V d.C., quando *São Jerônimo* coordenou a sua compilação, tradução e interpretação, efetuadas pelos famosos *setenta sábios* da “Bíblia dos Setenta” ou Vulgata.

Face ao elevado número de autores desses “livros” manuscritos da *Bíblia* (algumas dezenas); tendo em conta o precário material de escrita usado ao tempo de sua feitura, pretensamente iniciada por *Moisés* (séc. XV/XIII? a.C.); considerando o fato de os seus “autores” terem por vezes retocado ou reescrito os textos, inseridos em dispersos, precários e velhos “rascunhos” ou rabiscos, há necessidade de ler, interpretar e compartilhar esses textos com muito critério, atenção, cuidado e prevenção.

Sendo os textos bíblicos “*inspirados por Deus*”, como admitiu o Papa Pio XII em 1950, na Encíclica “*Humani Generis*” aqui transcrita; considerando que esses textos relatam “fatos, ocorrências ou acontecimentos” de matiz sacra, pretensamente ocorridos há vários milênios; sabendo-se que muitos dos relatos foram, primeiro, transmitidos oralmente pelos bardos.

Acontece **que os bardos** – que vagueavam de aldeia em aldeia para relatar as histórias aos aldeões, o faziam em linguagem para eles difícil de entender, ou seja, esses aldeões pouco entenderiam do que lhes fosse contado por estrangeiros nos seus dialetos, pelo que podemos naturalmente admitir a existência de muitas confusões e falhas, sérias deficiências e erros.

Considerando que – insistimos – durante muitos séculos a história foi pessoal, direta e oralmente lida aos povos simples, ignorantes e analfabetos das aldeias, e só muito mais tarde seria manuscrita – se bem que nas precaríssimas condições antes citadas, confusos dialetos, alfabetos e escritas inicialmente imprecisas e redigidas por muitos autores – não será surpresa se entre o que foi relatado e a verdade dos fatos houver profundas divergências, sérias alterações, graves contradições e muitas confusões.

Em presença do exposto e dadas as muitas dificuldades, difíceis condições e circunstâncias que envolveram a redação inicial dos “rascunhos” origem dos *livros bíblicos*, e tendo em conta que a sua primeira tradução foi efetuada muitos séculos após terem sido manuscritos, em dialetos e linguajar local e em precaríssima redação inicial, quando não em idioletos, deles não se poderá esperar precisão de dados, rigor de conceitos ou mesmo concordância de ideias.

Entretanto, todas as nossas observações facilmente se depreendem das objetivas, claras e conclusivas palavras do tradutor e coordenador dos setenta outros tradutores dos livros da Bíblia Vulgata, São Jerônimo quando – repetimos – declara:

“O mais difícil e obscuro dos livros sagrados – Gênese – contem tantos segredos quantas palavras, e as palavras ocultam muitos daqueles”.

Livros da Bíblia

A seguir apresentamos os “*declarados ou possíveis autores*”, dos principais ou mais importantes e conhecidos *Livros da Bíblia*, bem

como as hipotéticas datas e lugares onde eventualmente eles teriam sido manuscritos; note-se que é atribuída a *Moisés* a autoria do primeiro e de alguns outros livros, entre os séculos XVII e XV a.C., o que admitimos seria pouco provável, dado que o presumido “*Profeta*” – caso tivesse existido – não poderia ser tão longevo.

Os Livros da Bíblia

- 01 – Êxodo, obra atribuída a Moisés, séc. XVII/XV a.C., escrita em lugar incerto
- 02 - O Livro de Jó, atribuído a Moisés, séc. XV, local ermo.
- 03 – Gênesis, atribuído a Moisés, sec. XVI a.C., em lugar ermo.
- 04 – Levítico, atribuído a Moisés, séc. XVI a.C., lugar ermo.
- 05 – Números, atribuído a Moisés, séc. XVI/XV a.C., Planície Moabe.
- 06 – Deuteronômio, atribuído a Moisés, séc. XVI/XV a.C. Planície M.
- 07 – Josué, atribuído a Josué, séc. XV a.C., Canaã.
- 08 – Juízes, atribuído a Samuel, séc. XII a.C., Israel.
- 09 – Rute, atribuído a Samuel, Gade e Nata, séc. XI a.C., Jerusalém.
- 10 – Samuel, atribuído a Samuel, Gade e Nata, séc. XI a.C., Jerusalém.
- 11 – Provérbios, atribuído a Salomão e outros, séc. X a.C., Jerusalém.
- 12 – Eclesiastes, atribuído a Salomão, séc. X a.C., Jerusalém.
- 13 – Cântico de Salomão, a ele atribuído, séc. X a.C., Jerusalém.
- 14 – Joel, a ele atribuído, séc. IX a.C., Judá.

- 15 – Oseias, a ele atribuído, séc. VII a.C., Samaria.
- 16 – Isaías, a ele atribuído, séc. VIII a.C., Jerusalém.
- 17 – Livro das Lamentações, atribuído a Jeremias, séc. VII a.C., Jerusalém.
- 18 – Jeremias, a ele atribuído, séc. VI a.C., Judá
19 – Izequiel, a ele atribuído, séc. VI a.C., Babilônia.
- 20 – Daniel, a ele atribuído e a David, séc. VI a.C., lugar ignorado ou incerto.
- 21 – Salmos, atribuído a David e outros, séc. V a.C., lugar ignorado ou incerto.

Sobre os vários outros *Livros da Bíblia*, imaginamos que serão bem mais recentes.

Da relação dos “autores” e livros bíblicos antes apresentada, e considerando que alguns podem ser fictícios, de autoria questionável, apócrifos ou de origem incerta, não se ignorando que **alguns deles** constam como tendo sido **escritos – possivelmente** - entre os sec. XV/XIII e os sec. V/IV a.C., – sendo a data da sua tradução de muitos séculos **depois; face** a todas estas circunstâncias, podemos imaginar as muitas razões que levaram *São Jerônimo* a **declarar o** que lhe atribuímos e antes reproduzimos.

Supondo-se que a **elaboração de alguns** dos manuscritos origem dos livros Bíblicos teria sido efetuada nos hipotéticos ou incertos lugares rústicos ou ignorados, por duvidosos autores, de muito pouca instrução, com materiais de escrita inadequados e sem as mínimas condições para a efetuar, mais uma vez podemos avaliar a natural precariedade e imprecisão desses trabalhos, agravada pela pobreza dos idioletos, dialetos e ou linguajares locais, a provocar os “segredos” reconhecidos por São Jerônimo milênios mais tarde.

Continuando a análise crítica relativa à tradição oral e ou aos escritos antigos, cuja interpretação, coordenação e tradução dos

muitos textos que teriam dado origem aos livros da Bíblia, e tendo em consideração as sérias dificuldades apontadas, bem como a diversidade, pluralidade e desigualdade das fontes origem desses textos, bem como da variedade dos **falares e dialetos** utilizados, cumpre-nos enfatizar a probabilidade da existência de distorções, imprecisões, erros e contradições, que decerto teriam originado a opinião do tradutor e coordenador *São Jerônimo*.

Considerando ainda que as várias versões de um mesmo fato histórico, mais tarde transmitidas oralmente aos **povos**, jamais serão coincidentes ou rigorosamente iguais quando contadas por terceiros; nessas **circunstâncias**; versões seguidas sempre serão diferentes, muito se modificam, alteram e ou deformam com a sua contínua reprodução e o passar do tempo, em especial – insistimos – quando são contadas oralmente a outros povos.

Dado que a transmissão oral era, muitas vezes, efetuada em lugares distantes e a povos de dialetos diferentes, em línguas ou idioletos que esses povos desconheciam – caso dos bardos, que perambulavam por várias nações “contando” a história aos nativos – daqui podemos imaginar a multiplicidade das versões do mesmo fato, as deformações de seu conteúdo, as contradições entre elas e as confusões criadas após as circunstâncias apontadas.

Concluimos chamando a atenção dos leitores para as profundas diferenças culturais – étnicas, sociais, etimológicas, linguísticas, idiomáticas, religiosas e outras – entre os antigos camponeses analfabetos, supersticiosos e ignorantes, das aldeias longínquas e **isoladas**; **estes** foram os intervenientes nos fatos históricos e acontecimentos aqui abordados, situação a tornar muito improvável ou mesmo absolutamente impossível a tarefa de separar os fatos reais das lendas, as ocorrências verdadeiras dos mitos, o acontecido apenas no imaginário popular da realidade, o verdadeiro do falso, enfim distinguir o real do hipotético.

Pelo exposto, não deveria ter sido surpresa para ninguém a revelação corajosa, ousada, mas também sensata e categórica

declaração do *Papa Pio XII*, quando, através da *Encíclica “Humani Generis”* promulgada em agosto de 1950, e relativa aos capítulos de *Gênesis* sobre “*A Criação do Homem*”, proclamou o que se segue:

Encíclica “**Humani Generis**”

*“Os capítulos da Gênesis sobre a Criação – embora divinamente inspirados – foram escritos de modo que as pessoas sem instrução (ao tempo, a quase totalidade dos habitantes da Terra), pudessem entender-lhes o sentido ao ouvir a sua leitura. Foram redigidas para dar uma descrição simbólica do mundo pelo qual a espécie humana surgiu, e **não devem** ser tomadas como relato científico estrito do que ocorreu na Criação”.*

Sábio, honesto e desassombrado *Papa*, que redigiu, publicou e transmitiu à cristandade – embora tardiamente – a esclarecedora *Encíclica*; o conclusivo, objetivo e claro documento foi decerto um arriscado ato – dada a “oposição” da conservadora hierarquia católica instalada na *Cúria Romana* – que há sete décadas acabaria por “abafar” aquele que iria tornar-se o primeiro e último passo, no sentido de promover uma profunda, urgente, importante e indispensável reforma da *Igreja Católica*.

Caso os sucessores de *Pio XII* tivessem dado continuidade a tão oportuna, necessária e sábia iniciativa, e a cúpula da Igreja – em uníssono – lhe prestasse o indispensável apoio, talvez hoje a *Igreja Católica Apostólica Romana* não se encontrasse na situação precária e delicada a que tristemente chegou, com a corrupção no *Banco do Vaticano*, as dissidências e divergências entre a cúpula, e a pedofilia muito disseminada, atingindo seminaristas, clérigos, bispos e até mesmo cardiais.

Imaginamos e admitimos que a reforma proposta talvez não fosse possível nas atuais circunstâncias, sem o apoio, a solidariedade e a colaboração dos países católicos, bem como de toda a cristandade, além da cúpula da Igreja em Roma e no estrangeiro, e sempre com o apoio dos bispos nos seus bispados, a ajuda e

colaboração dos párocos nas suas paróquias e, muito especialmente, a adesão dos católicos em geral, pois nenhuma reforma profunda se implantará de fato no seio da Igreja Católica apenas por decreto.

É quase opinião geral que – no *Vaticano* – imperam cardiais ortodoxos, quase todos eles demasiado idosos, mas impositivos e com ideias cristalizadas, ultrapassadas e mesmo obtusas; com hábitos e comportamentos inadequados, “interesses” muito particulares e afeiçoados ou mesmo viciados em cargos importantes, pelo que não será fácil levá-los a aceitar reformas.

Alguns prelados da *cúpula da Igreja* são ou estão dependentes de mordomias, polpudas receitas e regalias exageradas, e algo parecido estará ocorrendo em alguns bispados e até mesmo em paróquias, lugares onde em muitos casos os crentes são desinformados e abúlicos, e pontificam párocos acomodados, retrógrados e eivados de vícios, contrários a qualquer tipo de mudança por comodismo, preguiça e inércia.

Comprovando tudo ou quase tudo quanto atrás afirmamos, constatamos que o atual e grande *pontífice Francisco* vem enfrentando audaciosa, negativa e abusiva resistência e ou persistente oposição às suas tentativas de reforma, modernização e moralização da igreja que lidera, mormente nos casos de corrupção e pedofilia, além de outros ilícitos praticados por padres, bispos e cardiais, agravando a talvez mais antiga chaga no seio da instituição.

Os problemas enfrentados hoje pela *Igreja Católica* – talvez herança de um passado de dois milênios conturbados por rebeliões, dissidências e interferências que acabaram implantando em *Avignon* um novo “Vaticano”. Aliás, e agravados por erros inconcebíveis como a “*Santa*” *Inquisição* ou “*Santo*” *Ofício*, além de vícios, regalias e heresias, que em certos casos se mantêm, os problemas da *Santa Sé* não parecem nada fáceis de serem resolvidos.

E esses sérios problemas hoje enfrentados pela Igreja, dever-se-ão ainda, e também, ao celibato imposto aos sacerdotes, que muitos não cumprem nem **respeitam**; à clausura e ao estilo de vida

imposto em seminários, mosteiros e conventos, que são agravados pela proximidade física de ambos os sexos, que propicia ou mesmo “convida” à intimidade e falta de transparência, ocultando as práticas que vêm desmoralizando a *Igreja Católica*.

A Criação e a Essência

A *Essência da Vida Universal* – origem, formação, nascimento ou gênese do Espírito – ainda não completamente explicada pela ciência (Teoria do Big Bangue) de modo que satisfaça e convença as inteligências mais exigentes e esclarecidas – permanece como um dos grandes e *não decifrados mistérios universais*, como tantos outros deste nosso *Cosmos*, em especial aqueles relativos às *Forças Celestes*, que regulam, controlam e mantêm o *Universo* ou *Cosmos* em funcionamento contínuo, perfeito e equilibrado, o que para os crentes menos exigentes ou de mais fé é obra da mão de *Deus*.

De qualquer modo e de acordo com “*A Bíblia*” ou “*O Livro*”, (de *biblus*=cidade fenícia onde nasceu), e como já referimos: “*Do pó viemos e ao pó retornaremos*”, relatando a *Criação* do *Homem* com uma presumível parábola alegórica que, simbolicamente e segundo o *Papa Pio XII* “explica” as nossas origens às pessoas ignorantes, de forma a que mais facilmente entendam as passagens de *Gênesis* ao ouvirem a sua leitura.

Entretanto as partículas elementares subatômicas e *Espirituais*, que formam as estruturas da matéria (caso do barro) e dos seres são as mesmas, as quais podemos comparar – ou até mesmo identificar – com o “pó” da *Criação* de que nos fala a *Bíblia*, em virtude de também esse pó ser matéria constituída e ou formada pelas citadas estruturas. Assim sendo e usando uma linguagem *simbólica*, *Gênesis* nada **inventa**, **nada** altera e nada contraria.

O espaço cósmico é ocupado por galáxias, buracos negros, estrelas, planetas, cometas, outros astros e espaços aparentemente vazios, cujos corpos serão formados por estruturas de matéria

edificadas por aglutinação inicial de partículas elementares fundamentais subatômicas e *Espirituais*, invisíveis, sem peso, massa ou forma, não palpáveis e não detectáveis.

Acreditamos serem essas estruturas construídas pelas partículas citadas que formam todos os corpos do *Mundo, Universo ou Cosmos*, semelhantes aquelas que também constituem ou formam o *Espírito Humano*, mantendo-se agregadas à matéria como *Seres Espirituais*, onde efetivamente supomos que **devem agir**.

A crença em muitos “deuses” ou “*entes superiores*” – que pelos membros das primitivas seitas foram imaginados e ou “criados” um pouco à imagem e semelhança dos próprios criadores, que lhes “atribuíram” muitos poderes, virtudes e defeitos – teve como resultado a aceitação ou proliferação dessas seitas ou associações, cada uma com sua mitologia própria e seus “deuses inventados” para a “execução” das suas mais difíceis e complicadas tarefas, sendo estas impossíveis aos comuns dos mortais.

Como o *Mundo, Universo ou Cosmos* é formado, constituído ou ocupado em especial pelas estruturas da matéria de corpos sólidos, líquidos e gasosos, e sendo quase todos eles relativamente instáveis – porque “nascem”, crescem, vivem, envelhecem e morrem – quer se trate de animais, vegetais ou minerais – revela-se assim a *Existência* de um *Universo* à imagem e semelhança do Globo Terrestre, ou vice versa, até porque ambos serão essencialmente constituídos pelas muito citadas *partículas elementares fundamentais e Espirituais*.

O vocábulo Universo – designação perfeitamente adequada à definição do *Todo Universal* (Uni+verso)=inteiro, unido, uno), constituído efetivamente pelas citadas estruturas da matéria dos corpos, mesmo conjunto de partículas elementares fundamentais e *Espirituais*; podemos assim admitir a possibilidade de esse mesmo *Universo* físico se poder desintegrar na totalidade, reduzindo-se às citadas partículas, que são, precisa e rigorosamente, as que teriam presidido à sua gênese, ao tempo de *Gênesis* ou da *Criação*.

Se comparada com as inimagináveis dimensões cósmicas, entre as quais sobressaem o *espaço/tempo* – quer se trate das gigantescas distâncias que separam os corpos celestes ou do inimaginável tempo necessário para percorrê-las – temos que, se o longo tempo de vida dos astros é algo comparável a tais dimensões, já o tempo de vida dos *seres vivos terrenos* será insignificante, como insignificantes perante o *Todo Universal* serão todos os humanos.

Como encerramento do discurso do presente título, parecemos altura de concluir que o *Universo* – inteiro, uno, todo, mas sempre em expansão, cuja *Essência* ou formação e expansão a *Teoria do Big Banque* tenta explicar sem o conseguir – ter-se-á realmente “arquitetado”, constituído ou formado a partir da aglutinação de partículas elementares essenciais subatômicas e *Espirituais*, as quais seriam responsáveis pelas estruturas da matéria de todos os seus corpos, que deverão a sua espiritualidade a essas partículas.

Teorias ou Filosofias Sociais, Morais e Religiosas

As grandes religiões do Globo, nascidas, criadas ou originárias das teorias título, serão produto e ou fruto da iniciativa de filósofos, místicos, **profetas**, sábios ou idealistas, que com dedicação, esforço e determinação a elas se doaram para doutrinar, esclarecer e evangelizar – em torno de ideais fraternos e humanistas – seus povos quase sempre pobres ou miseráveis, iletrados e ignorantes, para torná-los mais fortes e menos sujeitos aos abusos, injustiças e violências dos poderosos e dos governantes.

Surgidas antes de *Jesus Cristo* – excetuando o maometismo do VII **século d.C.** – as grandes religiões **nasceram** da necessidade de agregar os povos humildes, oprimidos e explorados pelos poderosos – como ainda hoje ocorre entre nós; aliás muitas comunidades carentes são agora enquadradas, exploradas e dominadas por alguns dos novos “religiosos”, de algumas das novas “seitas ou religiões”,

os quais – curiosamente – usam as mesmas pregações e métodos de que se serviram os antigos mestres.

Os *Mandamentos* adotados por algumas dessas grandes religiões – como a *Religião Católica Apostólica Romana* – bem como alguns princípios, regulamentos e doutrinas, em parte já antes “divulgados” por *Moisés* e assimilados por *Zaratustra* ou *Zoroastro*, *Lao Tsé*, *Buda* e *Confúcio* – configuram uma realidade a comprovar que os seus idealizadores, antes de elaborarem suas teorias, terão estagiado ou mantido contato com as religiões já existentes, nas quais se teriam inspirado para a elaboração dessas *Teorias Filosóficas*.

Devemos ter em consideração que no caso concreto dos seguidores e crentes das grandes religiões do *Globo*, podemos falar em vários milhares de milhões de homens e mulheres que as seguem e professam, aos quais podemos adicionar incontáveis contingentes de nossos antepassados – os quais nelas também acreditaram, **fortalecendo-as**; algumas delas são hoje amparo moral e psicológico de grande parte dos sete mil milhões **de viventes**.

As Grandes Religiões

Hinduísmo

O conceito do vocábulo *Hinduísmo* é muito abrangente, aplicando-se às várias fases ou estágios – ou mesmo às várias religiões – alicerçadas na teoria religiosa, cultural e social dos designados povos “*indo-arianos*”, especialmente os *vedas*; teria sido implantada e desenvolvida na *Península Indiana* (Vale do rio Ganges) como *Hinduísmo Védico*, cuja teoria filosófica de cariz social e religioso reconhece como seu fundador o personagem mítico *Krishna*, considerado, venerado e aceite como o seu “deus”, mas cuja existência real é questionada e muito duvidosa.

A hipotética existência de *Krishna* recuará a cerca de 2.400 anos antes do compatriota *Buda*, nobre cortesão e sábio erudito que,

no século VI a.C. idealizou, implantou e divulgou o *movimento filosófico e social reformador* que leva o seu nome, e rapidamente alastrou a todo o *Sueste asiático*, onde hoje tem cerca de seiscentos milhões de seguidores. Deste modo o suposto ou hipotético fundador do *Hinduísmo* teria vivido na *Índia* há **cerca** de cinco milênios.

Para o *Hinduísmo* – sucessor de algumas das antiquíssimas práticas religiosas animistas e ou naturalistas – toda e qualquer atividade humana deve ter carácter religioso, princípio que torna a sua filosofia extensiva a todos os setores da atividade social, deste modo transformando-a numa ordem ou instituição plural, que abarca ou abarcava os setores político, administrativo, cultural, religioso, social, econômico, moral e linguístico.

No que exclusivamente concerne à sua organização social, o *Hinduísmo* enquadrou, agrupou e ordenou as populações em várias *castas*, que foram classificadas em classes – *superior, médias e inferior* – cujas origens, bem como da religião ou religiões, remontam à época das invasões arianas (V milênio? a.C.), quando os colonizadores indo arianos – os senhores – dominaram, subjugaram e até certo ponto escravizaram as populações nativas ao ordená-las em castas.

Enquanto associação ou organização (seita?) filosófica, social e religiosa, o *Hinduísmo* adotou ritos e liturgias, bem como princípios, regras, normas e disposições, relativas ao ordenamento e comportamento social comunitário; entre elas, a principal disposição consistiu na implantação da já citada *pirâmide social*, baseada, organizada e classificada em seis ou sete *castas* hierarquizadas, a cada uma das quais foram atribuídos distintos direitos e deveres, rigorosamente disciplinadas, estratificadas e comandadas, *status* que mais tarde passou ao *Bramanismo* quando este foi absorvido pelo *Hinduísmo*.

Para o novo sistema e segundo as mais antigas tradições orais, as civilizações teriam tido início na região *Austral* com os nativos da Austrália – até o século XX designados *raça vermelha* – haveria cinquenta mil anos, numa época em que a *Europa* e a *Ásia* ainda se

encontravam em parte submersas; essa antiga tradição oral refere ainda a existência de uma “raça” de gigantes, fato mais tarde comprovado com a descoberta em cavernas tibetanas, de ossos humanos de grandes dimensões, muito parecidos com os ossos dos “*Pitbecanthropus*”, antes de estes se tornarem falantes.

No ano em que a Índia se tornou independente da Inglaterra (1945/46), no seu território existiriam cerca de *dezesete milhões de brâmanes*, perto de *vinte milhões de xátrias, vaixas e sutras* e aproximadamente *sessenta milhões de habitantes*, distribuídos por todas as castas e sub castas; entre eles havia os designados “*intocáveis*” – *berijans* – que apesar de serem considerados “*povo de Deus*”, eram repudiados, discriminados e *ostensiva*, odiosa e vergonhosamente votados ao ostracismo.

Apesar de as castas terem sido oficialmente extintas em 1947 – logo após a Índia ter-se tornado independente da Inglaterra – a discriminação que elas antes sofriam e muito as humilhava, não terminou totalmente; aliás ainda hoje essa discriminação se faz sentir em grande parte da sociedade indiana, influenciando e condicionando em certos casos o seu modo de vida, conduta no dia a dia e as próprias relações sociais, profissionais, culturais e religiosas.

Bramanismo

*“Aquele que cria incessantemente os mundos é tríplice: é **Brama**, o Pai; é Maya, a Mãe; é Visnu, o Filho. Existência, Substância e (Vida). Cada Um traz em Si os Dois Outros, e Todos os Três são Um, no Inefável”*

(Upanichad, Doctrine Bramanique, séc. X-V a.C.)

Não podemos deixar de chamar a atenção dos nossos leitores, para o conteúdo do parágrafo anterior que reproduz o trecho de “*Doctrinne Bramanique*”: “*Aquele que cria incessantemente os mundos é tríplice*”. Doutrina, princípio ou “Mandamento” provavelmente originário dos *Vedas*, há vários milhares de anos que teria sido

adotado, considerando o seu “*deus*” *tríplice*, exemplo de *Trilogia* que vemos repetido nas religiões seguintes, como no caso do Cristianismo/Catolicismo com: “*Pai, Filho e Espírito Santo*”.

O *Bramanismo*, apesar de ter adotado *Brame* ou *Brahma* como seu “*deus*” supremo foi, na realidade – e muito além de uma religião e ou *Teoria Social e Religiosa* – uma complexa, poderosa e autoritária organização social e política; inspirado no *Vedismo* (dos vedas), ao qual mais tarde sucedeu no vale do rio Ganges, o *Bramanismo Védico* acabou, na prática, dominando toda a *Península Indiana*.

A “*religião Bramânica*” era superiormente dirigida com “*mão de ferro*” pela cúpula da casta superior de sacerdotes e “*eruditos*”, instruídos e autoritários; distinguiu-se por ter adotado a crença numa *trilogia de deuses* ou *tripla encarnação* – de notar que as trilogias religiosas são muito antigas – que caracterizou a *Trindade do Hinduísmo* ou *Trimurti* constituída pelas “*divindades*” *Brame, Vixnu e Xiva*.

Segundo a tradição oral o *Bramanismo* teria surgido entre os séculos VII e VI a.C.; foi alvo de grandes e profundas alterações três ou quatro séculos mais tarde, e só depois foi absorvido pelo *Hinduísmo*; à semelhança de quase todas as outras grandes religiões, parte de seus princípios ou *Mandamentos* foi decalcada ou tomada de outras teorias religiosas.

Seguem-se alguns exemplos de “*Mandamentos*”:

“*Não façais aos outros o que a vós desagradaria*”

(Mahabbarata)

“*Considera o lucro de teu vizinho como teu lucro, e o seu prejuízo como teu prejuízo*”.

(T'ai Shang Kan)

“*O que os homens vos façam, assim fazei-o vós a eles*”,

(Mateus, 7, 12)

Nome derivado da raiz “*brh*” do sânscrito (língua inicial dos escritos védicos), “*Brahmá*” ou “*Brama*” era a “cabeça” da *Trindade Divina Hindu*, o seu “*Deus Criador*” (ser grande, forte, causativo), e o vocábulo *Bramanismo* foi a designação da sucessora da mais tradicional, remota ou antiga fase do *Vedismo*, religião/civilização implantada na planície indiana e que remonta ao III milênio a.C., pelo que terá hoje entre 4.000 e 5.000 anos.

Na estrutura organizacional inicial do *Bramanismo* existiriam apenas quatro castas:

- 01 – “*brâmanes*” ou *sacerdotes*, incluindo os “sábios” ou eruditos, e constituíam a casta superior, poderosa e dominante; eram o cérebro e o braço da “associação”.
- 02 – “*Xátrias*” (reis, governantes e guerreiros).
- 03 – “*vaixas*” (burgueses, artesãos, liberais).
- 04 – “*sudras*” (prestadores de serviços). Mais tarde as castas inferiores foram divididas em sub castas.

Enfatizamos que entre as castas da “organização” social e religiosa dos *Brames*, a discriminação era total e absoluta, o domínio dos *bramane* completo e a submissão à cúpula inquestionável, sendo os seus regulamentos cumpridos com rigor; as normas não permitiam casamentos, coabitação ou trabalho em comum entre as castas, havendo severas penas para os prevaricadores.

Na *Planície Indiana* o *Bramanismo védico* sobreviveu até pouco antes do início da *Era Cristã*, altura em que lentamente foi sucumbindo à influência do *Hinduísmo*, pelo qual foi absorvido. Entretanto as tradições bramânico/védicas não se perderam: encontram-se organizadas, compiladas e registradas num conjunto de expressivos textos vulgarmente designados e conhecidos por *Vedas*=*conhecimento*, ou *Sruti*=*revelação*, os quais foram inicialmente grafados em sânscrito.

Muito admirados e respeitados pelos crentes, os *Vedas* eram considerados e aceites como de natureza ou origem *Divina*; o mais antigo desses textos é o *Sambita*, que consiste numa coleção de hinos, geralmente designados como os quatro *Vedas*, os mais modernos dos quais são os hinos *Brahmanas*, identificados como textos de natureza religiosa ou litúrgica, mas ainda mitológicos.

Aos textos citados anteriormente seguem-se os *Upanichad* – escritos de cariz acentuada e profundamente filosófico. Os quatro *Vedas* citados incluem o *Rig Veda*, texto composto por estrofes; o *Yajur Veda*, constituído por fórmulas; o *Sama Veda*, formado por melodias; e o *Atharva Veda*, apresentado sob a forma ou aspecto de fórmulas mágicas e hinos de natureza especulativa.

Os invasores arianos – *iranianos e ou indo europeus reunindo muitas etnias europeias, eslavas, persas, afegãs e outras* – devem ter chegado à *Planície Indiana* entre o III e o II milênio a.C., levando consigo uma avançada e rica cultura para a época – nela incluídas as suas teorias filosóficas, sociais e religiosas – e logo que chegaram ao *Noroeste da Índia* ali se instalaram; nessa época, as suas teorias, normas, princípios e práticas religiosas ainda conservavam algo da antiga religião da Pérsia ou Irã, país considerado lugar de origem (ou talvez apenas de passagem) desses invasores ditos arianos.

Da *Religião Veda* ou *Védica* – fazia parte uma antiga, requintada, original, imaginativa e variada mitologia, cujos deuses “intervinham” frequentemente nas relações de afetividade dos seres humanos, com os quais mantinham “ligações” permanentes, sendo *bem recebidos apenas quando a sua atuação – ou as suas intervenções – favoreciam os humanos*, mas sendo por estes “hostilizados ou até mesmo agredidos”, sempre que tais intervenções não lhes agradavam.

Segundo a antiga tradição *védica* existiam *trinta e três deuses*, aqui incluídas as *divindades terrenas, divindades atmosféricas e divindades celestes*; além desta vasta relação de deuses ou “divindades”, a tradição refere, considera e mantém ainda um *conjunto completo e complexo de demônios ou diabos* chamados ou conhecidos por *azuras*. Por aqui podemos

avaliar como os “*diabos* ou *demônios*” eram antigos, pois já “existiam” eram “conhecidos” e temidos muito antes da Religião Católica.

Judaísmo ou **Mosaísmo**

O mundialmente conhecido e reverenciado personagem “bíblico” que teria sido o profeta *Moisés* (sec. XIV/XIII a.C.?) – lendário e hipotético guia, condutor e líder do povo judeu durante a sua fuga do Egito para a Palestina – tem a imagem de um *profeta místico e iluminado*, se bem que, insistimos, figura mítica ou lendária, como muitas outras da história antiga, sendo considerado o possível fundador da religião judaica, há mais de três milênios.

Como mítico “profeta” e místico, *Moisés* é tido como o primeiro ou o mais antigo autor de *livros da Bíblia*, supondo-se que poderia ter vivido entre os séculos **XVI e XIV** a.C.; entretanto é, decerto, a mais enigmática, misteriosa e polêmica figura entre as grandes e antigas “personalidades” religiosas mundiais, em todos os tempos e lugares; quase tudo quanto sobre ele “supomos” saber, fomos “revelado” pela *tradição oral hebraica*, que lhe atribui um papel central e decisivo, na fundação da nação israelita e na idealização, concepção, criação e implantação da religião judaica.

O hipotético aparecimento de uma criança – *Moisés* – boiando numa canastra na margem do rio Nilo, é um mítico acontecimento em tudo semelhante às muitas histórias que envolvem os grandes “personagens” da história da antiguidade; entre eles podemos citar *Krishna*, *Gilgamés*, *Brahma*, *Hamurabi*, *Talião*, *Salomão*, *Rômulo*, *Remo*, *Lao Tsé*, *Zaratustra* e alguns mais; se as biografias dos primeiros continuam envoltas em nevoeiro de mistérios, as de muitos outros ar repletas de interrogações, dúvidas e até mesmo contradições.

Da “**biografia**” de *Moisés*, embora ela contenha alguns indícios que simulam fatos reais – como o seu aprendizado no Egito, onde eventualmente teria conhecido a escrita com hieróglifos regionais e estudado a faraônica estrutura da sua religião monoteísta, além de

ciências como arquitetura, medicina e matemática, e de ali ter sido “iniciado” como sacerdote de Osíris – tudo quanto dele se escreveu não passa de conjecturas, hipóteses e “fatos” sem provas.

A religião judaica hipoteticamente fundada por *Moisés*, adotou um vasto leque de rigorosas prescrições, regulamentos, princípios, normas e mandamentos, que foram reunidos na sua “*Bíblia*” que é o *Talmude*; entre esses preceitos, alguns deles são tidos e considerados como tendo sido recebidos pelo próprio “profeta” no *Monte Sinai* diretamente de *Deus*, na mesma altura em que por *Ele* lhe teria sido comunicada a vinda à *Terra* de um *Messias*. Note-se que algo semelhante surge na história do *Zaratustrismo*.

Inicialmente a prestigiada religião judaica, *judaísmo* ou *judeísmo*, não proibia – antes tolerava a poligamia – apesar de punir o adultério com a morte, e, em muitos casos, aos crimes mais graves, aplicava a *Lei de Talião – olho por olho, dente por dente* – talvez origem ou razão de ser, ainda nos nossos dias, de certas liturgias, pensamentos, temperamentos e procedimentos de uns poucos judeus ortodoxos.

Atribui-se a *Moisés* a autoria de alguns dos primeiros *livros da Bíblia*, os quais – hipoteticamente – teriam sido manuscritos pelo “profeta” em hieróglifos egípcios, escrita que *teria aprendido no Egito em criança*. Recordamos a lenda e tradição oral, segundo a qual *Moisés* terá sido encontrado boiando numa “cesta” ou canastra na margem do rio Nilo e sido ali recolhido pela filha do faraó.

Ainda segundo a mesma tradição oral, a filha do Faraó após recolher *Moisés* tê-lo-ia levado para a corte, onde o menino **teria sido** criado e educado como um “príncipe” da família real, fato que por si só justificaria o seu conhecimento da escrita hieroglífica, da religião monoteísta e de algumas das ciências que, desde a mais remota antiguidade no Egito se tinham desenvolvido.

Admitindo-se que tenha nascido no Egito e residido na corte, *Moisés* poderia ter sido instruído ou iniciado na religião monoteísta, que havia pouco tempo lá tinha sido implantada pelo anterior faraó. Decerto devido a essa hipótese, ter-lhe-ia sido atribuída a autoria do

Torah – a “Bíblia” dos judeus – a qual, segundo alguns historiadores, *Moisés* teria recebido de *Deus*; de notar que ao tempo de seu hipotético nascimento (séc. XV/XIV a.C.), a corte egípcia seria - provavelmente - a mais evoluída do mundo antigo.

Consideramos oportuno revelar e transcrever para os leitores um antiquíssimo “*Mandamento*” judaico, que posteriormente teria sido adotado, incorporado e ou plagiado por quase todas as grandes religiões que se lhe seguiram:

“*O que vos é odioso, não o façais a vossos semelhantes*”

(in “Talmude”).

Budismo

O filósofo *Buda* (563?-483? a.C.), chamava-se *Sarkeya Muni* = solitário – ideólogo e criador/fundador da filosofia social e moral que adotou o seu nome, foi talvez o mais antigo – *Moisés* está entre o mito e a realidade – dos ideólogos fundadores de grandes e famosas filosofias sociais de seu tempo.

Entretanto, de *Buda* – ao contrário de *Moisés*, *Lao Tsé* ou *Tsen* e *Zaratustra* – possuímos muitos dados históricos precisos, rigorosos e confirmados. O seu verdadeiro nome era *Siddharta Gautama*, e sabe-se que foi príncipe da corte local por ser filho do rei dos *Sarkeyas* ou *Sakyras*, sendo membro nato da alta nobreza, pelo que teria nascido no palácio real em meados do século VI a.C.

Ao atingir a maioridade, *Buda* abandonou o palácio e a corte, para estudar com os sacerdotes *Brâmanes*, após o que teria passado alguns anos isolado em meditação e ou contemplação mística. Depois – quando se julgou preparado para iniciar a elevada e nobre missão que desde longa data se tinha proposto – *Buda* imaginou e deu forma aquela que será, talvez, a mais equilibrada, explícita, pragmática e objetiva entre todas as *Teorias* ou *Filosofias Morais* e *Sociais*.

Terminado o período de estudos com os sacerdotes *Brahmane*, o filósofo passou a difundir a sua teoria, pregando-a ou ensinando-a por todo o seu reino, trabalho incansável a que *Buda* se dedicou ao longo de cerca de meio século, esforço com que suplantou todos os outros fundadores de teorias sociais de seu tempo. De notar a coincidência com o proceder de *Jesus Cristo* e de outros fundadores de religiões, que se isolaram durante a juventude, mas dos quais ignoramos muitos dados sobre esse isolamento.

Personagem peculiar, singular e único entre todos os fundadores de filosofias morais e sociais, *Buda* não parece ter sido um tribuno, político ou reformador, e muito menos ter encarnado a figura ou postura de um “*semideus*” que alguns profetas assumiram ou aparentaram. Ao contrário de várias outras grandes figuras históricas, *Buda* foi um honesto, profundo e sério filósofo e pensador, cuja rica, complexa e erudita personalidade avulta e sobressai entre todos os seus confrades contemporâneos.

De um filósofo e nobre com a sua envergadura, nível moral e intelectual, de *Buda* só poderíamos esperar uma doutrina filosófica, moral e social de alto nível, sem dogmas, mistérios, sacrifícios ou faustosas liturgias, como ocorreu com outros fundadores de religiões. Dados os seus princípios e características especiais, o *Budismo* é hoje – entre as filosofias morais, sociais e ou religiosas – a doutrina mais identificada com os atuais preceitos humanistas.

Além do que fica exposto o *Budismo* é, ainda, e entre as antigas filosofias sócio/morais aquela que mais e melhor satisfaz as esperanças, exigências e necessidades do nosso tempo; além disso o *Budismo* é também a “*religião*” mais filosófica e ou científica e aquela que melhor se identifica com as modernas teorias relativas ao *Homem* e ao *Universo*; mas o *Budismo* é também a religião que mais se aproxima dos argumentos, propostas e exigências da inteligência.

Além de tudo que foi dito, o *Budismo* é ainda hoje adotado e prestigiado por cerca de quinhentos milhões de seguidores, simpatizantes e adeptos, não apenas na *Índia* – pátria do filósofo,

origem do *Budismo* e nação onde tem a maioria de seus aderentes ou seguidores – mas também em todo o Oriente, como *China, Japão, Tibete, Sião, Tailândia, Coreias do Norte e do Sul e Birmânia*.

Conhecido e respeitado em todo o mundo, por ter elaborado e adotado uma doutrina social inteligente, equilibrada e justa, cujos princípios e normas de conduta se aproximam dos ideais humanistas contemporâneos, o *Budismo* pode servir de exemplo a qualquer outra teoria social. Entre os seus preceitos morais mais fraternos e abrangentes, encontra-se aquele que mais tarde foi assimilado por várias religiões que se lhe seguiram, e que transcrevemos:

“Não infligais aos outros, coisas que não gostaríeis que vos fossem infligidas”.

(in “Udana Varga”)

Taoísmo

A imaginada ou hipotética personagem designada *Lao Tsé* ou *Tsen*, considerada como inspiradora do *Taoísmo*, não é tida ou reconhecida por todos os historiadores – ao contrário do que acontece com *Buda e Confúcio* – como personalidade verdadeiramente histórica, ou seja, a sua existência não é efetiva e rigorosamente aceite, nem plena e cientificamente comprovada; assim sendo poderá tratar-se de personagem fictícia, portanto de um mito.

Agravando as dúvidas, muitos historiadores admitem e declaram, que a imagem ou figura do imaginado *Lao Tsé*, se deveria a uma personagem fictícia ou inventada, tratando-se, portanto de uma figura mitológica. Nessas circunstâncias e como existe uma obra a ele atribuída, esta poderia ter sido escrita por algum esperto aproveitador do nome, valendo-se do nome do mito já muito divulgado, ou seja, uso fruindo da sua fama e ou prestígio.

Apesar das dúvidas relativamente à sua existência real, a *Lao Tsé* ou *Tsen* são atribuídas e creditadas a autoria do *“Livro da Vida e*

da Virtude” – o mundialmente famoso “*Tao Te Ching*” – bem como a pretensa e vagamente monoteísta filosofia social de cariz religioso e ligeiramente espiritualista designada *Taoísmo*, cuja doutrina filosófica de exaltação individual, moral e social convida ao desprezo de todos pelas exibições, luxos e bens materiais.

A obra filosófica atribuída a “*Lao Tsé*” consta de oitenta e um poemas manuscritos, com um total de pouco mais de cinco mil palavras, sendo cada poema composto por entre uma e quatro dezenas de versos; ressalte-se que os poemas constituem uma síntese de pensamentos profundos, mas, por vezes, confusos. Com esta obra nasceu e dela emergiu o *Taoísmo*, uma doutrina ou teoria abstrata, transcendente e metafísica concepção do mundo, de colorido místico/religioso algo quimérico, a conferir-lhe uma identidade e característica singulares sem similar conhecido.

Por não praticar qualquer liturgia própria específica, não possuir uma doutrina religiosa e não ter adotado qualquer cerimônia “divinamente inspirada”, o *Taoísmo* não é tido como uma religião tradicional. Inspirado numa cosmovisão individualista – o “*Tao*” seria o, ou um *caminho* para uma visão, sentimento ou “sonho” - mais intuído que pensado - que dá ênfase à busca de um “*caminho*” ou princípio absoluto sem recorrer a práticas ou preceitos formais.

Alicerçado numa confusa *meditação/contemplação* relativa à “*realidade profunda*” – que será a *interpenetração ou interação dos contrários* – o *Taoísmo* admite a atuação de duas forças diametralmente opostas – *yin e yang* – em que nas contrárias e ou opostas *combinação e contradição* assenta a base do *sistema divinatório*. Esta “*doutrina*” será - entre todas as filosofias sociais conhecidas - aquela que menor penetração alcançou no Oriente e a mais ignorada no Ocidente e resto do mundo.

Segundo a tradição oral local, *Lao T’sé* ou *T’sen* teria vivido na China no século VI a.C., por cerca de oitenta anos; com essa idade o “filósofo” ter-se-ia dirigido para a fronteira onde a tradição oral refere que teria entregue a sua obra escrita ao guarda da fronteira

local; em seguida ter-se-ia encaminhado para a *Ásia Central e desaparecido*.

A partir do momento em que se admite *Lao T'sé* teria atravessado a fronteira, dele não mais haveria notícias nem teria sido visto. Com tal “procedimento”, “estória ou lenda”, estavam criadas todas as condições necessárias e suficientes para que surgisse e se propagasse a imagem de uma figura mitológica, recheada de interrogações, hipóteses, incertezas, dúvidas e mistérios.

Confucionismo

O fundador do confucionismo – *Confúcio* ou *Kung Fu*, (551? – 479? a.C.) – teria sido contemporâneo de *Buda*, vivendo este na Índia e aquele na China; sensivelmente ao mesmo tempo, um e outro *teriam idealizado e delineado* as suas teorias filosóficas, após o que o filósofo indiano iniciou uma cruzada para implantar a sua *Teoria Filosófica e Social*, baseada numa moral individual e social, que se reportava à implantação de um sistema moralista individual, social e político, em benefício e para uso coletivo do seu povo.

Da biografia de *Confúcio* – escrita no século I a.C. por *Tseu ma Ts'ien* – destacamos a interessante passagem que se segue:

“No mundo, tanto soberanos como sábios, guardam dele (Confúcio) uma glória que o eterniza; aqueles que se dedicam a estudá-lo consideram-no um líder; além do ‘filho do Céu’; reis e senhores, e todos quantos no Reino do Meio dissertam sobre as seis artes liberais, seguem o Mestre; a isso podemos chamar Verdadeira Santidade”.

Além de filósofo idealista e fundador do *Confucionismo* – **e autor** de uma respeitada *Teoria Filosófica* baseada na sua notável doutrina **moralista e social** – o **“profeta”** *Confúcio* foi, comprovadamente, o mais profundo, iluminado e célebre filósofo chinês de seu tempo; tendo por nome verdadeiro *Kung-Fu-Tseir*, a sua doutrina foi o

valioso e amadurecido fruto de um superior, belo e perfeito ideal social, inspirado e embasado em antigas, arraigadas, sinceras e profundas convicções humanistas, éticas e morais.

Nascido no reino de *Lou* – uma pequena comunidade independente da província de *Cang Tomg* onde seu pai seria príncipe, numa época em que ali decorria um processo revolucionário – *Confúcio* teria exercido importantes funções executivas, talvez como responsável máximo pela aplicação da justiça; entretanto, e à semelhança de *Buda*, acabou por abandonar o seu cargo, para se dedicar a uma nobre e elevada missão que considerava superior: “Educar o seu povo e ensinar o Bem e a Justiça a governantes e governados”.

A *Teoria Moral e Social* idealizada por *Confúcio*, baseava-se num antigo princípio chinês conhecido por “*Tao Tö*” = “*caminho para a virtude*”, caminho e princípio como tal aceites pelos governantes e pela aristocracia do reino ao tempo; tal princípio permitia a um chefe hereditário manter – ao mesmo tempo – a “*Ordem da Sociedade, e o Princípio, Poder, Ordem e Equilíbrio da Natureza*”; repare-se que, há dois milênios e meio atrás, *os já então sábios chineses* tinham ciência dos problemas atuais, em especial a *Ordem* e o *Equilíbrio da Natureza*.

O “*Tao Tö*” de *Confúcio*, enquanto “*caminho da, ou para a virtude*”, consistia no exercício de um direito exclusivo dos príncipes, que eram os únicos herdeiros das velhas tradições além de membros das antigas e nobres linhagens; entretanto, o “*Tao Tö*” é diferente do “*Tao Te Ching*” de *Lao Tsé*: este defende um caminho de inspiração diversa = *menosprezo pelos bens materiais*, mas o *Tao* de ambos coincidia na *circunstância de ser um bom caminho*, apesar de algumas diferenças.

Da teoria suporte e inspiradora do *Confucionismo*, emana e sobressai um conjunto de princípios e normas úteis, humanistas, pragmáticas, sensatas e justas, porque caldeadas no amor ao próximo e na fraternidade das antigas, honestas e respeitadas práticas sócio/religiosas no reino de *Lou*.

Na realidade o *Confucionismo* alicerçava-se na *reciprocidade de direitos e deveres entre os homens* – com especial atenção para as relações

entre governantes e governados e entre pais e filhos (que beleza), mas abrangendo ainda todos os cidadãos entre si, tendo em vista que *da comunidade emanavam os deveres e direitos de todos*.

Em seguida e a título de exemplo, transcrevemos um “*Mandamento do Confucionismo*” que dada a sua redação, consiste num *Dever/proibição* que pelo seu alcance, mais tarde se tornou extensivo às mais respeitadas *Teorias Sociais e Religiosas*; essa redação perfeita e abrangente prova que desde a antiguidade, e a partir da primeira, todas as outras *Teorias Filosóficas, Morais, Sociais* e ou *Religiosas*, influenciaram e ou foram influenciadas pelas demais. Eis um de seus Mandamentos:

“*Não façais aos outros o que não quereis que vos seja feito*”,

(Analectas)

Proibindo os crentes de fazer (*não façais aos outros o que não quereis que vos seja feito, à semelhança de Não Matarás*), criou-se um “Mandamento” ou proibição, mas que tem implícito, ao mesmo tempo, um *Dever* para com a comunidade; na verdade, o preceito inclui o *Direito* de todos, de não sofrerem “*o que não quereis que vos seja feito*”. Por aqui constatamos que *in illo tempore* os “Mandamentos” eram mais abrangentes e claros que as leis de hoje.

Zaratustrismo ou Masdeísmo

O “profeta” *Zaratustra ou Zoroastro* (sec. VII-VI a.C.?), pode ser mais um personagem mítico ilustre que – supõe-se – teria nascido e vivido na *Pérsia* ou *Irã* entre os séculos indicados; ao pretendo profeta os autores clássicos atribuem a fundação do *Masdeísmo*, o qual, segundo reza a tradição teria recebido o texto *Avestá* – livro sagrado do *masdeísmo* – diretamente do grande “deus” *Aburanasda* ou *Ormasd*, durante um hipotético acontecimento, história algo parecida ou coincidente com aquela atribuída a *Moisés* no *Monte Sinai*.

Muitos e consagrados autores têm sérias dúvidas ou reservas sobre se o “profeta” teria realmente existido, e garantem que o seu nome será um simples *epônimo*, vocábulo designando algo ou alguém que não existiu; portanto tratar-se-ia de um ser mitológico.

Caso curioso é o fato de a maioria dos dados e informações relativas à época em que se supõe teriam vivido *Zaratustra* e Aristóteles – e sobre o “deus” de quem ele teria recebido o texto *Avestá* – serem obra da tradição oral em parte reproduzida pelo grego pouco depois.

Além de Aristóteles também Plínio – “o antigo” revela em sua *História Natural* que *Zaratustra* teria nascido rindo, ao contrário dos outros mortais que habitualmente nascem chorando; acrescenta ainda que teria vivido no deserto alimentando-se de queijo; outros autores referem-se também a *Zaratustra* como personagem real, que tinha visões, fora casado e pai de vários filhos, atribuindo-lhe a autoria do *Avestá* cujos fragmentos foram traduzidos no sec. IV a.C. para o *palavi*, a língua vulgar, na época, na Pérsia ou Irã.

Devemos ressaltar que o *Masdeísmo* é contemporâneo de célebres teorias sociais, morais e religiosas como *Budismo*, *Confucionismo* e *Taoísmo*, todas elas cerca de meio milênio mais antigas que o *Cristianismo*; entretanto o *Moseísmo* (Israel) – hipoteticamente com cerca de mais um milênio de existência – e o *Masdeísmo* (Pérsia), apesar de distanciadas no tempo, são teorias linguisticamente afins e religiões territorialmente próximas, o que teria propiciado e facilitado contatos e uma grande afinidade entre elas.

Achamos oportuno esclarecer que estará comprovada e será notória uma certa ligação, afinidade ou mesmo intercâmbio, havido entre algumas das antigas religiões, cujos fundadores – antes da implantação de suas filosofias – se preocuparam em estudar os seus princípios e *Mandamentos*. Essa ligação estará bem patente em alguns dos *Mandamentos* a elas comuns que transcrevemos:

“Só tem gênio bom, aquele que se proíbe de fazer aos outros o que não quer que lhe seja feito”. (Distam 1, Denner); *“Não façais aos outros o que, feito a vós, vos desagradaria”*; (*Mahabharata*); *“Considera o lucro do teu*

vizinbo como teu lucro, e o seu prejuízo, como teu prejuízo”. (T'ai (Tai Chang Kan); “O que os homens vos façam, assim fazei-o vós a eles”,
(Mateus, 7-12).

Entretanto reiteramos a completa e perfeita identidade de intenções e conceitos, de alguns dos *Mandamentos* das grandes e antigas religiões, a revelar, não apenas a sua ligação ou afinidade como, principalmente o contato havido entre elas e a influência exercida, em especial entre as quatro grandes religiões citadas. Na realidade são quase coincidentes muitos dos seus princípios, semelhantes os ideais em que se baseiam, idênticos os propósitos e objetivos, assim como eram coincidentes, urgentes e reais as velhas aspirações jamais satisfeitas dos povos subjugados desses territórios.

Cristianismo

Jesus Cristo, o Messias, foi recebido como **o filho de Deus há muito** “anunciado a *Moisés*” e ansiosamente aguardado pelo povo de Israel, e com *Ele* nasceu, implantou-se e disseminou-se a *filosofia e ou prática religiosa, fraterna e humanista que adotou o seu nome* e hoje é seguida, respeitada e adotada nos cinco continentes, por cerca de um quinto da população mundial, com especial incidência no Ocidente.

Segundo a tradição, *Jesus Cristo* nasceu num modesto estábulo da periferia de Belém, na noite de “*Natal*” de um ano ainda não rigorosamente conhecido. Filho de Maria (dona de casa) e de José (carpinteiro), que fugiam da perseguição de Herodes às crianças nesse ano nascidas; de *Jesus Cristo* quase nada se sabe entre o nascimento e o início de seu apostolado, ou seja, relativamente aos primeiros trinta anos de sua existência; à semelhança de alguns dos grandes fundadores de teorias religiosas, deve ter-se recolhido junto a alguma instituição para o estudo das religiões.

Enquanto fundador do *Cristianismo* – nascido mais da prática apostólica diária, que da teoria propriamente dita – quase tudo se conhece, relativamente aos cerca de três anos da pregação de *Jesus*

Cristo, que *Ele* teria iniciado por volta dos trinta anos de idade. E se da adolescência e maioridade de Cristo quase tudo ignoramos – apenas supondo-se como já referimos, que teria estudado as antigas religiões em algum lugar, instituição ou Corte antes de seu apostolado – dos três anos dessa missão “apostólica” tudo – ou quase tudo – conhecemos.

Assim sendo, apenas nos podemos referir ou pronunciar com alguma exatidão ou rigor histórico e científico, aos cerca de três anos da vida pública de *Jesus Cristo*, durante os quais o *Messias* conviveu com as populações das povoações da Galileia e da Judeia, viveu e conviveu profunda e intensamente e pregou fervorosamente para os habitantes das aldeias, enquanto calcorreava os difíceis, tortuosos e pedregosos caminhos entre Israel e a Palestina.

Na realidade *Jesus Cristo* pregou, propagou e promoveu o seu apostolado divulgando, ensinando e implantando o *Evangelho*, onde e quando as suas forças o permitiram; por ser autêntico, convincente e muito carismático, as suas ideias, o seu ideal e os seus ensinamentos eram sempre acolhidos pelas populações com entusiasmo e interesse, propagando-se com extrema facilidade e rapidez, num tempo em que era difícil e lenta a comunicação entre os povos, por apenas dispor da voz humana.

A pedra basilar na qual assenta a doutrina social, fraterna, humanista e religiosa do *Cristianismo*, será o “*Decálogo*” ou “*Os Dez Mandamentos*” herdados do *Mosaísmo ou Judeísmo*, os quais “*teriam sido recebidos no Monte Sinai por Moisés diretamente de Deus*”; este “profeta” a quem se atribui a fundação do *Mosaísmo* é, ainda, considerado “autor” dos primeiros livros de “*A Bíblia*”, os quais – hipoteticamente – teria manuscrito em caracteres hieroglíficos egípcios, em precárias condições e em datas e lugares ignorados.

Os fatos apontados explicam, não só a proximidade, mas ainda a quase identidade entre as religiões *Cristã* e *Judaica*, não apenas unidas umbilicalmente pelos *Dez Mandamentos*, como também pelos laços históricos e culturais comuns; o mesmo deveria ocorrer entre

palestinos e judeus que – estranha e contraditoriamente – hoje se odeiam, digladiam e matam, quando face à religião, perante a história, em obediência aos Mandamentos e ocupando o mesmo território, o seu destino seria estarem unidos, aliados e amigos.

Sobre a vida de *Jesus Cristo*, e relativamente à história do *Cristianismo*, dispensamo-nos de aqui nos aprofundar, dado que em princípio – do que é certo e sabido – são de todos os cristãos e ocidentais bem conhecidas; afinal não será por acaso que partilhamos aquela a que designamos *Civilização Ocidental e Cristã*, de base cultural mesopotâmica, fenícia e grega, mas forjada na *Judeia* e na *Palestina* e consolidada no *Império Romano*.

Deste modo vamos apenas transcrever uma das versões de “*Os Dez Mandamentos*”, de que existem múltiplas variantes das quais a mais antiga se encontra descrita no “*Éxodo*”; muitas outras foram adaptadas ao judaísmo, ao catolicismo e a outras correntes do Cristianismo, algumas para se coadunarem com os seus preceitos específicos, mas outras ao sabor de gostos, preferências, critérios ou interesses discutíveis que apesar de tudo respeitamos.

Os Dez Mandamentos ou Decálogo

01 – Não adorarás a outro Deus; **02** – Não farás imagens ou esculturas usarás o santo nome de Deus em vão; **03** – Não tomarás o santo nome de Deus em vão. **04** – Santificarás o sábado; **05** – Honrarás teu pai e tua mãe; **06** – Não matarás; **07** – Não cometerás adultério; **08** – Não darás falso testemunho; **09** – Guardarás castidade; **10** – Não cobiçarás as coisas alheias.

Enfatizamos que em todos os textos manuscritos há milhares de anos – efetuados em precaríssimas condições e circunstâncias difíceis, como sejam diferentes línguas, dialetos ou mesmo idioletos individuais, condições em que teriam sido redigidos o, os *livros da Bíblia* e muitos escritos atribuídos a *Moisés*, além de vários outros “autores” – será necessária muita prudência, ou mesmo

indispensável aplicar a iluminada sentença do *Papa Pio XII* expressa na Encíclica “*Humani Generis*” nesta obra transcrita.

Ninguém – ou nenhuma outra autoridade religiosa – poderá contestar o conteúdo e o sentido da encíclica “*Humani Generis*”, proclamada por Pio XII que foi um dos mais sábios, sensatos e inspirados papas da cristandade. Além de tudo “*A Bíblia*” e a *História Antiga* contêm relatos com milhares de anos, de fatos transmitidos pela tradição oral e mais tarde manuscritos por muitos autores, em várias línguas e dialetos de primitivas e antigas culturas, razões suficientes para que encaremos tais relatos com muito cuidado.

De qualquer modo o debate que apoiamos sobre os temas abordados é muito urgente e ainda mais importante. Afinal – falar da *Criação do Mundo, Universo ou Cosmos*, do *Espírito* e da *Alma*, do *Homem* e da *Humanidade*, dos *Entes* e ou da *Trilogia da Divindade*, da *Bíblia* e de seus segredos, da (*V*)*ida Espiritual Universal* e da (*v*)*ida humana e terrena*, do nascimento e da Morte – será abordar a (*V*)*ida* e as (*v*)*idas*, a *Alma* e o *Espírito Humanos*, o que de mais expressivo, significativo e profundo existe, relativamente à *Existência* dos *Seres Humanos*.

Em definitivo, aqui abordam-se temas excepcionalmente sérios e ou assuntos profundamente complexos e delicados, mas que precisam deixar de ser *tabu* para poderem ser debatidos – honesta, objetiva e profundamente, com o maior respeito e seriedade – e eventualmente até mesmo contestados, mas sempre com o maior rigor, serenidade e bom senso. Neste caso a nossa fiel companheira e prudente conselheira – *que é a consciência* – não deixará de indicar o caminho a seguir, a trilha a palmilhar ou a cruz a carregar.

Vivemos uma época inquietante, de agitação, insegurança e intranquilidade, em que grandes e profundas mudanças ambientais, geopolíticas, sociais e culturais precisam ser efetuadas; exigindo dolorosas renúncias e audaciosas escolhas, esta é uma ocasião propícia para tais mudanças, apesar de ser delicada porque conturbada por circunstâncias desafiadoras.

Deste modo caberá aos líderes de todos os setores de atividade cumprir a delicada missão de decidir com inteligência, agir com competência e proceder com dignidade, honestidade, coragem e sabedoria, mormente perante a grave *Pandemia*, que parece representar um dramático aviso – para não dizer alerta ou “castigo” da *Mãe Natureza* – contra os abusos da Humanidade.

É certo que referimos atributos que poucos possuem, falta que muitos, leva a decisões obtusas, inconsequentes e desastrosas, quando não são catastróficas; tais decisões serão agravadas pela **irresponsabilidade dos** infratores em atos desonestos e criminosos, tais como a corrupção, o tráfico de drogas, o assassinato. E neste momento não podemos deixar de recomendar que pensem menos em *direitos* a uso fruir e mais em *deveres* a cumprir.

Muitos cidadãos confundem *direitos* com *poderes*, ignorando por vezes as *obrigações/obrigações* que são seus próprios *ônus*, além dos *direitos dos semelhantes* e das *minorias*, as quais muitas vezes – acoissadas e sem outra opção – partem para a violência e o crime, quase sempre atitudes emocionais, desesperadas, impulsivas e irracionais de quem está acuado e se sente injustiçado, abandonado ou perseguido.

No caso da Síria, onde fações “religiosas” fundamentalistas, extremistas e fanáticas se digladiam e destroem, arrastando consigo o martirizado Líbano (antiga e famosa Fenícia), de populações antes privilegiadas e hoje carentes, miseráveis, abandonadas e revoltadas, quase sempre vítimas de injustiças e irresponsabilidades familiares e sociais, cometem-se os mais hediondos crimes em nome de uma “religião” que querem justiceira e, enganados, seguem e dizem pretender servir.

Os jovens – sempre eles, tendo em vista os seus anseios, as suas escolhas, os seus ideais e os seus sonhos – partem para a guerra eufóricos, mas iludidos e enganados, uma vez no teatro das operações agem por impulso e instinto de sobrevivência – animal e inconsciente – momentos em que podem cometer bárbaros crimes, circunstância que ainda no caso da Síria os levou à degola de

“adversários”, apenas por se encontrarem do outro lado da trincheira, apenas para dar um “exemplo”!!!.

Será nestas ocasiões que a verdadeira e convicta fé mais falta faz, que os laços familiares mais poderiam ajudar e uma sadia cultura melhor guiaria as pessoas, no sentido de dominar esses maus instintos, **para tomarem** decisões **acertadas e** escolher opções dignas. Mas para chegar a esse estado de “graça” – fase de maturidade consciente, digna e responsável – os jovens precisam viver a adolescência no seio familiar, **ser orientados** pelo respeitável e salutar ambiente ali criado pelos pais, a transmitir-lhes tranquilidade, segurança, apoio e ideal, fato hoje cada vez mais raro.

Na (*v*)ida dos *Seres Humanos* – assim como na (*V*)ida *Espiritual* da *Humanidade* – momentos existem em que se torna incontornável tomar decisões, imprescindível selecionar opções, seguir novos caminhos, pela urgência das mudanças. Supomos ser este o caso das pessoas autoritárias, das instituições pouco transparentes ditas democráticas, bem como das associações de crentes de fracas convicções, além de alguns setores da população, como ativistas interesseiros, humanistas “desumanos”, “democratas sem **eleitores**”, além de *pseudo* especialistas, reformistas e progressistas.

Com a chegada das novas tecnologias e inovações, bem como de novas mentalidades, culturas ou usos e costumes, ou seja, com a implantação de arrojadas práticas e avançadas culturas para as quais poucos estarão preparados, urge que se “construa” um novo e melhor *Homem*, para que possamos dar resposta a essas imperiosas exigências, *conditio sine qua non* para a “sagrada” continuidade da “*Experiência humana, dos Seres Espirituais que Somos*”.

Para a *Humanidade*, chegou a “*Hora da Verdade*”, momento decisivo, delicado e crítico – aliás grave – quando aos fortes, experientes, capazes e sábios cabe refletir, ponderar, decidir e agir como sérios e sensatos condutores de homens, e tentar guiar a sociedade para um objetivo adequado, *que não desmereça o passado, não comprometa o presente e não destrua o futuro*; mas sobretudo um destino

que preserve a sua *Essência*, mantenha e melhore a sua *Existência* e consiga amenizar e ou suavizar a *Degenerescência de Todos. Amém.*

Capítulo Segundo

Existência

(do lat. *ex+sistentia, de sistere*=existir, estar, permanecer)

“O que os homens vos façam, assim farei-o vós a eles”

(Mateus, 7:120)

“O Microcosmo Homem é – por sua constituição ternária (Espírito, Alma, corpo) – a imagem e o espelho do Macrocosmos Universo (mundo Divino, mundo humano e mundo Natural), que é propriamente o órgão do Deus Inefável, do Espírito Absoluto, o qual é, por sua Natureza, Pai, Mãe e Filho (Essência, Substância e Vida).

(in “Os Grandes Iniciados, Eduard Schuré)

“O Homem não se poderia ver completamente fora da Humanidade; nem a Humanidade fora da (v)ida; nem a (V)ida fora do Universo”.

(Pierre Teilhard de Chardin)

“O conhecimento que os sentidos nos fornecem é um conhecimento bastardo. O conhecimento legítimo – que é o dos átomos e da razão, do Ser e do não Ser – deriva da razão; há átomos de espécies diferentes...como, por exemplo os átomos esféricos e leves que formam a Alma”.

(in, “Diakosmói” – Sistemas do Mundo – Leucipo/Demócrito)

“Só aprendi a ser um bom filho após ter sido pai; do mesmo modo só aprendi a ser um bom pai após ter sido avô”

J.V.

Entendemos a *Existência* dos seres humanos no *Globo Terrestre* – enquanto *experiência humana dos Seres Espirituais* – como a fase ou ciclo de duração da vida dos seres ternários – *Espírito, Alma e corpo* – condição que em parte talvez possamos estender a todos os outros animais, a vegetais e minerais ou

ainda a qualquer ser ou algo que se mantém vivo, porquanto as partículas elementares fundamentais subatômicas e *Espirituais*, de tudo e de *Todos* farão parte, como partícipes das estruturas da matéria dos corpos que formaram.

Para o *Ser Humano*, *existir* consiste em “*ser, estar, permanecer vivo, ser uma realidade, afirmar uma presença, estar presente em algum momento e ou em algum lugar*”, mas sempre em um determinado espaço e preciso tempo. Assim sendo configura-se a *Existência*, conceito que muito varia consoante a ótica e crença da corrente religiosa, a visão filosófica ou espiritualista ou até mesmo a inclinação e o interesse pessoal e ou corporativo de quem analisa o tema.

Deste modo o conceito de *Existência* dos católicos, será distinto da ideia dos filósofos, bem como o destes dos dos espiritualistas, materialistas e outros. Nestes casos a física moderna a todos poderá esclarecer e ajudar – e até mesmo a entender – quando **define** que os “*Elétrons Espirituais*” – enquanto partículas elementares fundamentais subatômicas – fazem parte e ou compõem as estruturas da matéria corpórea, dando naturalmente a essa matéria “status” de *Espírito*.

Segundo o dicionário Houaiss:

“*Existência é o estado de quem – ou do que – existe; pessoa ou coisa que se mantém viva; ciclo de duração de uma realidade*”. Mas para os aristotélicos, e muito especialmente para os escolásticos, o *Ser*, que é o *Ente* individual e concreto, caracterizado e distinguido por singularidades e ou particularidades bem definidas, especiais e únicas – em oposição aos conceitos universais coletivos – que determinam a forma geral, seus atributos, caracteres e qualidades.

Constatamos assim serem várias e algo diferentes, as opiniões sobre o significado do termo *Existência*; por isso conceituá-lo ou

defini-lo não será tarefa fácil, mas apesar disso, neste capítulo abordamos e tentaremos definir e interpretar e esclarecer – com a maior clareza, profundidade e rigor possíveis – não apenas os conceitos atribuídos ao vocábulo título, como ainda as fases da evolução do *Hominídeo* e do *Homo* ao longo da sua *Existência*.

Aqui ocupar-nos-emos ainda da *criação* e ou formação dos seres humanos, desde a formação ou “nascimento” do óvulo e do espermatozoide, a que se seguem a fertilização e formação do feto que *Ser Humano* (é) será, além das várias e seguintes fases, como o “nascimento” da criança, o seu crescimento e amadurecimento e a sua degeneração ou *Degenerescência/decomposição* – que em condições normais serão lentas e progressivas ao longo de décadas – até a “demolição” das estruturas da matéria corporal com a liberação das partículas elementares subatômicas e *Espirituais*.

Constatamos que para os escolásticos – principalmente – mas também para o aristotelismo, a *Existência* humana revela:

“O ente individual e concreto, portador de uma singularidade delimitada, em oposição aos conceitos universais, que determinam a sua forma geral, conceitos e atributos”.

Entretanto *Pierre Chardin* fala-nos da (*v*)ida ou *vivência* dos “*Seres Espirituais passando por uma experiência humana*”, que se materializa no *Globo Terrestre* com a agregação das partículas essenciais *Espirituais* para a formação das estruturas da matéria dos corpos e a *Degenerescência* e morte destes, com a sua total e final desagregação.

Perante o verbete “*Existência*” do dicionário Houaiss, verificamos que os seus redatores nele identificaram o conceito expresso pelo vocábulo com a singularidade do próprio *Ser humano*, enquanto realidade central de todos os seres vivos à superfície terrestre, destacando-o e diferenciando-o do conjunto dos outros seres que – sendo dele muito diferentes – a ele se igualam e identificam no que concerne à *Essência*” enquanto origem, formação e criação dos *Seres* Ainda segundo o mesmo verbete “Houaiss”:

“Existência é o estado de quem – ou do que – existe; pessoa ou coisa que se mantém viva; ciclo de duração de uma realidade”; mas, para aristotélicos e escolásticos, *Existência* reporta-se ao “ente individual e concreto, portador de uma particularidade delimitada, em oposição aos conceitos universais, que determinam a sua forma geral, seus atributos e qualidades”.

“Estado de quem ou do que sobrevive, subsiste; o fato de viver, o viver, o estar vivo; a vida; maneira de existir; ciclo de duração de uma vida; o fato de ter uma realidade; pessoa ou algo que se mantém vivo; o fato de estar presente”.

Reportando-nos à *(v)ida* ou *Existência* dos *Seres humanos* no *Globo Terrestre*, esta englobará toda a sua história, desde a formação do útero e do espermatozoide e fertilização e início da formação do corpo, com o surgimento ou encarnação da *Alma humana* – quando se verifica a incorporação dos elétrons espirituais – bem como de todo o ciclo ou fase de suas vidas, coabitando, existindo, vivendo, convivendo, crescendo e evoluindo, até a *Degeneração* e morte total com a liberação das partículas essenciais *Espirituais*.

Admitimos que os humanos – desde os seus primeiros tempos – **sofreram** com temporais e ou tempestades, com a ameaça constante dos animais selvagens carnívoros e dos próprios **semelhantes**, temendo as doenças mortais e outras graves ocorrências, sentindo-se inseguros e assustados; não tendo a quem recorrer, na falta de *Algo* ou *Alguém* como *Brahma* ou *Brama* (“cabeça da Trindade Divina hindu e Deus Criador, ser grande, forte, causativo”) segundo o *Bramanismo* – trataram de “encontrar” o seu *Protetor*, que acabou sendo o seu próprio *Deus*, procedimento à imagem e semelhança dos sacerdotes *Brahma*.

Na realidade e face às violentas intempéries naturais, tais como aterradoras tempestades tropicais e consequentes dilúvios, assustadoras trovoadas e relâmpagos, paralisantes tremores de terra, erupções de vulcões e outros fenômenos telúricos, e tendo em conta a sua fragilidade, impotência, insegurança, incapacidade e muitas

outras limitações, além de fraquezas, carências e dificuldades que os caracterizam e afligem até hoje, os *Seres humanos* imaginaram um *Ser a Quem* pudessem recorrer solicitando amparo nas horas e momentos de aflição. Assim podem ter surgido os deuses.

O primeiro *deus; mito* de que nos fala a tradição, teria sido *Krishna*, “oitavo avatar de *Vishnu*” e imagem do “*deus*” até hoje mais cultuado na Índia, Estado de muitas nações, línguas, etnias e religiões; aceite como “*Deus Supremo*” e *Guru* de *Arjuna*, *Krishna* – segundo o *Bagavata Purano*, teria sido concebido apenas por transmissão mental, portanto sem união carnal (à semelhança de Jesus Cristo), e “nascido em 3228 a.C., em *Mathma*, capital do clã *Vrishni* ao qual pertenceria *Krishna*”.

Poucos séculos depois do “nascimento” de *Krishna*, teria surgido o “*Deus Supremo do Bramanismo*” (*Brahma*), considerado por essa religião – depois organização política e social poderosa – como “*Deus Criador, grande, forte, causativo*”; decerto imaginado muito além e acima da imagem dos humanos seus criadores, para que pudesse socorrê-los e ou satisfazer as suas aspirações, pedidos e desejos, *Krishna* manteve até o presente muito de sua popularidade.

Com *Brahma* o *Bramanismo* alcançou a posição de segunda religião mais conhecida no mundo, cuja *Teoria/Filosofia* é talvez a mais antiga ou mais remota da primitiva religião/civilização implantada na *Península Indiana*. Essa poderosa “organização política, social e religiosa” – que deve remontar ao III milênio a.C. e sobreviveu até a *era cristã* – sucumbiu ao avanço, influência e domínio do *Hinduísmo*, hoje hegemônico no Estado Indiano.

Talvez não por acaso, o grande (e muito poluído) rio Ganges – que percorre a planície da *Península Indiana* – é ainda agora considerado *sagrado* pelos naturais, fato que remonta à chegada da “civilização” ariana à região, altura em que astros, rios, montes, rochedos, árvores e até mesmo alguns animais – (como as vacas também “intocáveis” na Índia) – eram objeto de culto e

considerados “sagrados”; como consequência desse *status* não seriam propriedade das populações.

Deste modo constatamos que – desde o início das primeiras crenças e dos primeiros crentes, das seitas e das religiões, dos medos e das superstições – o “*Deus*” dos homens era um “*Ser Grande e Forte*”, decerto assim imaginado para que conseguisse “acalmar” os humanos, garantir a sua segurança, de modo a que pudessem enfrentar tudo e todos aqueles que os assustavam e ameaçavam, ou de qualquer modo para eles constituíam um perigo.

Como já referimos, teriam sido a reconhecida impotência, o pavoroso medo, a insegurança, a inquietude e a incapacidade de enfrentar tempestades, adversários e inimigos, as principais causas e razões que levaram os *Brahma* e outros mortais a imaginar, buscar e “criar” o referido “*ser superior, grande e forte*” que os protegesse, não apenas dos adversários e ou inimigos, mas ainda das calamidades e intempéries, como no caso do mitológico “*deus grego dos trovões*”.

Aqui recordamos a *Bíblia* e a “*Criação do Homem por Deus* “à sua *imagem*” ou semelhança, para cotejá-la com a “*criação*”, imaginação ou invenção dos muitos deuses das várias mitologias, obra dos nossos antepassados medrosos e crentes, supersticiosos e carentes, ansiosos e impotentes, mas sobretudo ignorantes, desamparados, acuados, mal abrigados e muito mal alimentados.

A Terra e o Homem

A Terra é do Homem como o Homem é da Terra, e na vida terrena (e ou ao longo da *Existência* humana) tudo gira, tudo anda, tudo roda, tudo se acomoda e tudo se decide ou resolve em torno do “*ser ou não ser, do existir ou não existir, do sim e do não, do deve e do não deve, do pode e do não pode, do vai e do não vai*”, quando *existir* implica *agir, fazer, estar vivo* e o *não existir* consiste em *não agir, não fazer,*

não estar vivo, exatamente porque o *não Ser* comprovadamente *não está*, ou, concluindo, *Não É*.

“*To be or not to be, that is the question*” = “*Ser ou não ser*”, *esta é*, ou “*eis a questão*”).

(Shakespeare)

No caso do grande dramaturgo inglês, a tese/frase e lapidar sentença desse maravilhoso autor – atribuída ao personagem Hamlet, *Príncipe da Dinamarca*, pronunciada quando este, com uma caveira na mão se questionava, hesitando sobre a decisão a tomar, que consistia em *matar* ou *não matar* seu tio, porque ele para usurpar o trono de seu pai, o havia assassinado além de ter estuprado e engravidado sua própria mãe. E perante tão dramáticas e trágicas ocorrências, a sua indecisão era cruel, pois impunha-se uma tomada de decisão que poderia acarretar novas e mais graves consequências.

Era curtíssimo o espaço de tempo de que dispunha Hamlet, e o cerne da questão consistia na urgência que a situação ou as circunstâncias – e os crimes – impunham; a gravidade das consequências advindas da decisão a tomar, que sem outras alternativas implicava seguir por um de dois caminhos possíveis: *matar* seu tio ou *poupar a vida do criminoso*, dilema angustiante, que uma incontornável, sofrida e dolorosa decisão tornava ainda mais sofrido.

Naquele palco (ou naquela ribalta) iria decidir-se a inevitável mudança (ou troca) do Poder, e ali cruzavam-se intenções e objetivos distintos, mas ousados, misturavam-se sentimentos antagônicos e cruéis, enfrentavam-se desejos opostos e vontades obscenas, ardiam intensas, imorais e exacerbadas paixões, confrontavam-se antigos sonhos e perversas ambições.

Mas não se ficavam por aí as “cenas” desse palco: ali debatiam-se ganâncias descontroladas, opunham-se interesses adversos e irreconciliáveis, lutavam forças contrárias, mas poderosas, decidiam-se destinos obscuros e inconciliáveis, sobrepunham-se emoções

fortes e profundas, ou seja, enfrentavam-se circunstâncias e viviam-se situações que o pobre mortal não estava preparado para suportar.

Daí o torturante dilema de *Hamlet* a exigir decisão ou solução imediata, para cuja execução tinha pouco tempo; mas decisões equilibradas, sensatas, adequadas, ponderadas – para questões tão graves e urgentes que na vida surgem sem avisar, mas que nos angustiam, afligem, perturbam e torturam – não se tomam instintivamente, impulsivamente, de afogadilho, com o coração disparando, os nervos estourando, a cabeça explodindo, as pernas tremendo; nesses momentos dolorosos qualquer precipitação poderá ser desastrosa ou trágica.

Matar ou não matar – *eis a questão* – ou – *esta é a questão: Ser ou não ser*, (assassino); *fazer ou não fazer* (um cadáver); *lavar ou não lavar* a honra, *agir ou não agir*, *atuar ou não atuar*, *vingar ou não vingar*. “*Ser ou não ser*” – “*eis a questão*”, problema, tema ou dilema, circunstância e arrogância, situação e aflição, ou, no fundo, emergência face à demência (de quase todos). Enfim, situação que – mais cedo ou mais tarde – a qualquer vivente pode surgir sem aviso prévio, de supetão, pois nestes casos a intuição pode falhar.

“*Ser ou não ser*”, que o mesmo será afirmar: *somos ou não somos, estamos ou não estamos, existimos ou não existimos, vivemos ou não vivemos, agimos ou não agimos*. No primeiro caso, ser significa *viver, ter (V)ida*, o que pressupõe ação e reação, *Existência de algo ou alguém*; no segundo o *não ser* será a comprovação do *não estar, da inexistência* ou *não Existência* – a *não (V)ida* – negações que na origem se reportam ao pó antes da *Criação*, ao nada ou ao quase nada, ao mero pó.

Assim filosofando, e esforçando-nos para tentar seguir a trilha, rumo ou rota do “gigante” *Shakespeare*, que perante uma situação dramática o imaginado normal que este assina, face ao complicado dilema de *abordar ou não abordar* temas místicos, filosóficos, metafísicos, transcendentais, controversos, delicados e polémicos, viu-se perante seríssima, angustiante e dolorosa situação a impor

uma decisão: apelar para o *Divino*, recorrer ao *misticismo*, servir-se da *especulação* ou, pura e simplesmente, *optar pela negação*.

Tendo algo em comum – ou alguma semelhança circunstancial com a sentença de *Shakespeare* – “*Ser ou não ser*, (esta é, ou) *eis a questão*” – a tese cartesiana “*Penso, logo existo*” (do latim “*existere* = ter presença real, viva; estar presente como realidade subjetiva; viver, ser confere ao pensamento puro e simples o direito de provar a *Existência* com o também simples “argumento” de condicionar a *existência da “Existência”* ao ato de pensar: “*Existo porque penso*”.

Deste modo o *ser* ou o *não ser* de *Shakespeare* – *To Be or not To Be* – reportar-se-á ao *pensar* (*penso, logo existo=to be*), ou ao *não pensar* – se não penso, não existo=*not to be*), por se encontrar implícito na citada tese cartesiana que – *se não penso, logo não existo*. Por prosaica que pareça a comparação, ou simplória a tentativa de esclarecer que, “se declarar que vou à feira comprar fruta, na hipótese de não ir à feira, decerto não comprarei a fruta”. Neste caso específico no *ir* ou no *não ir*, estará definitivamente a questão.

Em relação ao vocábulo título – *Existência* – pretendemos caracterizar, identificar e ou definir o *estar*, o *viver* e o *permanecer* do *Ser Espiritual passando por uma experiência humana* na superfície terrestre, considerada essa permanência desde o momento inicial, coincidente com a “*encarnação*” dos *elétrons espirituais* na estrutura da primeira ou primeiras células do espermatozoide e do óvulo humanos, até aquele outro momento – final – quando as últimas partículas (*elétrons*) elementares *Espirituais* se libertam, regressando às suas origens, à atmosfera, enfim, à *Natureza* que será o *Universo*.

Em conclusão, a *Existência* consistirá na curta ou limitada passagem ou *experiência humana* do *Ser Espiritual* no *Globo Terrestre*, enquanto *Ser Humano ternário* que somos – *Espírito, Alma, corpo* – onde o Homem vivencia, dá forma e caracteriza o resultado do fenômeno da “*Criação*”, a partir do *Ser Espiritual Universal*. No primeiro caso tratar-se-á da (*v*)*ida terrena* – uma mera ou simples fase ou período da (*V*)*ida Espiritual Universal*, origem da primeira.

Assim sendo nada mais natural do que a conclusão do jesuíta francês antes citado, que decididamente afirma: “*Somos seres espirituais, passando por uma experiência humana*”, que naturalmente será na Terra, o que significa termos origem *Espiritual Universal* e destino final idem, mas que durante a referida experiência humana, enquanto o *Espírito* – mantendo seus caracteres e ou atributos – se mantiver incorporado na estrutura da matéria, estaremos sujeitos às ‘transformações’ a que alude a lei de Lavoisier sobre a matéria: “*Na Natureza nada se perde, nada se cria, tudo se transforma*”.

Face ao que antes foi exposto, e sem perdas ou ganhos – se bem que com eventuais migrações ou mudanças de partículas, de órgãos, aparelhos, sistemas ou corpos para outras e diferentes estruturas – a *Existência do homem na Terra* concretizar-se-á com ou pelo nascimento em momento a definir, por uma *Primeira Idade* após aquele e pelas *Segunda* e *Terceira Idades*, sempre sofridas e por vezes dolorosas, mas com uma indeclinável e nobre missão a cumprir.

Do Hominídeo ao Homo - Teoria da Evolução das Espécies

Quando o *Primata Hominídeo* nosso ancestral desceu da copa das árvores para o solo, colocando-se definitivamente de pé, passou a andar movendo-se apenas sobre os agora membros inferiores e antes posteriores, liberou os antes membros anteriores e agora superiores para novas tarefas; a partir daí os agora designados “braços” passaram a ocupar-se de novas e importantes funções, tais como a feitura do abrigo ou o fabrico de utensílios úteis e necessários aos novos *Homo Erectus*, no dia a dia de sua nova vida.

Entre as novas funções dos membros superiores do *Homo Erectus* - apoio ao andar ligeiramente inclinado para a frente – dos antes quadrúpedes e agora bípedes ainda cambaleantes; o referido fabrico ou “manufatura” de artefatos ou utensílios, úteis e

necessários à vida cotidiana do novo Ser; a busca de alimentos como a coleta, caça e pesca, além o fabrico de “armas” de defesa contra os predadores carnívoros seus inimigos, ou seja, a execução dos muitos, variados e necessários afazeres do novo *Homo* agora residindo em terra firme, para o que necessitou adaptar-se.

À evolução física e mental ou intelectual, seguiu-se a psicológica, com o novo *Ser pensante*, logo que o corpo se **robusteceu**, alterando-se para se adaptar aos novos ambientes e afazeres; o cérebro **augmentou** de volume e a mente ou intelecto – sede da alma – **propiciou** o desenvolvimento e aperfeiçoamento dos seus caracteres ou atributos, o pensamento **agudizou** o raciocínio e **aclamou** a consciência; assim o *Homo Habilis* foi reunindo condições que lhe permitiram evoluir para as espécies seguintes, aproximando-se mental e culturalmente **do futuro** *Homo Sapiens*.

Para o novo ser, os mais assustadores fenômenos a perturbar a sua tranquilidade, fazer perigar a sua segurança e causar-lhe medo, seriam as inesperadas e devastadoras tempestades tropicais, com fortíssimos relâmpagos que cegavam, logo seguidos de tremendos e ensurdecedores trovões, de chuvas torrenciais, de inundações e devastações por estas provocadas, fatos muitas vezes mortais, mas sempre destruidores, aterradores e catastróficos.

Aos acontecimentos descritos, bem como às preocupações, perdas e destruições deles derivadas, se deveram os motivos ou razões que levaram os novos seres a buscar abrigos para proteger-se, refugiando-se em lugares seguros como grutas e cavernas, onde se sentiam mais protegidos, podendo ainda ali deixar as crias em segurança para poderem sair em busca de alimentos.

Perante essas novas circunstâncias que lhe criavam situações diferentes e necessidades acrescidas; face à imperiosa urgência em “refletir” para as conseguir resolver e ou solucionar; tendo que imaginar, “projetar” e executar os novos e indispensáveis artefatos que antes, sem as ‘mãos’, não tinha condições de confeccionar, o novo *Ser* precisava pensar para evoluir ou raciocinar para construir.

E foram tais necessidades que obrigaram o *Homo Habilis* a desenvolver e aperfeiçoar a inteligência, benefício que ficou devendo às suas próprias mãos.

Necessitava o novo ser de uma imaginação criadora ousada e inovadora, que lhe facultasse aprofundar e aperfeiçoar o pensamento, aguçando o raciocínio, para que o agora artesão conseguisse idealizar, projetar e produzir – usando os agora membros superiores – novos e mais eficazes utensílios; tudo isso deve ter acontecido muito lentamente, com o cérebro “guiando” as mãos, razão pela qual se costuma dizer – insistimos – que devemos a nossa inteligência às nossas próprias mãos.

Transitando de *Hominídeo* para *Homo Erectus*, e em seguida para *Homo Habilis* e espécies **seguintes**, mais tarde e após passar pelas outras espécies intermédias, o *Homo* chegou ao primeiro estágio considerado efetivamente superior, que foi o *Homo Sapiens* (inteligente, que sabe) configurado no *Homem de Neandertal* ou *Neandertalense*, (300.000/250.000 anos até 35.000 a.C.), seguido do *Homo Sapiens Sapiens* (inteligente, que raciocina), cujo primeiro representante conhecido foi o *Homem de Cro-Magnon* (35.000/30.000 a.C.), do nome da região francesa onde foi encontrado.

Evoluindo naturalmente até chegar à superior condição de perfeitamente racional, o *Hominídeo* foi-se diferenciando de todos os outros animais, alguns dos quais podem “evoluir” pelo treino ou pelo ensino, especialmente gorilas, chimpanzés, equinos, caninos, aves e alguns mais. Em sentido oposto, cita-se a história de alguns seres humanos que, tendo crescido ou sido criados entre irracionais, com eles aprenderam a andar usando os quatro membros, a buscar alimentos e alimentar-se do mesmo modo que os “companheiros”, e ainda como eles viver o dia a dia.

Nas grutas e cavernas antes apontadas, seus moradores *Sapiens Sapiens* (cerca de 30.000 a.C.) iniciaram as primeiras criações artísticas feitas por *Seres Humanos* – arte rupestre com desenhos e pinturas nas paredes do alojamento e estatuetas – decerto porque as condições

que ali prevaleciam, como segurança, isolamento e silêncio – propiciassem e favorecessem a meditação, a imaginação criadora e a arte. Deste modo surgiu e se enriqueceu a cultura com manifestações artísticas humanas que chegaram até nós.

Efetuada logo nos primeiros milênios (a partir de cerca de 30.000 a.C.) pelo referido *Homo Sapiens Sapiens* ou *Homem de Cró-Magnon*, as criações artísticas em paredes de cavernas encontram-se na Europa e um pouco por todo o mundo, nomeadamente em grutas francesas dos Pirineus (Ardèche), em pequena ilha ao largo de Marselha, Altamira (Espanha), na região de Évora (Portugal), e mais raramente na Ásia, África e América.

A evolução mental e comportamental a que nos referimos acabou por transformar o “irracional” *Hominídeo Primata* – animalesco e selvagem de há mais ou menos cinco milhões de anos, e após passar pelas já citadas fases intermédias – no *Homo Sapiens Sapiens* (inteligente, que sabe, raciocina) de nossos dias, ser “superior” realmente dotado de excepcionais atributos intelectuais, mas em muitos casos ainda hoje a necessitar de profunda evolução e aperfeiçoamento comportamental, moral, cívico e ético.

Recapitulando, enfatizamos que a evolução inicial do *Hominídeo* = semelhante ao homem – transformando-o lenta, progressiva e sucessivamente em *Homo Erectus*, *Homo Habilis* (2,5 milhões de anos), *Homo 1470*, *Homem de Boxgrove*, *Homem de Neandertal* (cerca de 300.000/250.000 anos a.C.), e por fim no *Homem de Cro-Magnon* ou *Homo Sapiens Sapiens* (35 a 30.000 anos a.C.), última e mais avançada espécie da evolução à qual pertencemos.

Descrevemos as alterações, transformações e mudanças operadas ao longo da evolução do *Hominídeo* até ao *Homem*, quando o primeiro necessitou de grande capacidade de adaptação – atributo da inteligência – para sobreviver em novos ambientes, enfrentar novas situações, circunstâncias e desafios, como as feras, o clima, o relevo acidentado, a selva hostil e os grandes deslocamentos em busca de água e alimento; a esses esforços ficou o novo *Ser* devendo

alterações físicas significativas como robustecimento dos membros, alongamento dos braços, alterações da cor da pele e outras.

Entretanto foram especialmente as longas jornadas, mudanças de habitat, clima, altitude, longitude e latitude, que teriam provocado alterações na pigmentação da pele (escura no Planalto Queniano, lugar de “nascimento”), bem como nos hábitos e costumes (cultura) que deram origem a variadas ou distintas etnias, algumas até há pouco tempo erroneamente classificadas como raças – *amarela, branca, vermelha e negra* – mas cujas insignificantes diferenças não justificavam e não justificam essa classificação.

Sempre será oportuno enfatizar que a “*evolução da espécie*”, se iniciou com a adoção pelo *Hominídeo* de uma postura ereta/vertical, altura em que o crânio e o cérebro do até então quadrúpede e depois bípede – agora situados no eixo e topo do corpo, posição mais estável que a anterior, na frente – foram aumentando de volume, permitindo e facilitando o desenvolvimento do cérebro e seus atributos mentais e ou intelectuais, ou seja aperfeiçoar a inteligência.

Se antes da *Evolução da Espécie* o volume do cérebro dos *Hominídeos* não ultrapassava meio litro ou quinhentos centímetros cúbicos, a partir do *Homo Erectus*, esse volume foi sucessiva e paulatinamente aumentando, até alcançar oitocentos centímetros cúbicos nas espécies intermédias, passar a um litro logo depois e atingir o limite máximo de cerca de um litro e meio, que caracteriza os seres mais privilegiados ou inteligentes da *Espécie Humana*.

Foi, pois, durante a citada evolução – já o dissemos – que valiosos e preciosos atributos ou caracteres intelectuais e ou mentais humanos como a *razão, consciência, vontade, imaginação criadora, determinação* e outras se foram consolidando, às quais outras se somaram com a vivência em família e sociedade, como o *carácter, ética, integridade moral, dignidade, honestidade*.

E ao longo de milênios, foram-se acrescentando ao “*patrimônio*” moral, ético e intelectual da mente do *Homo Sapiens Sapiens* um numeroso conjunto de qualidades, atributos e “*virtudes*”, que

distinguem e são exclusividade dos homens de bem, dos cidadãos responsáveis e dos dignos chefes de família, ou seja, daqueles *Seres* que não se corrompem, não traficam e não matam. Os homens que assim não procedem nem sequer justificam o nome de *Seres Humanos*.

A Inteligência

Já antes afirmamos que o Homem deve a inteligência às suas próprias mãos, verdade indiscutível de vez que foi a necessidade de raciocinar para inovar – inventando táticas e estratégias para caçar e defender-se dos adversários, imaginar e produzir artefatos, construir abrigos, canoas e outras – que levou o *Hominídeo/Homo Erectus* a “solicitar” ou “exigir” do cérebro soluções para as novas funções, através das quais a mente se desenvolveu, o raciocínio se agudizou e as outras funções cerebrais, de um modo geral se aperfeiçoaram.

Foi deste modo que o homem – elaborando ideias, criando projetos, imaginando táticas e inventando estratégias, chegou a um ponto que lhe permitisse aperfeiçoar seus abrigos, fabricar artefatos e armas para se defender e caçar e mais e melhor, e com mais eficácia enfrentar as feras e os outros homens seus inimigos usando apenas as próprias mãos – muito evoluiu arrastando consigo a inteligência.

Após a abordagem do tema “*inteligência*”, enfatizamos que defendemos um *conceito de inteligência amplo, vasto e abrangente*, para que definitivamente *essa maravilhosa preciosidade da condição, vivência e dimensão humanas* passe a ser olhada, encarada, valorizada e cultivada como o *conjunto ou somatório de qualidades, atributos e caracteres mais importante e valioso da espécie*, e não apenas como uma simples e única aptidão do intelecto ou da mente humanas, mesmo que muito especial, principal e exclusiva do *Homo Sapiens Sapiens*.

Nos nossos dias tornou-se vulgar a referência a *várias categorias, graus, variantes e ou “especialidades”* da inteligência, mesmo sem que a tenhamos valorizado, distinguido ou demarcado para torna-la

exclusividade dos homens dignos, honestos e de Bem, para desse modo responsabilizá-la apenas pela inspiração dos atos mais nobres, pela execução das ações mais elevadas e dignas, pelas obras ou atitudes realmente construtivas, atribuindo à falta ou ausência de inteligência as humanas falhas, fraquezas e infrações.

Sendo a inteligência dos humanos *um acúmulo de propriedades, atributos, caracteres e ou mais valias*, ou em casos muito especiais de capacidades superiores das mentes privilegiadas da espécie, decerto estas devem ser direcionadas exclusivamente para a prática do Bem e do Justo, para a promoção da *fraternidade*, e muito em especial para a construção e manutenção da *harmonia, Paz e concórdia*, através do *bem fazer*, do *bem querer* e do *bem proceder* em prol da *Humanidade*.

Apenas as ações, atividades, ocupações, funções e profissões concernentes ao *bem e bom viver dos homens e das comunidades* – ou seja, da *Humanidade* – deveriam considerar-se como *dignas de conferir-nos o estatuto de animais racionais superiores*, condição que só merecemos agindo deste modo; somos de opinião que a *prática de crimes retira ao homem a condição de racional, inteligente e superior*, por ser ato instintivo, irracional e condenável, portanto não inteligente.

Assim sendo a inteligência humana só estará a serviço das nossas boas ações, dignos atos e nobres funções, devendo aferir-se pela capacidade de adquirir, absorver e armazenar o conhecimento; pela possibilidade de discernir e agir corretamente; pela decisão de comportar-se com honestidade e dignidade, ou ainda pela aptidão, determinação, decisão e coragem de enfrentar, administrar e resolver conflitos buscando soluções ordeiras para os resolver, contornar, apaziguar ou justamente liquidar.

Dispõe também a inteligência da faculdade e ou capacidade de imaginar e idealizar, materializando ideias e elaborando e executando projetos, para o que possui sensibilidade intuitiva (sexto sentido), que mediante estímulos externos pressente e ou apercebe-se da realidade, bem como raciocinar e ou discernir, selecionar e optar entre as melhores soluções possíveis, propiciando decisões

acertadas, quando os dirigentes indicam aos dirigidos a atitude mais conveniente a assumir e o melhor caminho a seguir.

Sobre a inteligência de que exaustivamente e no singular muito falamos – e que, insistimos, sabemos não consistir num único atributo, caractere intelectual e ou mental – sendo ela antes e como já frisamos, um vasto, rico e complexo conjunto de superiores qualidades, atributos e ou caracteres – temos que estes, se e quando possuídos na sua totalidade pelo mesmo *Ser humano*, conferir-lhe-ão as necessárias e melhores condições para alcançar sucesso pessoal, prestígio social, harmonia familiar e progresso profissional ou empresarial. Assim sendo, deste modo estará garantido o êxito.

Tanto no que concerne à inteligência comportamental, individual e ou social, como no que se refere às muitas outras “especialidades”, variantes ou facetas da inteligência, é com grande preocupação que hoje vemos muitos e “importantes” cidadãos infringir gravemente – e ignorar irresponsavelmente – não apenas normas sociais, regulamentos e leis, como os antigos, intocáveis e sagrados *Mandamentos* quando, desde o *Decálogo* – e com as culturas hebraica e cristã – a *Humanidade* conhece, cumpre e obedece aos claros e elevados princípios sócio/religiosos deles emanados.

Incluídos nas *Teorias Morais, Sociais e Religiosas* atribuídas aos “filósofos e ou profetas” *Moisés, Kung Fu, Buda, Zaratustra e Jesus Cristo*, os seus princípios citados desde sempre foram aceites, cumpridos e obedecidos por grande parte da *Humanidade*, no seio das comunidades dignas e civilizadas; tal fato – definitivamente – nos impede de considerar inteligentes os “*gênios do Mal*”, como sejam assassinos, traficantes, corruptos, violadores e todos os outros criminosos violentos e irresponsáveis, que praticam atos ignóbeis e indignos contra crianças, mulheres, deficientes e idosos.

Insistimos que foi a partir do *Homo Erectus*, devido à sua postura vertical *física* com a cabeça e o cérebro no topo do corpo, que o volume do crânio e do cérebro foi aumentando, e os rudimentares atributos cerebrais do antigo *Hominídeo* se foram

desenvolvendo, aperfeiçoando e engrandecendo, elevando-se. Hoje necessita-se e espera-se *nova evolução da Espécie Humana*, no sentido de uma definitiva *postura moral, social e ética* vertical, que abranja principalmente a *classe política* e os *administradores dos bens públicos*, impedindo-os de apropriação indébita, furto e corrupção.

Não existem dúvidas de que às mãos – portanto ao trabalho – se deve o avanço e aperfeiçoamento da inteligência humana, através da manufatura de artefatos ou utensílios e outras atividades a partir do *Homo Erectus*, que “*exigiam, solicitavam ou pediam*” ao *cérebro* ou à *mente* ideias, projetos, táticas e estratégias inovadoras, eficazes e eficientes, que lhe facultassem executar as novas tarefas necessárias ao cumprimento dessas exigências; entre elas e além da confecção de aparelhos, havia que liderar equipes para a guerra, para a caça e pesca em grupo, para a construção de cabanas e outras tarefas coletivas.

Com a atuação em grupo surgiu e ou revelou-se a **liderança – através** do comando de vários homens por um só - pela disciplina, tanto nas pescarias à beira mar como nos rios, nas arriscadas caçadas na selva ou no serrado; foi perseguindo, cercando e abatendo até mesmo os grandes mamíferos, que o novo ser se realizou física e mentalmente, aprendendo a enfrentar e ultrapassar situações difíceis, para suprir necessidades alimentares ou mesmo livrar-se das feras.

Foram pois as necessidades, exigências e dificuldades da nova (*v*)ida no solo, que contribuíram para o aperfeiçoamento físico, para o desenvolvimento mental e psicológico e para a conquista da auto afirmação ou auto confiança do *Homo*, agudizando as suas funções intelectuais, que nele iniciaram as grandes transformações que caracterizaram a *Evolução das espécies*, rumo ao *Homo Sapiens*.

De acordo com a visão ou ideia exposta, a inteligência deve classificar-se – insistimos – como um vasto, rico e precioso conjunto de atributos, propriedades, capacidades, possibilidades, aptidões e especialidades dos humanos; decerto geradas no *Espírito*, mas emanadas ou irradiadas pela *Alma* com a colaboração da mente, do intelecto ou simplesmente do *cérebro*, que ao *Homo Sapiens Sapiens*

conferem o estatuto de ser racional e superior. Nestas circunstâncias, jamais um homem inteligente poderia agir indignamente.

Entre o vasto conjunto de atributos mentais humanos já atribuídos à inteligência (ou às inteligências, pois hoje citam-se as inteligências artificial, social, artística, comportamental, familiar e outras variantes), serão poucos os que se encontram concentrados em uma única e só mente, pois com todos esses atributos, nem mesmo os mais privilegiados cérebros humanos são contemplados. Entre eles, o gênio e o talento serão sempre raros, o raciocínio brilhará numa ou noutra mente e a imaginação criadora beneficiará uns poucos cérebros, a tornar todos os seres **desiguais entre si**.

Em conclusão, entre os humanos serão mais raros os atributos muito especiais, tais como os gênios de Einstein, Da Vinci, Galileu ou Arquimedes; o talento de Strauss, Chopin ou Stravinsky; a genialidade artística de Miguel Ângelo, Salvador Dali, Picasso ou Miró; a imaginação criadora artístico/literária de Homero, Virgílio, Camões, Cervantes, Antônio Vieira, Shakespeare, Dante, Goethe, Eça de Queiroz, Fernando Pessoa, Machado de Assis, Jorge Amado e muitos outros artistas das ideias e da palavra escrita.

Fecundação e Reprodução

No que às nossas origens concerne, serão as partículas elementares subatômicas *Espirituais*, que agrupando-se para formar estruturas de matéria dos corpos darão origem a átomos, moléculas, músculos, ossos, órgãos, membros, aparelhos e sistemas do corpo humano, formando o todo que é o nosso organismo.

Uma vez o humano adulto e fertilizado o óvulo pelo espermatozoide – de novo as partículas elementares e *Espirituais* oriundas da *Natureza* se vão agregando e, transportadas pelo sangue materno, contribuindo para a formação e o crescimento do corpo humano, operação semelhante à que antes ocorreu, quando as

mesmas partículas se juntaram para a formação do óvulo e do espermatozoide, gametas que, cruzando-se – enfatizamos – deram origem à formação do *Ser Humano*.

No caso específico antes abordado, trata-se da operação de reprodução dos Seres, que – com algumas poucas e pequenas diferenças – igualmente ocorre com todos os outros mamíferos, dado que todos eles e de modo semelhante concebem, geram, parem, amamentam, criam, protegem e ensinam a buscar alimento, preparando as suas crias para o crescimento e a sobrevivência.

Pelo exposto, o conceito de nascimento dos humanos pode – e deve – considerar-se como abrangendo várias fases consoante se trate da sua gênese ou origem primeira, ocorrida quando uma partícula elementar fundamental se funde, une ou agrega com outra, para o início da constituição ou construção de uma estrutura atômica ou célula (gameta), a qual prosseguindo e ou repetindo-se, dará lugar a um dos órgãos reprodutores humanos.

Insistimos que apesar de podermos considerar a formação do feto como a primeira fase do novo ser, será de considerar que a formação inicial do corpo humano, na realidade coincidirá com a origem ou formação do óvulo e do espermatozoide, uma vez que ambos logo após a fecundação, passam a fazer parte do feto, que para muitos representa a fase inicial dos corpos.

Uma vez efetuada e consumada a fecundação do óvulo pelo espermatozoide – e com a sucessiva agregação de novas partículas elementares fundamentais subatômicas e *Espirituais*, que irão “construir” as novas estruturas do feto e do corpo humanos – seguem-se cerca de nove meses de gestação do feto no ventre materno, durante os quais, e através do cordão umbilical, do sangue **da mãe** provém o alimento do feto **que filho** ou filha será.

Prosseguindo com o mesmo raciocínio chegamos à terceira e última fase da procriação, ou ao terceiro “nascimento” – data e momento da saída da criança do ventre materno – que embasa a versão oficial desse nascimento, talvez por ser a única de que

conhecemos a hora ou o momento exato, a coincidir com o famoso choro, quando a criança “vê” a luz do dia, que não ocorrerá exatamente nesse momento, pois o novo ser ainda não consegue enxergar normal e totalmente. Aqui termina a fase de gestação e se inicia a nobre, delicada e dignificante fase da criação dos filhos.

Entretanto e após este terceiro e último “nascimento”, segue-se o crescimento do novo ser, agora já ao “ar livre”, onde se inicia importante ciclo da sua vida terrena: trata-se da continuação da formação do corpo da criança, iniciada no útero materno e agora continuada; durante os primeiros meses a criança age como qualquer outro mamífero – satisfaz as suas necessidades fisiológicas sem controle; move-se sobre os quatro membros, engatinhando; obedece a instintos ou impulsos; não raciocina nem fala, chamando a atenção através de sons não articulados e do choro.

Depois do “*contato com a atmosfera e a luz do dia*”, nos primeiros tempos o recém-nascido, para sobreviver, depende totalmente da mãe ou de outro adulto que dele cuide, quando após o “nascimento” a criança é iniciada na prática de hábitos alimentares, de higiene e outros costumes familiares, étnicos e ou culturais, aos quais se segue toda uma gama de aprendizado de usos e tradições culturais locais, regionais, nacionais e outros.

A Primeira Idade – A Criança e a Infância

“As almas infantis são brancas como a neve; são pérolas de leite em urnas virginais; tudo quanto se grava, e quanto ali se escreve; cristaliza em seguida, e não se apaga mais”.

(Guerra Junqueiro, poeta português)

Entendemos como início da *Primeira Idade* o também primeiro período ou fase da vida dos jovens, compreendido entre o nascimento e o fim dos estudos ou início da atividade profissional; é

nesse período – compreendendo ou englobando a infância e a adolescência, ou mesmo abrangendo um pouco da idade adulta – que ocorre a mais importante, significativa ou expressiva “etapa” da *(v)ida humana*: a formação moral, ética e profissional.

Será na infância da *Primeira Idade*, que se inicia a formação do *Ser*, incluindo a criação, a educação e a “lapidação” do “diamante” bruto colhido ao nascer, a exigir muito cuidado, muito amor, muita dedicação e muito carinho, obra prioritária de quem gerou e pariu. As outras ações, acontecimentos, aventuras e tormentos que dão forma ao carácter, modelam a personalidade, burilam a moral, constroem a cultura e lapidam o *Ser*, preparando os jovens para a árdua *(v)ida* terrena, incluindo profissão, constituição da família e vida social, essas virão no momento e tempo certos

Na realidade, consumada a saída do filho do ventre materno, e ao tomar contato com a família e a cultura familiar, no caso de ter uma boa mãe e ou família que à criança ofereçam apoio, carinho, alimento, proteção, cuidados de higiene adequados e exclusivos, a criança inicia o seu viver terreno como *Ser Espiritual*, em ambiente natural e sadio, e o aforismo segundo o qual *o homem é um fruto ou produto do meio* em que foi criado cumprir-se-á da melhor maneira.

“*Ab initio*” e durante um curto espaço de tempo, o *novo Ser Humano* – que até cerca de um ano de idade não anda, apenas engatinha; não fala, apenas balbucia algumas palavras soltas; não controla as suas necessidades fisiológicas, que *libera* naturalmente; e ainda não pensa, agindo por impulsos e ou instintivamente, pelo que pouco difere dos irracionais de qualquer idade. Tendo fome, dor, qualquer outra necessidade ou sensação que a incomode, a criança chama a atenção dos adultos normalmente pelo choro.

E será nesses tempos ou fases delicadas, que o jovem necessita de muito apoio, acompanhamento e carinho de uma boa mãe, para conseguir vencer as dificuldades advindas do rápido crescimento, que exige cuidados especiais, para o novo *Ser* crescer sem tropeços e se preparar para a vida adulta, no que deve ser

amparado pelos pais e restante família, e por vezes mesmo protegido pela comunidade e ou pelo Estado, que entre nós nem sempre assume seus deveres, suas obrigações e ou responsabilidades.

É comum ouvir dizer que a *criança sonha*, o *adolescente ousa* e o *adulto pensa*, mas Goethe afirmava *ver em qualquer ser o homem, o Deus, o verme, o louco e o humano, perfeitamente igual a si*. Apesar desta sentença não conclusiva, é de admitir que todos nós somos – essencialmente – aquilo que pensamos, uma vez que sendo dignos, sérios, normais e honestos, **revelamos os pensamentos** através da fala, por meio da escrita e, principalmente, pelos atos que praticamos.

Numa época de irresponsabilidade e violência generalizadas, em que a maior parte das nossas crianças e adolescentes – muitas vezes esquecidas, desamparadas ou mesmo abandonadas, sofrem a trágica consequência da insensibilidade dos adultos ou amarga as muitas falhas e carências impostas pela situação de miséria – *estão cada vez mais desmorteados, perturbados e inseguros, mas principalmente abandonados à sua própria sorte*, ou seja, lamentavelmente, a si próprios.

Na realidade e perante a licenciosidade irresponsável que hoje grassa entre nós; face à promiscuidade generalizada dos novos costumes que agora já são cultura; tendo em consideração os vícios, excessos e abusos praticados pelos **jovens**, permitidos pelas famílias; tendo em conta os riscos e perigos decorrentes das novas tecnologias, e principalmente dada a ausência de disciplina da nova, excessiva e por vezes criminosa liberdade, que a incapacidade, ausência ou inércia dos pais não controla, os nossos jovens estão cada vez mais desorientados, indecisos, inseguros e perturbados.

Nas comunidades tudo seria diferente, se fossem cumpridos deveres, princípios e *Mandamentos*, observadas normas, leis e regulamentos, impostos estatutos, respeito e outros instrumentos reguladores, que poderiam ser substituídos apenas por um simples, tradicional e antiquíssimo *Mandamento*: “*não faças aos outros o que não desejais para ti mesmo*”, sábia sentença de todas as antigas filosofias

sociais e religiosas, que nos levaria a um comportamento exemplar, humanista, isento de injustiça ou violência, sem reclamações.

Em quase todos os países do mundo, muitas crianças e adolescentes – devido à inépcia e irresponsabilidade de alguns legisladores – presumem-se inimputáveis até os dezoito anos de idade, cultura e convicção que por vezes os conduz à prática precoce de crimes, normalmente instigados e ou usados por criminosos irrecuperáveis adultos. Sou “de menor” disse-me um assaltante de arma em punho para mim apontada, quando entrou em minha casa com dois bandidos adultos às ordens dos quais obedecia.

Muito sensíveis, frágeis, influenciáveis mas desafiadoras (es), as crianças e os adolescentes devem ser tratadas (os) com firmeza mas extremo cuidado, poupadas (os) de quaisquer violências, críticas ásperas, gritos, desconfianças, suspeitas e principalmente injustiças, que os poderia levar a assumir essas atitudes. Sempre predispostas (os) a imitar os adultos, é pelo bom exemplo que crianças e adolescentes devem ser educadas (os), porque só deste modo a *criança será do mundo a esperança*.

Acreditamos que será desde a mais tenra idade – que pelo “bom” exemplo, mais que pela palavra, correção ou repreensão – se deve educar a criança, por ser esse o momento certo e a melhor fase para se formarem os futuros bons cidadãos, aquela em que se “deformam” aqueles que poderão vir a ser irreverentes e maus.

A infância é a fase da vida humana caracterizada pela ausência de vícios, pela pureza de atitudes e sentimentos e pela autenticidade de procedimentos. Caracterizada pela boa receptividade ao ensino, como tal deve ser aproveitada para o Bem e o Justo, altura em que a criança precisa ser tratada como o mais fino e delicado dos cristais, que pode trincar ou quebrar à menor das batidas ou “violências”, quase sempre com perda total.

De uma adequada, sadia e criteriosa formação, instrução e educação recebidas tanto no lar como no seu entorno, de seus oportunos e bons ensinamentos e – insistimos – principalmente dos

bons exemplos ali dados e absorvidos, dependem os bons resultados, pois a eficaz formação, instrução e educação da criança e do adolescente, **depende o seu bom** ou mau carácter, quando a melhor ou pior índole serão o reflexo do nível moral de quem os rodeia.

É desde a infância que a criança – um diamante bruto – se “lapida”, por ser o momento adequado para aprender a comportar-se, iniciar o hábito da disciplina, o costume das boas maneiras, assumir o gosto pelo cumprimento dos deveres, pela sadia convivência em família e por um comportamento adequado com colegas e amigos na escola. É *“em pequenino, que se torce o pepino”*, diz o ditado popular, sendo o povo a maior fonte de sabedoria.

Porque as crianças, como já se disse, são muito receptivas ao aprendizado, muito influenciáveis tanto pelos bons como pelos maus exemplos dos adultos, em especial de familiares e amigos – mas bastante fáceis de moldar, corrigir e ou ensinar – circunstâncias e oportunidades que não podem nem jamais devem ser desperdiçadas – será nessa fase da (v)ida que a elas e a estes fatores e oportunidades devem ser dedicadas a máxima atenção e cuidado por parte dos pais e ou responsáveis pela sua formação.

Com cerca de um ano de idade, a criança normalmente já anda com certa firmeza e equilíbrio, balbucia as primeiras palavras e inicia o aprendizado e a fixação de alguns fatos da (v)ida e da cultura familiar, no que respeita ao comportamento, usos, hábitos, costumes e tradições. É mal conhecido – ou indefinido – o momento exato em que a criança passa a uso fruir plenamente das faculdades mentais e ou intelectuais, se bem que as propriedades sensoriais já se encontrem em plena atividade desde tenra idade.

Ao período da amamentação (6/12 meses) segue-se a fase de transição para o ser racional, quando a criança começa a comer e logo – imitando os adultos – inicia a prática da linguagem glótica ou fala, altura em que os (bons) exemplos dos familiares mais próximos, em especial da **mãe**, são determinantes para o seu desenvolvimento cultural; será esta – decerto – a fase mais construtiva e importante da

infância, porque ali se inicia, verdadeiramente, a formação cultural, moral e ética do novo *Ser, que normalmente prevalece por toda a (v)ida*.

Por volta (ou a partir) dos quatro anos de idade, as crianças estarão prontas para iniciar a alfabetização e o aprendizado mais complexo como sejam idiomas, e ainda para entender, absorver e adotar as boas maneiras, os bons costumes e os bons exemplos dos pais, parentes e amigos, o que propicia a construção da estrutura de um bom carácter e a moldagem de uma sadia personalidade, tendo por base bons hábitos, nobres sentimentos e fidalgos procedimentos, ou *seja*, honestos e dignos comportamentos.

Nunca será demais insistir que – além das boas formação, instrução e educação, com muito amor e carinho e claras, adequadas, firmes e positivas orientações e conselhos – a criança se educa especialmente pelo “bom” exemplo dos mais próximos – tendo em conta que os maus exemplos dos adultos constituem para a (o) jovem educanda (o) o que de pior, mais nocivo, negativo, condenável e gravoso às crianças se pode mostrar, “oferecer”, dar, passar ou transmitir.

Tudo quanto uma criança vir fazer ou ouvir dizer ao pai, à mãe, à professora ou a qualquer pessoa próxima e querida ficará gravado em sua mente, e dificilmente se apagará de sua memória. Sensível, ingênua, pura, autêntica, espontânea, mas frágil, quando convenientemente educada e tratada com amor e carinho, a criança quase tudo aceita com naturalidade.

Quando a criança é criada, formada e educada num lar sadio, em ambiente tranquilo, normal e equilibrado, por adultos conscientes e responsáveis, membros de uma comunidade organizada e tanto quanto possível justa, a criança tornar-se-á quase sempre uma filha carinhosa e boa, uma pessoa adulta responsável e uma cidadã útil à comunidade a que pertence.

A *infância*, e muito especialmente a adolescência, podem ser consideradas as fases mais problemáticas, complexas ou delicadas e os períodos mais determinantes da vida da espécie humana;

efetivamente, é na infância e adolescência que se modela o futuro do *Ser Humano*, que se “controlam” os seus impulsos, se lapidam as arestas do “animal” que em nós habita; há, pois, que aproveitar essa circunstância para lhe ensinar o *Bem*, o Bom, o *Justo* e o *Belo*.

Mais que através de palavras – insistimos e enfatizamos – a criança educa-se – essencialmente – pelo bom exemplo, ato ou ação em que ela “copia” tudo quanto vê e ouve, retendo ou absorvendo desse modo mais completa, rápida e facilmente que de qualquer discurso ou “pregação”. Por isso devemos ter muito cuidado com os exemplos dados às crianças, e com tudo quanto fazemos e dizemos, especialmente na sua presença.

Com a criança não se briga, dialoga-se; não se grita, conversa-se suavemente, fala-se baixo e carinhosamente, sem repreensões ou admoestações agressivas, que podem torná-la hostil, ela mesma também agressiva. A criança devolve quase tudo – bom ou mau – que recebe, a afeição com que é tratada, o amor, a confiança que nela depositamos, mas também o desamor, os maus tratos, os destemperos, as agressões.

Tratada com generosidade a criança aprende naturalmente a repartir; tratada com afeto, compreensão e paciência, a criança aprende a tolerar e a ser compreensiva; tratada com carinho e amor a criança aprende a ser delicada e afetuosa, mas se for tratada com destempero tornar-se-á agressiva, igualmente destemperada.

Obedecendo às premissas antes referidas, a criança irá sendo convenientemente formada, adequadamente moldada, delicada e finamente lapidada em suas “arestas”, corrigida em seus impulsos, orientada em seus instintos, pois a criança – que ser humano é, mas “animal” não deixou de ser, e dele guarda vestígios, impulsos e instintos – para dominá-los, necessita da compreensão, ajuda e colaboração dos adultos experientes, cuidadosos e sensíveis.

A cultura familiar inicial a que vulgarmente designamos “berço” – incluindo todos os cuidados do dia a dia criando hábitos, usos, costumes, tradições, ou seja cultura – é recebida, absorvida e

ou adquirida pela criança entre o nascimento e a adolescência, mas continuada nesta; entretanto é oportuno esclarecer que essa primeira cultura, provavelmente prevalecerá por toda a sua vida, tornando-se uma espécie de marca registrada da família, da infância e do ser humano, a marcar a criança durante toda a sua *Existência*.

De alguém que ao atingir a maioridade não se comporta de modo adequado ou civilizado – dir-se-á que *não teve berço* – numa alusão à deficiente educação recebida da **família no início da Primeira Idade**, decerto devida à “ausência” dos pais e parentes no lar desde o nascimento; é inquestionável que a família é – ou deveria ser – a primeira, principal, mais importante e indispensável fonte, onde a criança “sacia” a “sede” de carinho, amor e educação.

Insistimos que deve acontecer no lar – ou “berço” – a feitura da modelagem do carácter, do aprendizado dos costumes ou hábitos, da lapidação das “arestas” e da “construção” da personalidade dos jovens, deste modo preparando-os para uma vida adulta profícua, digna e honrada, ou seja, exemplar.

Ainda no lar, devem as crianças e os adolescentes aprender a ser bons filhos e futuros pais e cidadãos honrados e cumpridores, como “introdução” para a elevada e difícil missão que lhes cumpre na *Existência*, enquanto filhos, maridos, pais, avós e cidadãos. Recordo que meu avô materno ensinava, dizendo “*ter aprendido a ser bom filho quando foi pai, e a ser bom pai, finalmente, quando foi avô*”.

Dissemos ser desde tenra idade que a criança deve merecer dos pais os maiores e melhores cuidados, tanto de natureza físico ou fisiológica quanto mental e ou espiritual, em virtude de a formação dos filhos – além de obrigação, ser uma sagrada missão – será a melhor garantia de um bom futuro para o jovem e, ainda, para a construção de uma sociedade sadia, ordeira e fraterna; esse é, decerto, o melhor investimento familiar e social dos pais.

Durante a fase inicial da *(v)ida* dos *Seres*, a *responsabilidade* ou a *irresponsabilidade dos pais, dos parentes próximos e do Estado*, tanto pode no primeiro caso propiciar às crianças uma *Existência* saudável, feliz

e profícua, como, *no segundo caso, condená-la a um “futuro sem futuro”, a uma Existência sem consciência, ou a uma (v)ida terrena sem (V)ida Espiritual*, que será o oposto de felicidade, progresso e sucesso.

Os menores, quando tratados com suspeição, tornar-se-ão desconfiados; se tratados com injustiça poderão tornar-se inseguros e mesmo revoltados, o que pode leva-los a revidar. Sempre prontos a imitar os adultos, a criança e o adolescente só deverão ter e ver bons exemplos; apenas recebendo da família atenção, apoio, carinho e amor, *o adolescente e a criança serão para o mundo a esperança.*

A criança, após os três/quatro anos de idade passa do lar ao “*jardim da infância*”, onde aprenderá a conviver com outras crianças sob orientação de “outros” adultos, fatos a acompanhar sempre pelos pais; segue-se a escola fundamental, fase da vida de que jamais se esquecerá, especialmente quando se tem a sorte – como eu tive – de contar com uma professora excelente e segunda boa mãe.

Quando frequentei o ensino primário – no segundo quartel do século vinte – as professoras eram muito mais pedagogas que mestras e agiam quase sempre como nossas segundas mães. Delas recebíamos a atenção, o amor, o carinho e os cuidados necessários à nossa segurança, que nos propiciavam tranquilidade e paz. Mas, a tudo isso acrescentavam o bom ensino, os bons conselhos e ou suaves repreensões, ajuda e muita compreensão.

No meu caso pessoal e específico – da jovem professora e, repito, *segunda mãe* Maria de Lourdes da Silva Mendes – recebi tudo o que citei e muito mais; preparou-me para representar na festa de finalistas do quarto ano, onde apresentamos singela, pedagógica e bela peça de teatro infantil, que ainda hoje recordo com alegria, satisfação e saudade. E não posso esquecer que ainda existia a palmatória – mais preventiva que corretiva – que após as raras vezes que foi usada suavemente, logo seria esquecida pelas “vítimas”.

Após os quatro anos de instrução primária (fundamental), recebida na escola pública da minha aldeia, frequentei o Colégio Fernão Lopes na então *Vila Nova de Ourém* (hoje cidade, Ourém),

onde concluí os cinco anos do *Curso Geral dos Liceus* – dos sete anos do então designado *Curso Completo dos Liceus* – cujos exames finais – escritos e orais – foram prestados no *Liceu Nacional de Leiria*. Em seguida frequentei o *Liceu Nacional de Camões* na capital – Lisboa – onde completei o curso liceal, para acesso à universidade.

O *Colégio Fernão Lopes* era uma entidade particular, fundada na vila por um jovem idealista – Armando Henrique Reis Vieira – formado em letras pela *Universidade de Coimbra*; lecionava português com muita competência, dedicação e seriedade (aqui fica expressa a minha gratidão e homenagem), disciplina na qual incluía noções de linguística, história da língua lusa e breve introdução às línguas mães grega e latina e árabe, origens da nossa Língua Portuguesa.

O mestre e diretor do colégio lecionava com método e mérito, dando atenção especial aos vocábulos derivados das línguas grega, latina e árabe, idiomas raiz de mais de 50% do dicionário de língua portuguesa – raízes que nos formam e informam, para bem falar e melhor escrever o nosso idioma, facilitando, completando e aperfeiçoando a correta interpretação de textos, sem cujo exercício ninguém se pode considerar verdadeiramente alfabetizado.

Não se esqueceu nem descurou Armando Henrique de uma ligeira abordagem do idioma e da cultura árabes, que muito enriqueceram a língua, a cultura e ainda a agri+cultura portuguesas, com mais de mil vocábulos derivados do idioma dos califas e do berbere, e com práticas, produtos, hábitos e artes, em que ressaltam a poesia, medicina, agricultura, horticultura, fruticultura, arquitetura, curtumes, indústria de tecidos, azulejos, alfaías agrícolas e outras.

Tendo permanecido na *Península Ibérica* por quase oito séculos, (711-1494), os designados “mouros” – na realidade tropas mauritanas e berberes do Norte Africano, comandadas por *califas* árabes e acompanhadas pela nobreza e membros da administração árabe, industriais, comerciantes e profissionais liberais, entre eles muitos letrados e eruditos, sobressaindo os médicos e poetas, que no

“califado” de Silves, Algarve, Portugal **sede** do governo local – *se celebrizaram por fazer leis em verso.*

O Adolescente e a Adolescência

Na nossa civilização dita Ocidental e Cristã, bem como em muitos outros países do mundo, nos tempos difíceis que estamos vivendo, os adolescentes presumem-se, comportam-se e são considerados quase inimputáveis até os dezoito anos de idade, liberdade excessiva **sem a correspondente** responsabilidade, e licenciosidade absurda e injustificável, que lhes confere, na prática, a possibilidade de praticar o crime, sem que sofram julgamento nem castigo.

Compreensível e até tolerável nos velhos tempos, quando os adolescentes raramente abandonavam o ambiente familiar, não “cultivavam” os sérios e graves vícios hoje generalizados, *eram “bem comportados”*, disciplinados e obedientes, a “regalia” citada é hoje absolutamente incompreensível e descabida, além de perniciosa, inconveniente e perigosa, dados os delitos, infrações e até crimes graves atualmente por eles cometidos.

Acreditamos que a criminalidade entre os adolescentes **deve, hoje** – principalmente – à liberdade excessiva, à licenciosidade dos (ir) responsáveis e à inimputabilidade referida, que lhes permite praticar o crime sem castigo, quase sempre instigados, usados e dirigidos por criminosos profissionais adultos “quase” inimputáveis. *Sou “de menor”*, disse-me um assaltante de dezessete anos que entrou em minha residência de revólver em punho, acompanhado por dois perigosos criminosos adultos, aos quais obedecia.

Muito diferentes dos jovens da minha geração, **muitos dos** adolescentes de hoje – aos dezesseis anos ou antes – já fazem quase tudo quanto o instinto requer ou os impulsos reclamam, usam e abusam da bebida e muitos até das outras drogas mais perniciosas,

têm vida sexual intensa e promiscua, gozam de excessiva liberdade – mas assumem pouca ou nenhuma responsabilidade – a ponto de se encontrarem mães de dezesseis, quinze e até quatorze anos de idade, que muitas vezes ignoram quem é o pai de seu filho.

Como tudo na vida, a liberdade pessoal – que termina ou deve terminar onde começa a liberdade de outrem – precisa ser exercida com a contrapartida da responsabilidade e ter limites bem definidos e demarcados, o que nos adolescentes é absolutamente necessário – mesmo indispensável, para que desenvolvam e ajam com senso de responsabilidade, bem como as ideias ou conceitos de *direito* e *dever*, sem os quais não existirão referências.

Limitar ou impedir a ultrapassagem dos limites apontados, é indeclinável obrigação de pais, responsáveis e educadores, que os menores muitas vezes têm tendência para desafiar, quando não desrespeitar. Entretanto a autoridade dos “responsáveis” pelos menores de idade deve ser exercida pedagogicamente, com brandura e suavidade – mas sempre com firmeza – para que também ela seja educativa e ou pedagógica para os próprios educandos.

Atingida a maioridade e após uma difícil, complicada e tumultuada fase de transição que é o final da adolescência – período caracterizado por instabilidade emocional, dúvidas, insegurança, contradições, incertezas, tumultos e por vezes drogas, quando estão em jogo (e em perigo) a formação do carácter, da identidade e da personalidade – deve o jovem caminhar e ser encaminhado para o desenvolvimento da autoconfiança e da responsabilidade e assunção de cumprimento de seus deveres ou obrigações, o que em muitos casos não ocorre, com graves consequências para o seu futuro.

Frequentei os cursos secundário e superior entre 1948 e 1959, época em que entre os estudantes quase não havia revoltados e insubmissos, e as drogas ainda não constituíam um sério problema ou uma grande preocupação. Pessoalmente, mesmo frequentando o maior liceu de Portugal – *Liceu Nacional de Camões, em Lisboa* – aos

17/18 anos de idade, e encontrando-me longe da família, jamais fui abordado e ou assediado por traficantes e ou consumidores.

Ao curso secundário seguem-se os cursos médios, técnicos e superiores, após a escolha ou definição da futura profissão, seleção muitas vezes efetuada sem o devido cuidado, até mesmo sem o necessário e indispensável conhecimento da mesma, o que pode levar a desilusões e desacertos, como foi o meu caso pessoal. Após idas e vindas entrei, saí e regressei à Academia Militar, hesitando acerca do que fazer, para finalmente completar o curso e, oito anos mais tarde, já capitão, há quatro anos abandonar o Exército.

Na realidade, tinha sido atraído ou mesmo conquistado pelo que de mais atrativo, visível, vistoso e supérfluo tinha a profissão militar, pelas garantias e aparentes benesses que oferecia e pela vontade e curiosidade de conhecer o então chamado ultramar, que eram as oito colônias; segui a carreira militar onde acabei envolvido na guerra de guerrilha que repudiava. Mas o que mais pesou na decisão de concorrer à Academia foi a insegurança após a morte de meu pai.

O Carácter dos Jovens, Segundo Aristóteles

O tema mereceu a atenção e o interesse do filósofo grego, que sobre ele assim se pronunciou:

“Os jovens, mercê do carácter, são propensos aos desejos, e capazes de fazer o que desejam; entre os desejos do corpo, a principal inclinação é para os desejos amorosos, e não conseguem dominá-los. “São inconstantes e depressa se enfastiam do que desejam; se desejam intensamente, depressa deixam de desejar; suas vontades são violentas, mas sem duração, exatamente como os acessos de fome e sede nos doentes.

“São coléricos, irritadiços, e geralmente deixam-se arrastar por impulsos: domina-os a ferosidade. Porque são ambiciosos, não toleram ser desprezados, e indignam-se quando se julgam vítimas de injustiça. “Gostam das honras, mais ainda da vitória, pois a juventude é ávida de superioridade,

e a vitória constitui uma espécie de superioridade. “Mais que o dinheiro, tentam-nos a honra e a vitória; gostam muito pouco do dinheiro, porque nunca experimentaram a falta do mesmo. “A índole deles é antes boa do que má, por não terem ainda presenciado muitas ações más; são também crédulos, por não terem ainda sido vítimas de muitos logros.

“Estão cheios de sorridentes esperanças; assemelham-se aos que beberam muito vinho, sentem calor como estes, mas por efeito de seu natural, e porque não suportaram ainda muitos contratemplos; vivem a maior parte do tempo de esperança, mas porque esta, se refere ao porvir e à recordação do passado, e para a juventude, o porvir é longo e o passado curto”.

“São magnânimos, porque a vida ainda não os envelheceu, nem tiveram a experiência das necessidades da existência”.

“Na ação preferem o belo ao útil, porque na vida deixam-se guiar mais por seu carácter do que por cálculos; ora o cálculo relaciona-se com o útil, a virtude com o belo”.

“Mais do que acontece em outras idades, gostam dos amigos e dos companheiros; porque sentem prazer em viver em sociedade, e não estão ainda habituados a julgar as coisas pelo critério do interesse, nem, por conseguinte, a avaliar os amigos pelo mesmo critério”. “Pensam que sabem tudo, e defendem com valentia as suas opiniões, o que é ainda uma das causas de seus excessos, em todas as coisas. As injustiças que cometem são inspiradas pelo descomedimento, não pela maldade; são compassivos por suporem que todos os homens são virtuosos, e melhores do que realmente são”.

“Sua inocência serve-lhes de bitola, para aferirem a inocência dos outros, imaginando sempre que recebem tratamento injusto”.

Enfim, gostam de rir e daí a serem levados a gracejar, porque o gracejo é uma espécie de insolência polida”. Este é o carácter da juventude”.

Aristóteles

Não podemos nem desejamos encerrar este título dedicado à juventude atual, sem que façamos justiça a uma talvez minoria, cuja seriedade de comportamento, os honra e dignifica; cuja dedicação ao estudo e ao trabalho os qualifica e valoriza; cuja valorização da profissão os engrandece, e cuja doação, apego, afeição, cuidados, amor e carinho pela família muito os enobrece.

A Meia ou Segunda Idade – Os adultos

Adulto será todo e qualquer cidadão ou cidadã que – enquanto jovem e até cerca dos vinte e cinco anos de idade – conseguiu afirmar-se nos primeiros anos da maioridade – ou passar da Primeira para a Segunda Idade – econômica, psicológica, familiar e socialmente independente e com maturidade e desenvoltura suficientes para – apenas por si próprio – realizar-se pessoal, familiar e profissionalmente **como ser humano**.

No momento presente, caracteriza-se a *Segunda Idade* – em alguns casos repleta de ilusões, limitações, sacrifícios e frustrações – pela prospectiva do futuro e perspectiva de conseguir viver dignamente e passar uma velhice “livre” de preocupações, independente em relação aos filhos e ao Estado, podendo apenas ser dependente do patrimônio pessoal, sem uma aposentadoria cuja mensalidade e garantia de recebimento a cada dia que passa se tornam mais problemáticos.

Com o fim dos estudos e início da atividade profissional, o jovem atinge uma nova, desafiadora e difícil fase, sendo então tido ou considerado plenamente independente e responsável, enquanto independência individual; mas só quando o livre arbítrio põe à prova a capacidade de decisão e execução, e o enfrentamento das inerentes responsabilidades advindas da condição de maioridade e por vezes chefe de família surgem, pode o jovem avaliar o quanto a sua independência aumentou as suas responsabilidades.

Apenas e só quando os humanos normais, adultos e “cultos”, e uma vez iniciada a respetiva atividade profissional, e formado ou efetivado o seu lar, estabelecidas relações sociais, e trabalhando, produzindo e consumindo, podem os “agora” adultos admitir estarem cumprindo a sua elevada missão na *Terra*. A esse período da *Existência* humana podemos considerar a *Segunda Idade*.

Enquanto fase ou período mais duradouro de uma vida normal – alonga-se desde os vinte/vinte e cinco anos até os sessenta

/ sessenta e cinco – ou seja por cerca de quarenta longos anos, correspondentes a cerca de metade de uma *Existência* – a *Segunda Idade* corresponde à mais longa e marcante fase da (*v*)ida terrena dos seres humanos, normalmente caracterizada como período produtivo e concretizada durante a “plenitude” física e mental.

Na realidade, essa *Segunda* ou *Meia Idade* – fase em que normalmente os adultos logo de início tomam um rumo profissional, casam e se reproduzem, criam, educam e preparam os filhos para “repetir” a missão dos pais, ou seja, continuar na *Terra* o *Ciclo Vital* que propicia a propagação e a manutenção da própria *Humanidade* – deve por tudo isso ser considerada a grande etapa da vida humana, depois da *Primeira Idade* da criação e formação e da *Terceira Idade* da aposentadoria do idoso, ou seja do “*Repouso do Guerreiro*”.

Entretanto a *Meia Idade* revela-se, ainda e por vezes, um período repleto de dificuldades, riscos e incertezas, não apenas nas vidas familiar e profissional, como principalmente no próprio ambiente social, meio ou local em que vivemos; será ali onde melhor nos conhecem ou pensam conhecer, que por vezes somos alvo de ciúme, inveja, traição e deslealdade, se bem que também surjam boas relações, vizinhos fraternos e amigos leais.

Nesta fase intermédia da vida humana, em que os cuidados com a família, as obrigações com a profissão e as próprias relações sociais, absorvem a quase totalidade de nosso tempo, terá o adulto que adotar um *modus operandi ou vivendi* que o eleve no âmbito familiar, que o torne respeitado no campo profissional e considerado no meio ou ambiente social, de molde a granjear respeitabilidade e criar condições de estabilidade, progresso e bem-estar.

Para o adulto chefe de família, é mister criar condições para manter a sua prole, para que possa usufruir de uma vida digna e confortável, estabelecer e consolidar boas amizades e fazer-se respeitar dentro e fora do lar, pois o maior bem que um chefe de família pode legar aos seus descendentes – além da boa criação, de

uma ainda melhor educação e completa formação profissional – será um nome de família honrado, respeitado e dignificado.

Como sobreviver – honesta, honrada e dignamente – está a cada dia que passa mais difícil, desgastante e complicado e todos vivemos em ambientes competitivos, por vezes violentos e hostis, onde escondido ou camuflado sempre existe um inimigo feroz do seu semelhante – “*Homo homini lupus*” – ou seja *o homem é o lobo do homem* – eis que o dever, a obrigação e a missão do chefe de família se tornam dia a dia mais problemáticas, mais penosas e ou mais difíceis, mas sempre indeclináveis.

Aqui chegados, chamamos a atenção dos (as) leitores (as) para o fato de muitos – entre os “*mais experientes, melhor informados e mais talentosos e competentes dos homens*” – muitos deles quase sempre fracassarem em outros meios, quer seja no comando de Estados, nações e grandes empresas ou mesmo na família – porque a todos esses atributos referidos não acrescentaram doação individual e dignidade, ética, dedicação, trabalho, força de vontade, persistência, desprendimento e – sobretudo – muita e elevada responsabilidade.

Como deveres indeclináveis, algumas tarefas e obrigações dos pais antes dispensáveis ou menos importantes, se tornam a cada dia mais imperiosas, indispensáveis, necessárias e até mesmo absolutamente obrigatórias; referimo-nos a tarefas tais como a vigilância dos lugares frequentados pelos filhos menores, ao controle de suas atividades na internet e às preocupações com a sua integridade, mormente em relação a drogas e traficantes.

Observando atenta, profunda e cuidadosamente as diversas fases pelas quais passam os seres humanos ao longo de sua *Existência* – que consistirá na permanência ou passagem pela Terra, de até, e no máximo, cerca de um século – não podemos deixar de avaliar e tentar prever para prover e ou prevenir os grandes e graves riscos que correm os filhos menores, ingênuos e inexperientes, e as dificuldades que enfrentam nos seus afazeres do dia a dia.

À semelhança do que ocorre com os irracionais, também os humanos se atacam e ou digladiam entre si, impulsiva ou irracionalmente, por motivos justos ou injustos, passionais ou racionais, importantes ou supérfluos, mas sempre ultrapassáveis, o que em todas as circunstâncias deve ser feito, pois a violência é sempre condenável, mormente quando faz perigar a vida alheia, que os humanos só têm o direito de pôr em risco quando agem em legítima defesa da própria vida ou de outrem.

Os homens são normalmente desconfiados e receosos, por vezes intranquilos, mas quase sempre supersticiosos, como consequência de desagradáveis ocorrências ou traumas desde os seus primeiros tempos; já o *Homo Erectus* procurou abrigo nas cavernas não apenas para se proteger das intempéries, mas, ainda, para defender-se dos animais selvagens carnívoros e também de seus próprios semelhantes. Na realidade foram basicamente o clima, o medo, a insegurança e a fome que ditaram o comportamento defensivo e mesmo hostil dos primeiros seres humanos.

Dotados de matéria corpórea que é a sede da alma, guiados pelo Espírito e considerados seres racionais, os humanos serão, em relação a todos os outros animais, entes superiores e privilegiados, porque dotados de intelecto ou mente, dispendo de aguçada inteligência, consciência, intuição e livre arbítrio; assim sendo os homens sabem – ou devem saber – o que querem e para onde vão, como se devem conduzir ou comportar em família, no trabalho e em sociedade, enfim, o que podem ou não podem fazer e o que é certo ou errado.

Como animal superior, por se situar muito acima e além de todos os outros Primatas, foi o *Homo Sapiens Sapiens*, único ser vivo à superfície da Terra, total, perfeita e completamente inteligente, consciente, responsável, criador e assimilador de cultura que sucedeu ao primeiro *Sapiens* – o *Homem de Neandertal*, entre 35.000 e 30.000 a.C.; – e a ele se devem desde logo grandes criações artísticas, como belíssimas pinturas rupestres e esculturas magníficas, grande parte delas encontradas em França, Espanha e Portugal, além do Oriente.

Enquanto seres racionais, inteligentes e ou pensantes, e dispendo de consciência, vontade e livre arbítrio, no que tange à moral ou usos, costumes, crenças e **tradições**, aqui incluída a dignidade – lamentavelmente, e após milhões de anos de evolução persistente e permanente – muitos homens ainda não atingiram o estágio civilizatório perfeito e acabado que deles se esperava: violentos, brutos, sanguinários, injustos, desonestos e indignos, estes igualam-se aos mais perigosos animais irracionais.

Na verdade, sendo – em tese – racional, consciente e responsável, o homem, às vezes suplanta os irracionais em comportamentos violentos e brutais, como as injustas, sanguinárias e abomináveis guerras em que se envolve, os hediondos assassinatos e crimes, individuais e coletivos que comete, e as muitas e graves violências e injustiças que pratica, contra crianças inocentes, idosos desamparados, doentes frágeis e fracos.

Entre alguns homens considerados heróis ao longo da história da Humanidade – Ivan, Cortez, Napoleão, Estaline e outros – alguns não passaram de covardes chefes de bandos de salteadores e assassinos, quando no comando de hordas de criminosos, ladrões, malfeitores, condenados e ou cadastrados, saídos das prisões nacionais e internacionais para se alistarem nos seus exércitos – onde logo em seguida se envolveram em crimes, violências, assaltos, saques, violações e mortes.

Dos homens à *Humanidade* vão gigantescos espaços e muitos passos, não apenas geográficos mas culturais, étnicos e temporais, já que o primeiro é – aqui e agora – o ser ‘singular’ e único, enquanto a *Humanidade* – ou simplesmente o (*H*)*omem* – engloba todos os seres de todos os tempos e lugares, vivos e mortos. Assim considerado e definido o conceito de *Humanidade*, surge o problema complexo de estabelecer desde quando esse *Homem* se pode considerar digno *Ser Humano* para poder ter o direito de pertencer à *Humanidade*.

Acontece que qualquer que seja a idade do *Ser Humano*, ele só poderá considerar-se como um verdadeiro *Homem* quando o seu

comportamento obedecer aos ditames da honra e da dignidade humanas, que não lhe permitem infringir os *Mandamentos* do *Decálogo*, o obrigam a respeitar todos os direitos dos seus semelhantes e a cumprir os *Mandamentos* referidos, bem como os deveres ou obrigações neles consignadas, que esperamos constarão da aqui apresentada, que será a futura *Declaração Universal dos Deveres do Homem e do Cidadão* indispensável contraponto à declaração de direitos.

A Terceira Idade – Os idosos

Nestes novos tempos tidos por modernos – em que a “inteligência artificial” está ultrapassando a “outra”; em que os homens/ robôs ou robôs/homens são, por vezes, mais eficientes, eficazes e objetivos que muitos humanos de carne e osso; em que entre a parafernália de laptops, tabletes, computadores, celulares, aplicativos e outros “derivativos”, todos escrevem, calculam, “raciocinam”, falam e agem, em lugar e por vezes melhor que o ser humano, dispensando-o dessas tarefas – coloca-se o problema de pensar se (ou quando) seremos definitivamente substituídos.

Numa época em que os homens (e mulheres), entregaram a esses aparelhos eletrônicos todas – ou quase todas – as tarefas antes *atribuídas ao cérebro através da Alma*, como discernir ou raciocinar, calcular ou “fazer contas”, optar ou decidir e muitas outras, tornando-se eventuais especialistas – jamais humanistas – chegou a hora de pensar e decidir qual será a nova missão do *Homem* futuro e no futuro, ou tentar descobrir se ele realmente tem futuro.

Na realidade nos tempos que correm e decorrem, em que pelo uso e para o uso dos “brinquedos” eletrônicos hoje existentes, as pessoas dedicam ou dispensam-lhes todo o tempo e atenção – ou ainda mais – do que antes dispensavam a filhos, pais, familiares e amigos queridos, além de companheiros e conhecidos, haverá que

repensar o nosso *modus vivendi*, especialmente no que concerne às funções e relações humanas.

Efetivamente e com a parafernália dos “aparelhos” em uso, as pessoas não dominam como antes as suas tarefas e opções, passaram a falar excessivamente alto ao telefone, por vezes gritando ou “berrando” nos lugares públicos, não importando se no hospital, no consultório, no cemitério, na sala de aula, na igreja, nos transportes públicos ou em quaisquer outros lugares, onde antes não se falava em voz alta, respeitando-se os lugares, as pessoas e o silêncio que é direito de todos. Tristes tempos estes, em que os valores morais “se evaporaram”, os bons costumes quase se derreteram, a delicadeza se tornou muito rara, a gentileza anda esquecida e a fraternidade desapareceu; realmente, constatamos que já quase ninguém consegue ser gentil, muito poucos dizem *obrigado*, ainda menos falam *por favor*, e ninguém cede o lugar sentado do transporte público a um idoso ou deficiente ou a uma mulher grávida ou com criança de colo; é obvio que algo não está correto, ou antes, que realmente tudo isso está errado.

Hoje – salvo raras, honrosas e louváveis exceções – os filhos não têm tempo para dedicar aos pais idosos, pelo que se generalizou o hábito de os “jogar” em “lares” ou residências coletivas, muitas vezes precárias e sem condições mínimas de assistência, conforto e bem-estar, sem sequer ter em consideração que as necessidades dos idosos são muito diferentes entre **si. Isto para não falar de amor.**

Será sempre oportuno referir e informar que nas tribos primitivas da selva africana onde vivi e com as quais convivi, e à semelhança **dos índios** brasileiros, as populações têm muito carinho e respeito pelos idosos (em África os *mais velhos*), seus anseios e sentimentos, referindo-se a eles como *os mais velhos*, com muito amor – até veneração – procedimentos e atitudes que infelizmente, vão desaparecendo das sociedades ditas civilizadas de nossos dias.

Pelo “*andar da carruagem vê-se claramente quem vai dentro*”, ou seja, estas ideias, reclamações, queixas, observações, decepções,

desilusões, correções e muitos outros *senões*, só poderiam ser feitas, apresentadas e escritas por quem já muito viveu, por quem já quase tudo experimentou, por quem já demais viu, conheceu e sofreu. E para “completar” e melhor esclarecer tudo isso apresenta e transcreve a seguir as palavras de alguém mais experiente, sábio e inteligente.

O Carácter dos Velhos, Segundo Aristóteles

“Os velhos e aqueles que ultrapassam a flor da idade ostentam, geralmente, caracteres quase opostos aos dos jovens; como viveram muitos anos, sofreram muitos desenganos e cometeram muitas faltas, e porque, via de regra, os negócios humanos são malsucedidos, em tudo avançam com cautela, e revelam menos força do que deveriam. Têm opiniões, mas nunca certezas”.

“Irresolutos como são, nunca deixam de acrescentar ‘talvez’, ‘provavelmente’ ao que dizem. Assim se exprimem sempre, nada afirmando de modo categórico. Têm também mau carácter, pois ter mau carácter é levar tudo a mal. São igualmente suspeitosos, pois são desconfiados, e foi a experiência que lhes inspirou essa desconfiança”. “Mostram-se remissos em suas afeições e ódios, e isso pelo mesmo motivo; segundo o preceito de Bionte – um dos sete sábios da Grécia – amam como se um dia devessem odiar, e odeiam como se um dia devessem amar”.

“São pusilânimes, porque a vida os abateu; não desejam coisa alguma de grande ou extraordinário, mas unicamente o bastante para viver; são mesquinhos, porque os bens são indispensáveis para viver, mas também porque a experiência lhes ensinou todas as dificuldades para adquirir, e a facilidade com que se perdem”.

“São tímidos, e tudo lhes é motivo de temor, porque suas disposições são contrárias às dos jovens; estão como que gelados pelos anos, enquanto os jovens são ardentes. Por isso a velhice abre o caminho da timidez, já que o temor é uma espécie de resfriamento; estão apegados à vida, sobretudo quando a morte se aproxima, porque o desejo incide sobre aquilo que nos falta, e o que nos falta é justamente o que mais desejamos”.

“São excessivamente egoístas, o que é ainda sinal de pusilanimidade; vivem procurando apenas o útil, não o bem, e nisso mesmo dão provas de excesso,

devido ao seu egoísmo, uma vez que o útil é o bem, relativamente a nós mesmos; e o honesto, o bem em si. Os velhos são mais inclinados ao cinismo do que à vergonha; como cuidam mais do honesto que do útil, desprezam o que dirão os outros”.

“Vivem de recordações, mais do que de esperanças, porque o que lhes resta de vida é pouca coisa, em comparação do muito que viveram; ora, a esperança tem por objetivo o futuro, a recordação o passado; é essa uma das razões de serem tão saladores; passam o tempo repisando com palavras as lembranças do passado; é esse o maior prazer que experimentam; irritam-se com facilidade, mas sem violência; quanto a seus desejos, uns já os abandonaram, outros são desprovidos de vigor”. “Se os velhos são igualmente sensíveis à compaixão, os motivos são diferentes dos da juventude; os jovens são compassíveis por humanidade; os velhos são-no por fraqueza, pois pensam que todos os males estão prestes a vir sobre eles, e, como vimos, esta é uma das causas da compaixão; daí o andarem sempre lamuriando-se,, e nem gostarem de gracejar nem de rir”.

“Tais são os caracteres dos velhos”.

Passada ou vencida a *Segunda Idade* dos humanos e chegada a *Terceira Idade dos idosos*, com a vulgarmente designada “aposentadoria” que sói ocorrer entre os sessenta e os setenta anos, o homem – salvo raras exceções – e dada a crescente, contínua e acentuada fragilização do corpo, que normalmente é acompanhada do desgaste, enfraquecimento e envelhecimento das aptidões ou faculdades mentais e ou intelectuais, ou seja da atividade da *Alma* – entra em decadência física e ou cerebral acentuada, seguindo o caminho que conduz ao *Além*.

Entretanto – e com as decadências física e intelectual citadas – chega também a progressiva fragilização e ou diminuição das funções vitais, altura em que os nossos membros, acompanhados por órgãos, aparelhos e sistemas devido ao desgaste sofrido com o uso ao longo da vida terrena vão perdendo seu pleno e perfeito funcionamento, o que caracteriza efetivamente a *Degenerescência*.

No respeitante à *Alma Humana*, pode o cérebro ou as suas faculdades intelectuais/mentais acompanhar de imediato – ou não –

a fase de decadência e ou *Degenerescência* do restante do Ser; em certos casos muitos humanos têm ao longo da *Terceira Idade* refinada a sua capacidade de raciocínio, aprofundado o rigor e a perfeição de análise, melhorado o chamado bom senso ou senso comum, aumentada a tolerância e apurada a sensibilidade, a contribuir para a melhoria das suas faculdades mentais e elevação da sua nobreza de carácter e de sentimentos.

Enfatizamos que ao longo da *Terceira Idade* o corpo humano vai-se fragilizando e ou degradando pelo desgaste, como resultado ou consequência do “uso” e do “tempo” que provocam o envelhecimento, sempre acelerado, antecipado e ou agravado quando surgem doenças crônicas e ou degenerativas, que podem conduzir à falência parcial ou total de aparelhos e órgãos, com a diminuição parcial e ou mesmo a cessão definitiva de suas funções.

O “*Corona Vírus*” chegou no momento da revisão deste texto, a provar definitivamente a maior fragilidade da *Terceira Idade*, que o flagelo está castigando ferozmente com especial incidência na Itália, na Espanha, na Rússia, no Reino Unido e agora (04/05 e 06 de 2020) na Índia, Estados Unidos e Brasil, países onde o terrível vírus vem provocando centenas e até mais de mil vítimas mortais por dia, igualando ou mesmo superando as catastróficas e antigas pestes.

Felizmente, hoje e apesar das muitas religiões, seitas e “maleitas” que nos afligem – e até agora – não temos conhecimento de que alguém se tenha “aventurado” a ponto de ousar atribuir esta calamidade a castigo do *Além*, mesmo havendo muitas e boas razões para que as “*forças da Mãe Natureza*” ponham um fim à corrupção dos políticos corruptos e dos empresários corruptores, à roubalheira nas federações e clubes de futebol, à apropriação indébita nas concorrências e a toda uma gama de “malfeitos” – nome dado por alguém com **grandes experiências e** conhecimento da causa.

Deveres e Direitos

Até mesmo por ordem alfabética, o *Dever* surge primeiro que o *Direito*, pelo que – no *Globo Terrestre* e convivendo em sociedade – as populações devem começar por cumprir os seus *Deveres* ou obrigações (ónus), para só depois e à guisa de contrapartida uso fruir dos *Direitos* perante a sociedade organizada. Entretanto muitos cidadãos encaram os *direitos* como se estivessem acima de tudo e de todos, “esquecendo-se” – ou simulando ignorar – que ao uso fruto de qualquer *Direito* concedido por algo ou alguém, corresponde sempre a contrapartida do *Dever* que “*paga*” esse direito.

Neste caso de *Deveres e Direitos*, trata-se da obrigação de reconhecer aos outros os *Direitos* de que uso fruímos, ou de assumir os *Deveres* que aos semelhantes impomos, como exemplifico: “*não (me) matarás e eu não (te) matarei, ou não serás morto*”; “*não (me) roubarás (teu dever e meu direito à propriedade) e eu não (te) roubarei*”, *ten direito e meu dever*; com esta exemplificação, supomos ter ficado bem clara a contrapartida direito/dever e vice verso.

No que respeita aos *Direitos Humanos*, a “*Declaração Universal dos Direitos do Homem e do Cidadão*” promulgada há mais de meio século (1959) pela ONU, foi uma iniciativa pioneira, louvável e útil, mas imperfeita porque incompleta ou inacabada: neste caso a ONU “esqueceu-se” de elaborar e promulgar a indispensável contrapartida, ou seja a “*Declaração Universal dos Deveres do Homem e do Cidadão*” como contraponto à primeira.

Mais sábios e ou precavidos que os teóricos da ONU e de outras instituições e organizações mundiais, sociais e humanitárias, foram os idealizadores e ou autores das antigas *Teorias Filosóficas, Sociais e Religiosas*, ou os fundadores de religiões como “*Moisés*”, *Lao Tsé*, *Confúcio*, *Buda*, “*Zaratustra*” e *Jesus Cristo*, que em primeiro lugar se referem aos *Deveres* e ou *Obrigações*, mas sempre deixando implícitos os *Direitos*; é o caso do *Mandamento* proibitivo “*Não Matarás*”, que impõe o *Dever/ proibição* de *Não Matar* deixando implícito o *Direito* à

Vida de todos os cidadãos, *como consequência de todos estarem proibidos de matar.*

Enquanto cidadão o homem adulto é “quase” sempre responsável pelos crimes de outrem – quer seja cúmplice por omissão passiva e tolerante, conivente por saber ou ter assistido indiferente ao crime ou coautor por colaborar e participar ativa ou passivamente de infrações e ou crimes violentos, desse modo associando-se aos criminosos; em qualquer dessas situações quem esteja presente jamais poderá considerar-se totalmente isento de culpa se nada fez para evitar ou impedir o crime.

Jamais podemos esquecer ou ignorar que os *Deveres e Direitos da cidadania* são – perante a lei, a comunidade e a justiça – *Deveres indeclináveis e Direitos Inalienáveis* – pelo que os antes citados casos de cumplicidade **nunca** podem justificar, consentir, tolerar ou permitir o perdão da passividade covarde, tampouco da omissão medrosa e muito menos ainda a citada e criminosa cumplicidade.

Finalizando cumpre-nos esclarecer que além dos *Deveres* comuns a todos os cidadãos, há os “*sagrados*” *Deveres* ou *Obrigações* próprios e específicos dos *pais para com os filhos, destes para com aqueles, bem como dos mais jovens para com os mais velhos e destes – por que não – para com todos os outros*; afinal, se os mais jovens podem e devem ajudar os mais velhos em suas deficiências, estes podem e devem retribuir com os seus conselhos, seu saber, sua experiência, seu bom senso, enfim, com a colaboração da sua esclarecida consciência.

A Evolução Étnica e ou Cultural

O hominídeo antepassado da espécie humana vivia no *Planalto Queniano* nos ramos das árvores da floresta, haverá entre quatro e cinco milhões de anos; quando desceu ao **solo, ergueu-se,** colocando-se de pé, e em seguida passou a mover-se ligeiramente inclinado para a frente, altura em que a posição da cabeça – antes na

extremidade anterior (na frente) do corpo – passou a ocupar a parte superior, ou seja o topo do corpo, localização mais estável que lhe permitiu melhor visão e principalmente desenvolver-se.

Na **realidade**, a partir do *Homo Erectus*, o crânio – e naturalmente o cérebro – **deslocaram-se** da frente para o alto do corpo, **após o que** a caixa craniana e o cérebro foram aumentando de tamanho ou volume, que passou do inicial meio litro – e após várias fases da evolução – **atingindo** um litro e meio com o *Homo Sapiens Sapiens*; devido ao aumento de tamanho ou volume do crânio ocorreu o crescimento do cérebro ou mente, o que propiciou o desenvolvimento e a melhoria das funções mentais como o raciocínio, e de todas as outras faculdades cerebrais, pelo que muito fez progredir, aperfeiçoar e **engrandecer** a inteligência.

Foram as profundas alterações na postura – de quadrúpede para bípede – que propiciaram ao já muito citado *Homo Erectus* evoluir para *Homo Habilis* (habilidoso), após iniciar a produção artesanal de utensílios ou **artefatos**, que o obrigaram a pensar para elaborar essas ferramentas com que construiria o seu abrigo, faria a coleta de alimentos, conseguiria caçar, e pescar com troncos adaptados a pirogas, e **confeccionar agasalhos**, até que muito mais tarde conseguiu dominar o fogo que foi o seu ovo de Colombo.

Seguiram-se as muitas outras fases e etapas da evolução da espécie, que necessitaram alguns milhões de anos, até que – cerca de 10.000 a.C., – o já então *Homo Sapiens Sapiens* desde 35.000/30.000 a.C. – **passou** de nômade a sedentário, circunstância que lhe facilitou a domesticação de animais, a prática da agricultura, a construção de casas e a fundação de povoados. Deste modo a cultura foi evoluindo e o Homo produzindo riqueza. Estavam assim criadas as condições necessárias e suficientes para a invenção da escrita, da roda, das ciências e de tudo que caracterizou a Civilização.

Inicialmente a palavra “cultura” referia-se ao trabalho no solo para a produção de alimentos (agr(i)o-cultura), que se deve ter iniciado com a produção de grãos, com que se fazia o pão nosso de

cada dia. Mas estava-se também dando início a uma outra *cultura* (do germânico *Kultur*), concretizada pelo conhecimento, que envolvia a mente, o saber de experiência feito que conduz ao estudo e depois à *sabedoria, resultado do “casamento” do saber com a moral e a ética, com a justiça e a dignidade do homem, que sempre se desejou honrado, digno, justo, honesto e bom, mas principalmente fraterno e humanista.*

E aquele ser já algo inteligente, que passou à história na selva da *África Negra*, deslocou-se para novos ambientes, foi-se clareando em novos climas, desenvolvendo em suas andanças, crescendo com a melhor alimentação, conhecendo outras terras e outros continentes, novos animais e plantas, rios e montanhas.

Foi em movimento, percorrendo estepes e planaltos, montes e vales, encostas e montanhas, florestas e desertos, que a pele dos primitivos negros e pequenos homens africanos tropicais foi clareando nas regiões menos quentes, até alcançar a cor quase branca nos climas frios, e, nas regiões nevadas, seus cabelos e peles se tornaram da cor da neve; entretanto, espalharam-se por todo o Globo Terrestre.

Com o passar dos séculos, após muitas mudanças de ambiente e conseqüentes alterações do clima, surgiram no *Extremo Oriente* os homens de olhos ovais ou em “bico” e de espesso cabelo negro e liso; *No Norte e Centro Leste Africano e Oriente Médio*, seres de nariz aquilino e lábios finos, mais ou menos escuros, menos ou mais claros, altos e baixos, mas que jamais perderam qualquer dos caracteres essenciais dos humanos, cruzaram-se entre si dando origem aos mais variados biótipos.

Em seguida, com o tempo e com o “vento”, com as andanças e com um melhor alimento, com o clima e com o movimento, espalharam-se por todo mundo seres humanos negros, brancos, “amarelos” e “vermelhos” (as antigas quatro “raças” humanas), de cujas misturas, fusões e ou cruzamentos resultaram mestiços de todos os temperamentos, homens e cidadãos de todo o mundo.

Tendo “nascido” no *Planalto Queniano do Noroeste da África*, o *Homo Erectus* – ou algum de seus sucessores – passou ao *Próximo ou Médio Oriente, à Europa, à Ásia, ao Pacífico e à Oceania (Austrália)*, e por último às *Américas*, reduto virgem de humanos até cerca de 30.000 anos atrás – e desde o fim da Pangeia, isentas de grandes mamíferos terrestres, tais como elefantes, hipopótamos e rinocerontes, **pois nas Américas** apenas os crocodilos serão da época dos dinossauros.

Em todo o *Globo Terrestre* e obra da *Mãe Natureza*, foram inicialmente formadas estruturas de matéria dos corpos por partículas elementares Espirituais – que tudo e todos Criam, tudo englobam, tudo constroem, por estarem em toda a parte, sendo *omnipresentes como o próprio Deus* – como *Ele* sendo *Espírito*, podendo simultaneamente ser matéria ao **agregarem-se para** a Criação das citadas estruturas, para a formação de órgãos, aparelhos, sistemas, corpos e seres, que na Terra nascem e habitam, para dela depois se despedirem, com a *Degenerescência* e ou morte.

O regresso à *Natureza* das partículas elementares, ocorre com o final da *(v)ida humana na Terra*, quando outra *(V)ida* pode ter início no *Universo* e tudo de novo recomeçar; no *Cosmos* tudo parece ser cíclico, circular, esférico ou redondo, temporário e permanente ao mesmo tempo, e no mesmo espaço *Cósmico*.

Não podemos ignorar nem esquecer que a cada 24 horas a *Terra* efetua um movimento de rotação em torno de seu eixo, do mesmo modo que a cada período de 365 dias e um quarto – sempre girando – o *Globo Terrestre* percorre um círculo em volta do Sol, fatos que se repetem incessantemente talvez em todos os sistemas, em todas as Galáxias e, decerto por todo o *Universo*.

Também nós, humanos – *caucásicos, negroides, asiáticos, pardos, mulatos ou mestiços, mamelucos e cafuzos* – somos todos como que galhos da mesma árvore, farinha do mesmo moinho, pedras da mesma pedreira, rodas do mesmo carro, cartuchos do mesmo fuzil, granadas do mesmo canhão, e, conseqüentemente, vindos da mesma origem e naturalmente com o mesmo destino.

E sendo todos os humanos “*frutos da mesma árvore*”, nada mais natural do que – por termos a mesma origem – tenhamos o mesmo destino, uso fruamos dos mesmos direitos, cumpramos os mesmos deveres, enfim, sejamos iguais perante a lei. Assim cumprir-se-á a justiça na igualdade, a qual, segundo Aristóteles, “*consiste em tratar desigualmente, os seres desiguais, e na medida em que se desigualem*”.

É oportuno esclarecer que pequenas diferenças encontradas nos corpos de seres humanos de qualquer origem – tais como tonalidades de pele mais clara ou mais **escura**; cabelo crespo, encaracolado, liso, preto ou **louro**; olhos arredondados ou em bico, escuros ou **claros**; lábios mais finos ou mais **grossos**; nariz aquilino, pontudo ou **achatado**; testa alta, baixa, mais ou menos inclinada; plantas de pés e palmas das mãos mais ou menos claras – serão insuficientes para caracterizar raças.

Considerando quaisquer outras diferenças verificadas em seres humanos dos vários continentes, como as que podem caracterizar e ou diferenciar árabes, lapões, índios, aborígenes australianos (antes ditos vermelhos), pigmeus centro africanos, nativos da Namíbia (*namibes*), somalis, timorenses, mauberes, iemenitas e muitos outros povos e etnias – não serão suficientes para os discriminar, diferenciar, classificar ou catalogar em raças.

Conhecendo o *Continente Africano* deparamo-nos, na **Costa** Norte, com berberes brancos, por vezes louros, de olhos azuis, nariz aquilino e cabelos **lisos**, cujas raízes não estarão bem esclarecidas; já no *Nordeste africano*, limite do **deserto do Saara** encontramos os sudaneses e etíopes “irmãos” dos senegaleses, guinéus e centro africanos todos eles muito mais negros que a maioria dos africanos, de tom quase azulado, semelhantes a algumas tribos de bantos da zona Leste a Sul da *Somália/Eritreia*; já estes Estados do chamado *Chifre de África*, **somalis** e eritreus são terrosos e de traços finos.

Na metade *Leste de África ao Sul do Egito*, encontramos os bantos de todos os tipos físicos e várias tonalidades de pele; na costa a Norte de Sofala (Moçambique), os nativos *makeuas* miscigenaram-

se com mercadores Árabes desde o final do primeiro milênio d.C., de que resultaram mestiços de tonalidades **acobreadas**, e o idioma swahili, língua franca de navegantes e hoje língua oficial da *Organização da Unidade Africana, Quênia, Tanzânia* e **outros países**.

Durante as inspeções de recrutamento militar em Cabo Verde, de que participei em 1960, e no que respeitava à cor da pele, classificávamos os jovens em três tipos: *leuco dérmicos* (brancos), *xanto dérmicos* (pardos) e *melano dérmicos* (negros), denominações genéricas mais expressivas, acertadas, corretas e esclarecedoras do que as usadas hoje no Brasil, onde muitos pardos quase brancos – normalmente por interesse – chegam a declarar-se negros.

No Brasil, onde mais de cinquenta por cento da população será parda e ou mestiça – a maior parte quase branca, sobressaem os cruzamentos de africanas e caucásicos, pardos ou mulatos em vias de branqueamento; descendentes de portugueses e escravas das regiões da *Guiné, Angola e Moçambique* que a partir de 1536 povoaram as capitanias da então colônia portuguesa. Mais antigos são os mamelucos, filhos de índias e portugueses, e primeiros mestiços do Brasil desde 1501, logo após o *Achamento*.

Mas não para aí a fusão pioneira de sangues no Brasil: nas capitanias do Norte e Nordeste a partir do segundo quartel do século dezesseis, com a cultura da cana, ocorreram cruzamentos de *índios e negros* dando origem aos *cafuzos*, mestiços talvez apenas existentes nas Américas. Apesar dessas várias fusões de sangues, grande parte dos/as brasileiros/as se diz negra – por interesse, complexo, orgulho ou puro racismo – mesmo que em muitos deles predominem certas singularidades, caracteres e pormenores caucásicos.

Culturas e Civilizações

O vasto, abrangente e genérico conceito de **cultura**, abarca ou engloba cada um dos grupos humanos, sociedades, tribos, clãs,

etnias, nações e comunidades, uma vez que todos e cada um dos agrupamentos humanos autônomos, bem como alguns de seus elementos, terão hábitos, usos, costumes, tradições, vícios, crenças, preconceitos, preceitos e “defeitos” específicos, singulares e próprios, bem como as muitas e variadas características de algumas comunidades isoladas que as distinguem e diferenciam.

A ideia de cultura de um povo abrangerá, assim, fatores tais como a língua que fala e o tipo de comida que ingere, a roupa que veste e o folclore que pratica, as crenças que adota e as religiões que segue, porque a cultura de um povo ou nação inclui seus usos, costumes, tradições, formas de se comportar, viver, trabalhar e sobreviver. Em lugar de falar de cultura, seria mais correto citar as *culturas familiar* (do berço), a *cultura local* típica do lugar ou aldeia onde se nasce e vive, a *cultura regional* abrangendo os costumes de determinada região, que pode ser do município ou grupo de municípios e, finalmente, a *cultura nacional* de Estado independente.

Definitivamente, cultura será em tese a maneira de ser, viver, agir e estar no mundo, de pessoas e grupos sociais, de comunidades e sociedades, de povos e nações, nela incluídos como antes afirmamos, todos os nossos hábitos e tradições, costumes e diversões, camisas e calções, cantares e distrações, crenças e religiões, deveres e confusões, direitos e obrigações, bem como todas as nossas ações, condenações, sonhos, ilusões e decepções.

A cultura familiar adquirida no lar, entre o nascimento e a adolescência – e que prevalecerá por toda a existência – é a inicial e fundamental, sendo uma espécie de marca registrada do ser humano, de quem se dirá que *teve, ou não teve berço*, numa alusão à sua boa ou má educação (cultura) recebida dos familiares.

Pelo exposto a família é a primeira fonte e principal origem da formação inicial, educação e informação na infância (cultura familiar do berço), ambiente onde as crianças aprendem a falar, andar, comportar-se, e onde recebem e ou adquirem as primeiras noções

dos bons hábitos, além de exemplos, usos, costumes e tradições tudo isso fruto da referida cultura familiar.

Também fruto ou produto do meio ambiente que vivencia e ou onde for criado – mas especialmente como e por quem foi educado – o ser humano vai absorvendo ao longo do seu crescimento – a influência ou cultura do entorno que o rodeia, dos habitantes do bairro ou da aldeia natal (cultura local), bem como a formação/ instrução/educação acadêmica oficial ou particular.

Iniciada na escola ou por meio de mestre familiar ou contratado, a cultura acadêmica prossegue nos colégios, liceus e universidades; o aprendizado das letras, ao atingir o seu ponto mais elevado – e desde que acompanhado por uma formação ética e moral irrepreensível – pode chegar à cultura erudita ou erudição, a conferir ao homem uma espécie de estatuto de “cidadão do mundo” ou Universal, em virtude de seus conhecimentos lhe permitirem dialogar com seus iguais de qualquer nacionalidade.

Em sociedade, o ser humano é visto ou encarado de modo muito particular por cada um de seus semelhantes, consoante as suas características e os atributos de quem o observa, talvez por muitas vezes revelar ao interlocutor apenas a parte de si que ao outro interessa, ou a si mesmo é mais conveniente. Entretanto jamais podemos esquecer que cada ser é um ser único, com seus caracteres próprios e singulares, razão pela qual somos todos desiguais; em tese apenas perante a lei uso fruímos de igualdade.

De um modo geral as comunidades são constituídas por cidadãos de todas as espécies e categorias, uns instruídos outros ignorantes, alguns bons e outros maus, muitos pobres e poucos ricos, uns fortes outros fracos, uns mais inteligentes outros menos, mas todos – e sempre – desiguais entre si, e, como referimos apenas em tese “iguais” perante a lei, por ser certo e sabido, que sempre existem uns mais iguais que outros.

Todos os cidadãos nacionais uso fruem benefícios, direitos ou bônus do Estado e da comunidade, cuja contrapartida consiste no

cumprimento de deveres (porque devem) ou obrigações (são obrigados), o que soe acontecer nos Estados de Direito das sociedades organizadas e civilizadas. Aqui trata-se da reciprocidade entre – ou de – *deveres x direitos*, enquanto *Princípio Natural*.

A Cultura Local

Na minha infância na aldeia, por vezes surgiam por lá sessentões de várias origens, a quem chamávamos andarilhos – meio sábios e meio loucos – que circulavam por Portugal ou pela Europa (a pé) contando histórias e piadas, dizendo poesias, transmitindo receitas, cantando “cantigas”, falando das terras e dos homens, da vida e dos costumes, dos sofrimentos e dos prazeres; sempre bem recebidos pelos aldeões, dormiam nos palheiros, comiam as sobras de suas panelas e aceitavam e agradeciam as roupas usadas que lhes ofereciam. Assim viviam.

Muito diferentes de alguns membros da etnia cigana – por vezes traficantes ousados e ladrões inveterados, que sempre se deslocavam em grupos ou famílias, usando carroças – os andarilhos vinham sós, eram honestos, corretos e educados, trazendo até nós o seu saber, a sua experiência de vida e a sua picardia; e não partiam sós, pois sempre levavam algo recebido de nós, em contrapartida à simpatia da sua voz, à sua simpatia e à sua alegria.

Recordo que certo dia, numa quente tarde de Verão e no momento em que o meu pai recebia alguns amigos na frescura da adega, ali surgiu um desses estranhos andarilhos. Encontrando a porta aberta o cidadão aproximou-se de mansinho, sem aceno, convite ou cerimônia de sua parte; e como ninguém lhe prestasse atenção, com a mesma sem cerimônia acomodou-se a um canto.

O andarilho permaneceu sentado e comportado enquanto os amigos de meu pai se banquetevavam, servindo-se lentamente – gulosos e tranquilos – de pão mistura caseiro ainda quente, queijo de cabra fresco e curado, presunto local de meia cura que os convivas

cortavam diretamente no pernil do teto dependurado, chouriço de lombo de porco temperado em vinho de alho e assado, azeitonas temperadas com ervas aromáticas curtidas no azeite e alho, além de frutas secas e frescas da época, pois ali nada faltava.

Apreciando ainda outros manjares e sobremesas, como doces conventuais e compotas regionais, os convivas, com muita frequência “regavam” os produtos sólidos já deglutidos com os preciosos e aromáticos néctares da terra, que degustavam em breves goles – quando servidos a apreciadores e ou conhecedores os néctares não se bebem, degustam-se – entre eles o famoso *vinho da casa*, “tirado no espicho” (pequeno orifício na frente do tonel de madeira, vedado com pequeno toco de vime) diretamente do pipo, feito de **madeira nobre**, de castanheiro ou carvalho.

O repasto sempre terminava com uma segunda sobremesa – após de frutos frescos da época – constituída pelos mundialmente conhecidos figos secos *pingo de mel*, que preparavam o paladar abrindo caminho para o requintado digestivo da casa, a velha e inigualável aguardente/bagaceira, produto da destilação no nosso alambique, das “borras” dos tonéis, formadas pelos depósitos do bagaço das uvas, retirados após a fermentação e consumo do vinho. E o andarilho – como o cão de Pavlov – babando.

Passado muito mais tempo do que algum outro esfomeado ou sedento suportaria, terminou o rega bofe da turma; foi só então que o andarilho se levantou e, saindo lenta e silenciosamente do seu canto aproximou-se respeitosamente do seletto grupo de convivas – já então plenamente saciados e algo animados – tossiu, pigarreou, fez uma pirueta para a todos animar e chamou a sua atenção.

Uma vez conseguido o seu propósito, que era no fundo atrair para si a atenção dos cavalheiros, o andarilho respirou fundo, encheu o peito, inclinou a cabeça, esticou o pescoço, ergueu os braços, franziu as sobrancelhas, empertigou-se e, esboçando um enigmático sorriso de Gioconda, pigarreou de **novo e**, afinando a voz, saiu-se com esta:

“Vou-me embora desta terra – e daqui não vou contente – é terra de tanto vinho – nem um copo dão à gente”.

À estridente, sonora ou ruidosa gargalhada geral seguiu-se o ansiado convite para “abancar” – na adega os assentos eram singelos bancos artesanais de madeira de pinho, em substituição das tradicionais cadeiras da sala de jantar – e para se “refastelar” com as muitas “sobras” do vasto, generoso e requintado “menu” o andarilho não se sentou, simplesmente *abancou* com elegância e boas maneiras, que não destoariam de qualquer salão nobre.

Após o convite logo aceite pelo andarilho, que “abancou” com a mesma sem cerimônia com que havia adentrado ousada e sorrrateiramente na adega. E do “estrago” por ele provocado nas sobras, só ele ficou sabendo pois foi deixado só e completamente à vontade. Eram assim os costumes da solidária e fraterna cultura dos aldeões que os andarilhos conheciam e uso fruía, bem como a cortesia e os lanches (merendas) na *Gondemaria*, Portugal, nos anos quarenta do século passado.

Com o passar do tempo tudo mudou na aldeia para os naturais, e especialmente para mim que necessitei abandoná-la para poder “evoluir” mais rapidamente que se lá continuasse. Fui para a capital terminar o *Curso dos Liceus no Liceu Nacional Luís de Camões* nos anos cinquenta, e depois cursei a *Academia Militar de Lisboa*, nos anos sessenta participei da guerra de guerrilhas em *Moçambique*, e com a experiência adquirida com o repugnante fenômeno que me ensinou ser em situações perigosas ou mesmo críticas que mais aprendemos.

Ali aprendi que quando o homem age por impulso ou instinto – *portanto irracionalmente* – sem uma pausa para pensar, especialmente em circunstâncias anormais quando os sentidos estão como que anestesiados, a situação fica muito complicada sendo-nos muito difícil – quando não mesmo impossível – exigir ou esperar *calma, auto controle ou bom senso* a quem ou de quem quer que seja e muito menos atribuir responsabilidades pelo que venha a praticar.

Designado animal racional, o homem passou efetivamente a pensar sem contudo se libertar completamente do animal que ainda continuou sendo; a irracionalidade por vezes sobrepõe-se aos atributos e caracteres culturais, recebidos da vida e da civilização, abrindo a “porta” ao instinto e ao impulso; e será em combate e devido ao descontrole em circunstâncias próprias da anormalidade dessa situação, que o homem mais facilmente perde a racionalidade, passando a agir movido por fatores ali confundidos com o instinto de sobrevivência, mas que nada têm de heroísmo.

As Muitas Culturas

No vasto campo da cultura o ser humano chega, por vezes, à fase de cultura erudita, assim designada por conferir ao homem vasto saber, e ou profundo conhecimento a nível global, possibilitando-lhe dialogar e conviver com cidadãos de diferentes nacionalidades e idiomas, dado que os eruditos sempre dominam – além da sua – uma ou mais entre as mais conhecidas, estudadas e faladas no mundo.

Uma vez esgotada a nossa capacidade de entendimento, de compreensão ou mesmo de imaginação, perante o mistério da grandeza ou gigantesca imensidão do *Universo*, da perfeita harmonia e, sobretudo, da inconcebível e superior “coordenação” do movimento dos astros no *Todo Universal*, e face à vastidão e complexidade das mudanças, alterações e transformações ocorridas à superfície da Terra, principalmente a *Evolução das Espécies* e as fraturas na Pangeia, e esgotadas ainda as tentativas para explicar esses *Fenômenos*, a única saída será crer no *Deus Todo Poderoso*.

Cientistas criaram, imaginaram e ou inventaram a teoria do *Big Bangue*, na tentativa de explicar a origem ou momento inicial da *Criação* do espaço cósmico. Entretanto, mesmo aceitando-se essa teoria, ficariam ainda sem uma explicação adequada questões fundamentais, como seja a sua “hipotética” e colossal dimensão

atual, a sua “contínua” expansão e as frequentes explosões e transformações na galáxias, astros, estrelas e planetas.

O *Infinitamente Pequeno* como as subatômicas partículas elementares – que com muita dificuldade tentamos imaginar – engloba ainda muitas outras e ínfimas partículas, caso das partículas de energia, luz e ou força, associadas em “corpos” cada vez maiores e mais complexos, a bitolar uma relação entre a dimensão do Quark ou do Neutrino e, por exemplo, o tamanho da Terra ou da Lua; aqui poderá residir o segredo da *Essência*, base e formação do *Todo*.

Distancias astronômicas e inimagináveis da ordem de bilhões de anos luz, deixar-nos-ão atordoados e incapazes de abstrair pela simples razão de que – tais distâncias – necessitam de tempo equivalente à idade do Universo, para serem percorridas pela luz a *trezentos mil quilômetros por segundo*. E esta idade em termos de Espaço/tempo, e aquele tempo no sentido de Tempo/espço que já nos bloquearam a mente e o raciocínio, será prova de que – quando mergulhamos nos limites do conceito de *Infinito* – estaremos avançando no *Imponderável*, no *Indevassável*, no *Misterioso*.

Como mera hipótese ou pura especulação – caso a origem do *Mundo*, *Universo* ou *Cosmos* se devesse a uma explosão inicial de matéria e ou energia altamente concentrada, semelhante à explosão das bombas nucleares *cujas ondas de choque, gases e tudo mais* ocupam um espaço já existente – ficaria por explicar convenientemente a posterior, contínua e antes citada ampliação do *Cosmos*, a colocar em questão o conceito de *Espço/tempo*.

A citada “ampliação” do *Espço Cósmico* invadiria e ou alastrá-lo-ia, para ‘lugares, áreas, sítios ou zonas’ antes teoricamente inexistentes, o que equivaleria à expansão, invasão, penetração ou ocupação do *Nada*, ação e conceito muito difíceis e ou mesmo impossíveis de definir e admitir. E neste cenário podemos incluir os famosos e ainda desconhecidos ‘*buracos negros*’, cuja formação e constituição ignoramos, e que decerto estarão sujeitos a estranhas, poderosas e também ignoradas forças.

Não tendo nós dados, informações ou argumentos para objetiva e cabalmente debater muitas das hipóteses e circunstâncias antes citadas, ou mesmo racionalmente desmontar divergências, contradições e ou convicções concernentes a temas que nos ultrapassam ou transcendem, a alternativa que nos resta consistirá na admissão de dogmas, na aceitação de explicações místicas, ou por fim na crença de um *Ente Divino*, que será obrigatoriamente o *Ser* ou *Ente* único dos monoteístas, que é o seu *Deus*.

Ao longo da explanação sobre os atributos, caracteres e ou características das incontáveis culturas do Globo, exibimos um manancial de exemplos, não só destas como das gentes que as criam, cultivam, manipulam, promovem e enriquecem, e que ao atingirem um elevado estágio cultural distinguem a cultura de um povo ou nação de todas as outras elevando-a ao status de *Civilização*.

Para atingir um elevado estágio cultural, uma comunidade necessita reunir condições que lhe permitam desenvolver as artes e as ciências, melhorar o conhecimento e o procedimento, promover o bem-estar e a educação, aprimorar as técnicas e dignificar as condições de vida das populações; só deste modo se transformam as culturas em algo mais elevado, abrangente e **superior**; é o apogeu da cultura que caracteriza a *Civilização*.

O vocábulo *Homem* – grafado com inicial maiúscula – inclui ou abrange toda a *Humanidade*, identificando aquele que subiu à condição de racional ou “rei” dos animais, após concluída a longa *evolução da espécie* iniciada há quatro ou cinco milhões de anos atrás; e foi elevado a essa posição mercê dos atributos intelectuais, morais e **Espirituais** que as novas espécies foram adquirindo e aperfeiçoando. **Mas**, lamentavelmente, é **enorme** a quantidade de humanos que não se comporta de acordo com o status referido.

Dotados de corpo, servidos pela alma, assistidos pelo Espírito e considerados seres superiores, os humanos serão entes altamente privilegiados, diferenciados e valorizados, entre todos os outros seres do Globo, porque dotados de inteligência, consciência, livre arbítrio

e outros caracteres dele exclusivos; e é o livre arbítrio e *direito* de escolha e decisão, que aos humanos dá essa liberdade com a contrapartida da responsabilidade e *dever* perante seus pares.

Alguém afirmou que: “*o homem é bom mas que a sociedade o corrompe*”, decerto generalização exagerada mas até certo ponto compreensível, dado que – em grupo – os homens têm quase sempre um comportamento diferente do ser individual, alterando a sua **conduta**, quer seja para satisfazer o ego e exhibir-se perante o grupo, quer seja porque no bando o indivíduo perde o medo por sentir-se apoiado pelos que o rodeiam ou até mesmo devido à anulação de sua personalidade.

Quando o grupo é numeroso, mas não tem comando, a multidão fica acéfala, altura em que os componentes não dominam os maus **instintos**, agindo e comportando-se como irracional descoordenado, sem objetivo, sem rumo, sem finalidade. Nessas ocasiões tudo pode acontecer, altura em que no Homem sobressai a sua faceta animalesca que pode conduzir à ousadia ou ato impensado, à desordem, à violência, à destruição e ao crime.

Uma das características do comportamento das multidões – quer se trate de manifestações de protesto, reclamações de direitos, simples e puras arruaças ou até mesmo de grandes eventos – é a disposição de cumprir os desejos ou interesses que as levaram ao local: protestar, reclamar direitos, condenar o que não lhes **agrada, aplaudir** ou vaiar. Entretanto e se algo corre mal, podem-se exacerbar os ânimos e entrar em ação impulsos e ou instintos, com imprevisíveis consequências.

Creem muitos espiritualistas que o *Espírito*, como a alma – invisível, imaterial, transcendente, metafísico e talvez dotado de místicos e ou sacros poderes, mas sempre imortal – seria “quem” nos coloca em ‘contato’ com o *Além*, e talvez se manifeste e ou aja através de ações e ou ‘reações’ acionadas por “caracteres” como a *intuição*, enquanto percepção natural, imediata ou instantânea da

presença da realidade, sem qualquer intervenção do raciocínio e ou da Inteligência.

Entretanto, falsas visões, alucinações, ilusões, emoções, sensações, paixões e ou quaisquer outras “**confusões**” oriundas, originadas ou provocadas por fenômenos sensoriais ou **sentimentais mais** anormais – acontecimentos próprios ou provocados pelo corpo, pela *Alma* e ou pelo *Espírito* humanos – que muitas vezes dão lugar a concepções erradas ou errôneas, originando, alimentando ou provocando ideias falsas ou conceitos deturpados.

Após a “*idade da razão*” e até a decrepitude, a *Alma* humana comporta-se como uma constante ou permanente “*fábrica de ideias*”, uma insaciável busca por respostas, mas também como uma contínua e inesgotável fonte de conflitos; em contrapartida a *Alma* não deixa de ser uma vigorosa e **valiosa** origem de soluções.

Do melhor ou pior funcionamento ou uso da inteligência ou razão humanas – onde a consciência, o carácter, a intuição e a vontade racionais são determinantes – resultam os bons e os maus humanos, os homens “bons” e os malfeitores, os profissionais competentes e os incompetentes, os governantes honestos e os corruptos, a classificar e separar a humanidade em “trigo” e “joio”.

As sociedades e as comunidades, serão constituídas em partes, tanto por cidadãos instruídos como por indivíduos ignorantes, por seres bons e maus, pobres e ricos, fortes e fracos, inteligentes e destituídos, portanto – todos, e sempre – desiguais entre si; daí a indiscutível necessidade e mesmo obrigatoriedade de todos serem iguais perante a lei; e como do Estado todos recebemos benefícios, a esses bônus, todos devemos retribuir com uma contrapartida, que é o ónus da reciprocidade para com o nosso semelhante.

A tão proclamada, fantasiosa e surreal alegação, que consiste em admitir a natural, *pura e simples igualdade entre os humanos*, serve principalmente para acentuar as desigualdades, como a propagação da mentira favorece a ocultação da verdade. O que devemos exigir, proclamar e defender é a antes citada igualdade de todos perante a

lei, defendendo direitos iguais para **seres iguais**, bem como a cobrança dos mesmos deveres a todos os cidadãos.

Aqui cabe transcrever o “Princípio da Justiça na Igualdade” do filósofo grego Aristóteles (sec. V a.C.):

“Justiça na igualdade consiste em tratar desigualmente os seres desiguais, na medida em que se desigualem”.

Na realidade, só o cidadão cumpridor merece uso fruir de direitos, enquanto ao infrator estes serão negados, além da punição pela infração cometida, ou seja, tratamento *desigual*, para dois seres que se desigualaram seguindo caminhos opostos.

À face da superfície *Terrestre* todas as famílias, tribos, clãs, etnias, comunidades, nações, **Estados** e associações de pessoas ou povos, deverão – sem qualquer exceção – respeitar, adotar e defender os procedimentos a todos aplicáveis e renunciar às práticas nocivas aos cidadãos, à Natureza, à saúde, à preservação da espécie e ou aos *Deveres do Homem e do Cidadão*, para manterem ou não perderem seus direitos. Caso contrário serão punidos com essa perda ou algo mais.

Como a tudo na vida, à liberdade devemos impor limites bem definidos, por tratar-se de um campo minado, pois a liberdade de um cidadão termina onde começa a liberdade de outro ou de todos; por isso enfatizamos que – especialmente ao adolescente – é absolutamente necessário impor limites para que desenvolvam o senso de responsabilidade, entendam e aperfeiçoem a ideia de *direito e dever* e muito especialmente para evitar os desvios graves e as práticas nocivas que hoje acontecem entre eles.

Limitar ou impedir aos jovens a ultrapassagem de limites adequados e sensatos, será dever dos responsáveis e educadores – a quem os menores têm tendência para desafiar – mas também e especialmente tarefa da sociedade e do Estado, cuja autoridade deve ser exercida com brandura, bom senso e determinação, para não ferir

a sua sensibilidade nem provocar traumas ou revolta, e em especial, para não trair a confiança por eles depositada nos mais velhos.

Hoje os falsos defensores dos pobres, fracos, indefesos, abandonados e desprotegidos, são precisamente aqueles que usam tais pretextos para se promoverem, elegerem e ou ocupar elevados cargos, que depois aproveitam para se servirem sem servir, para enriquecer e se locupletar, normalmente através da “esperteza” da corrupção, da imoralidade da negociata, da desonestidade.

A renúncia à violência e ou à exploração dos mais fracos pelos mais fortes, deve ser geral, total e irrestrita, e a observância deste princípio imposta e defendida por todos, com base nas leis e regulamentos de toda a humanidade. Afinal não existe maior ato de covardia que um adulto atentar contra uma criança, alguém agredir uma mulher ou um idoso, ou até um poderoso violentar um fraco ou deficiente desprotegido.

Sendo o direito à vida por parte de todos e de cada um dos seres vivos um bem e ou regalia inalienável, considerada quase ‘sagrada’ em todos os Estados democráticos de *Direito*, o poder ou capacidade de manter e uso fruir essa mesma vida, em paz e liberdade, de modo algum poderá ser-lhes recusado, subtraído, dificultado ou violado, mas antes facilitado e protegido.

Animais racionais, mas permanecendo em algumas circunstâncias irracionais, os humanos estão a todo o momento à mercê da “tentação” de cometer atos impulsivos e ou ações instintivas, como ocorre com os “impropriamente” designados animais irracionais, que em certa medida possuem limitados atributos mentais, mesmo que muito menos apurados e ou desenvolvidos que os caracteres da inteligência dos humanos.

Desde a mais remota antiguidade sempre ocorreu a discórdia e violência entre os homens, que nos extremos se torna por vezes **animalesca**, brutal, desumana, selvagem, precisamente por serem instintivas e ou irracionais, e quase sempre desencadeada por torpes motivos ou questões de natureza material. Entretanto talvez mais

condenável será a guerra por alegados motivos religiosos, como neste momento ocorre na Síria, onde muitas vítimas inocentes são sacrificadas, principalmente crianças, mulheres e idosos.

O carácter das gentes – conjunto de caracteres que caracterizam, classificam e identificam os seres humanos – hoje será diferente do que ontem foi, que por sua vez se diferenciou do que antes tinha sido e decerto do que amanhã será. Em consequência da contínua e por vezes brusca evolução sociocultural, daí resulta que alguns “maus” caracteres de ontem poderão ser hoje considerados aceitáveis ou bons e vice-versa.

Como dizia Camões: *“mudam-se os tempos, mudam-se as vontades, muda-se o prazer e muda-se a confiança, neste mundo tudo é feito de mudança”*.

Entretanto, nos momentos e circunstâncias em que o *Homem* tanto pode comportar-se como verdadeiro, perfeito e acabado ser **civilizado**, ou como um cruel e impiedoso malfeitor, assassino ou torturador sem piedade, sem sentimentos, sem compaixão, sem escrúpulos e sem arrependimento – sendo capaz de submeter seus semelhantes às *maiores atrocidades, o que ocorre desde a antiguidade e permanece até os nossos dias* – nesses momentos, o suposto humano racional e superior retrocede ao mais completo, condenável e detestável estado irracional ou animalesco.

Alguns homens por vezes classificados e honrados como heróis (*Napoleão, Stalin*, etc.), foram na realidade comandantes de exércitos e hordas de violadores, salteadores, saqueadores, criminosos nacionais e estrangeiros, enquanto líderes de bandos de condenados soltos das prisões para se incorporarem, e que depois cometeram hediondas e indescritíveis atrocidades, invadindo nações estrangeiras, onde saquearam, mataram, violaram e destruíram.

Na realidade muitos dos sanguinários chefes políticos e ou militares tais como *Hitler, Stalin, Idi Amin, Cortez* e outros, na Europa, em África e na América foram responsáveis pelo massacre de etnias, povos e nações inteiras, tendo deliberadamente promovido a chacina e massacre de povos inteiros, como na Bósnia, no Kosovo, na Síria,

na África, e outros lugares do Globo, onde ainda continuam ocorrendo massacres abomináveis.

Os bandos de marginais que **à ordem dos** atrás citados chefes cumpriram suas **determinações**, e outros que hoje agem de modo semelhante na Síria, na Somália, no Sudão, na Nigéria e outros lugares, do mesmo modo cumprem ordens imorais, ilegítimas e ilegais e de cruéis consequências, apesar da responsabilidade dos chefes que tais ordens deram – foram e são – criminosos de igual responsabilidade e facínoras do mesmo teor.

Em presença da constante, persistente, desumana e criminoso violação das leis, normas e Mandamentos por parte dos governos e dos cidadãos em geral, com grave infração da *Declaração Universal dos Direitos do Homem e do Cidadão*, configurando graves crimes contra o cidadão e contra a *Humanidade*, impõe-se com urgência uma tomada de posição da ONU e de todos e de cada um de nós, para tentar conter tais crimes, abusos e violação de direitos.

A *população do Globo* ultrapassou **sete milhares de** milhões de seres humanos, e desse total a maioria acredita na *Existência* de um *Deus*, **pertence a** uma das grandes religiões e adota, segue e cumpre, no todo ou em parte os seus *Mandamentos*. Perante esta esclarecedora realidade não devemos, não podemos e não queremos menosprezar essas crenças, e muito menos a capacidade de discernimento de quem segue uma religião; daí o nosso profundo respeito por todos e todas as religiões, apesar de não seguirmos nenhuma delas.

Abordando com seriedade todos estes temas, sistemas, problemas e dilemas, move-nos, fundamentalmente – como já antes afirmamos – o desejo e a esperança de tudo colocar em debate, que se espera profundo, sério e construtivo, aguardando que dele saiam iluminadas teses e ideias, fruto de conclusões coletivas inteligentes, como soe acontecer nos plenários de homens sábios e prudentes, de boas intenções e honestos, dignos e justos.

O comportamento de um ser humano revela-nos a sua natureza, origem, “berço” **ou falta** dele, a formação ética e ou moral,

o seu bom ou mau carácter, a sua índole, o seu temperamento e muitos outros atributos, que decerto condicionam, regulam e caracterizam a sua conduta pessoal, em família e em sociedade. Em tais circunstâncias o homem inteligente tem em mãos os necessários dados para avaliar ou saber como se comportar com ele.

Se “o amor é a essência da vida”, teremos que esse nobre sentimento deve presidir os nossos atos, fazendo-se presente em todas as nossas ações, de modo a conferir-lhes a grandeza humana própria dos homens de bem, dos cidadãos dignos da sociedade a que pertencem, dos homens livres e responsáveis, corretos e honestos.

Omnipresença e Reencarnação

De *Deus – Espírito dos Espíritos* – costuma dizer-se que é Omnipresente (está em toda a parte) e *Omnisciente* (tudo sabe), verdade acerca da qual os crentes não têm qualquer dúvida, dado que os *Espíritos* são *Universais*, as partículas elementares *Espirituais* participam da formação e fazem parte das estruturas da matéria dos corpos bem como da formação, construção e expansão do *Mundo, Universo ou Cosmos* e constituíram o *Todo* da *Essência* no momento da *Criação* pelo que não poderiam deixar de ser omnipresentes.

Estar em toda a parte e ao mesmo tempo e tudo saber ou nada ignorar, seriam caracteres e ou atributos exclusivos do *Espírito* ou dos *Espíritos* – ou dos *Elétrons Espirituais*, segundo Jean Sharon – características que no seu conjunto desde sempre vêm sendo atribuídas ao *Deus* dos crentes tido e ou considerado como o somatório ou *Espírito dos Espíritos* que acaba identificando-se com a *Essência ou Origem* e ou com a *Criação* do *Universo e pour cause* com o *Todo Universal*.

Supomos ser esta a imagem que os crentes têm de seu *Deus Todo Poderoso*, se bem que a bíblica *semana da Criação* lhes repasse uma *versão simbólica*, que depois do “esclarecimento” do Papa Pio XII –

(Encíclica “*Humani Generis*”,1950) sobre os capítulos de Gênesis: “*Foram redigidos para dar uma descrição SIMBÓLICA de como o mundo surgiu e não devem ser tomados como relato científico estrito*” – supomos dever ser bem ou melhor esclarecida.

Como as teses relativas à onisciência e à onnipresença – em princípio – se devem aplicar a todos os elementos *Infinitamente Pequenos do Todo Universal*, e considerada a onnipresença *Divina*, podemos admitir alguma ligação, semelhança ou identidade das partículas elementares *Espirituais* e ou dos “*Elétrons Espirituais*” com os *Entes Divinos*, por todas (os) se reportarem à *Criação/Essência*.

Aqui recordamos o que ouvimos de negativistas, céticos, agnósticos, ateus e outros, quando negam a *Existência de Deus*: “*Não acredito em Deus, não acredito na existência da Alma, pois jamais vi Um ou a Outra, não sei onde se encontram, como são, que forma têm*”. Certo dia, a alguém que questionava desse modo essa existência, repliquei: você decerto não nega que tenha inteligência, intuição, vontade, discernimento, bom carácter, e muitos outros caracteres, atributos ou “qualidades”, apesar de jamais as ter visto, tateado ou sequer imaginado onde se encontram. Não acredita que **com a Alma, o Espírito e Deus** isso possa ocorrer?

Perante o que acabamos de expor, dúvidas não restarão acerca do *fenômeno da reencarnação*, já antes abordado quando falamos da constituição ternária do *Ser Humano*, e ainda mais claramente quando explicamos a participação das *partículas elementares subatômicas e Espirituais*, que elaboram as estruturas da matéria dos corpos, delas passando a fazer parte, o que revela, prova, define e definitivamente caracteriza a reencarnação, naturalmente *Espiritual*.

Tendo em conta que o “*Espírito do homem*” – “*enquanto Ser espiritual, passando por uma experiência humana*” (Pierre Teilhard de Chardin) – emana das partículas elementares e ou dos “*Elétrons Espirituais*”, e que estes serão elementos do *Espírito Universal*, consubstanciado no *Deus Supremo* e único, aqui residiria o fato de a

dependência daqueles (*Elétrons Espirituais*) do *Espírito* ou *Todo Universal*, que se confunde com o *Deus* das religiões monoteístas.

Já enfatizamos que – à semelhança do corpo humano – todos os outros corpos ‘nascem’, crescem, vivem e ‘morrem’, “nascendo” e crescendo por agregação das *partículas elementares Espirituais* que os compõem e “morrendo” pela desagregação e regresso dessas partículas às origens. Aqui devemos ressaltar a flexibilidade, adaptabilidade e multiplicidade de funções das *Partículas Infinitamente Pequenas*, com especial destaque para os *Elétrons Espirituais* a cuja (*V*)ida *Espiritual* deveremos a nossa própria (*v*)ida *humana*.

Como cristão sincero porque convicto, vendo em *Jesus Cristo* um dos maiores e melhores exemplos mundiais de *humanista* em toda a história da *Humanidade*, como inigualável, verdadeiro e sincero apóstolo e defensor dos *direitos* e da imposição dos *deveres* dos seres humanos, de modo muito especial dos mais fracos, necessitados e desamparados no primeiro caso.

Devemos ter sempre em consideração que a discórdia jamais compensa, pelo que nos cumpre priorizar o diálogo, em especial nos assuntos mais sérios e importantes; afinal, a nossa passagem pela *Terra* é provisória, acidental e curta, e o enfrentamento é a última das “soluções” – ou não o sendo – e como dizem os brasileiros: “*Mais vale um mau acordo do que uma boa briga*”.

Se “*o amor é a essência da vida*”, teremos que esse nobre sentimento deve presidir todos os nossos atos, fazendo-se conosco presente em todas as nossas ações, de modo a conferir-lhes a grandeza humana proveniente da *Essência*, típica dos cidadãos cumpridores, dos homens livres e responsáveis, **dignos e justos**.

Assim sendo poder-se-ia partir desta evidente realidade, para estabelecer uma *Teoria da Identidade dos Seres* em virtude de todos eles serem formados das mesmas e perenes partículas *Espirituais*, as quais neles se juntam formando a matéria, e deles se separam com a decomposição desta, libertando-se para novas reencarnações.

A verificar-se o fenômeno da **Reencarnação** – já admitido há cerca de cinco mil anos nos *Princípios Védico/Hindu/Bramânicos* – tratar-se-ia de uma nova agregação e em novo corpo, de partículas elementares fundamentais subatômicas e *Espirituais*, já antes partícipes da estrutura de outro ou outros corpos ou **Seres**.

Em virtude de todas as citadas partículas serem consideradas *Espirituais* – atributos antes imaginados e sempre proclamados como exclusividade do *Deus* dos crentes das religiões monoteístas – deste modo com essas partículas identificado, mais uma vez imaginamos ter encontrado o elo de ligação entre o *Espírito do homem* e o *Espírito Universal*, quando Este será representado pelo *Deus* dos humanos de que vimos falando.

A *omnipresença* e a *omnisciência* de *Deus*, a que os crentes se **referem**, serão as bases principais das antigas *Teorias Filosóficas Sociais e Religiosas*, nas quais as religiões se alicerçam; como as partículas citadas e componentes da *Natureza* fazem parte de todos os corpos – animais, vegetais e minerais – e se **encontram no Universo** compondo o *Todo Universal*, nada mais natural do que “fazerem parte” do idealizado *Ente Supremo* ou *Deus das religiões monoteístas*, precisamente devido às suas *omnipresença e omnisciência*.

Segundo o cientista, escritor e filósofo francês Jean Sharon:

“Existe uma realidade profunda, presente em todo o Universo, que é capaz de fazer o pensamento no espaço.....assim o pensamento está presente em toda a parte, no mineral, no vegetal, no animal e no homem”. (in “L’Éspirit, Cet` Inconnu”, Jean Sharon,1977, Paris, pg. 12).

Tese ousada, a afirmação de Jean Sharon amplia os horizontes da realidade incontestável que é o *Espírito*, até recentemente confinados e ou limitados a *Entes sobrenaturais*, isto porque admite a presença *Espiritual* em todos os corpos e lugares – portanto em toda a matéria – **tornando-o Espírito** omnipresente, condição que até recentemente – insistimos – só ao *Deus* dos crentes era reconhecida.

Admitindo como verdade inquestionável a tese do citado escritor, filósofo e físico francês, e considerando que tudo e todos os corpos do *Universo* terão tido origem, ou sido constituídos, formados e compostos pela referida “*realidade profunda*”, podemos – ainda seguindo o raciocínio de Jean Sharon – imaginar que no *Globo Terrestre*, quiçá no *Universo*, *tudo e todos têm elétrons espirituais pensantes, portanto inteligência e consciência.*

Entre a população do *Globo Terrestre* – que já ultrapassou um total de cerca de **sete mil** milhões de seres – cerca de quatro mil milhões de Seres **acreditam** na *Existência de Deus*, **seguem** as religiões que O consagram, adoram e louvam; assim **sendo**, de modo algum podemos ignorar, repudiar e ou menosprezar a capacidade de discernimento dessa maioria da população mundial, que sinceramente segue, convictamente louva, honestamente adora e humildemente consagra o *Deus* da religião em que acredita.

Superstições, Mitos e Crenças

Enquanto a *superstição* é como que um *preconceito*, por vezes baseada num *receio* sem fundamento **racional**, ou um *medo* infundado e perturbador, o *mito* será uma construção mental em torno de um acontecimento envolvendo um ou mais personagens, “enfeitada” e difundida ao longo do tempo pelo imaginário popular. Já a crença consiste na aceitação de uma “verdade” transcendente, geralmente de natureza místico/religiosa e aceite como dogma.

O mito “nasce” quando, a uma possível verdade inicial se vão acrescentando fatos, atos e boatos, que com o tempo podem “**criar**” um *Napoleão* ou uma “figura” ou “fantasma”, portanto fictícia ou surreal. Entretanto para o crente, a *crença* consistirá numa convicção honesta e respeitável de pessoas sinceras e ou de boas intenções, crendo na existência de algo ou alguém beirando o sobrenatural, que em geral transcende os humanos poderes.

Ao longo da história da *Humanidade*, os grandes mitos resultaram de “figuras” reais ou imaginárias – *Krishna, Brahma, Moisés, Aquiles, Homero, Alexandre Magno, Maomé, Cristóvão Colombo, Napoleão* – que foram sendo “adornadas” com fantasias, fatos irrealis e ou imaginados ao longo do tempo, criando-lhes, por vezes, uma falsa auréola de grandeza muito além da realidade.

A **muitos mitos** foram atribuídas ações e ou realizações de feitos e glórias, de práticas e fantasias, de exageros que ilustram a memória e **tornam** o *Ser* real ou imaginado um herói de “fachada” famoso, por vezes depois idolatrado pelo imaginário popular, o que lhe pode dar chance de ser inumado no *Panteão das celebridades*, quiçá alçado às branduras e delícias do *Céu* de todos os santos.

Nos seus primeiros tempos, o *Homo Sapiens Sapiens* adotou por *Entes sobrenaturais* alguns astros como o *Sol* e a *Lua*, decerto pela presença ou permanência efetiva e constante em suas (*v*)*idas*, pela grande influência que exerciam em suas atividades e talvez pelos mistérios que os rodeavam. Mais tarde ter-se-iam imaginado “lugares sacros” como possíveis destinos post mortem para os humanos, tais como *Céu, Purgatório/Limbo e Inferno*.

Os citados astros e os imaginados lugares sacros, serão o reflexo do medo e da tendência humana para imaginar, criar e ou “construir” **mitos, mitologias e trilogias**, que podem ser religiosas, artísticas, literárias e outras, normalmente fruto de rica imaginação criadora estimulada pela fantasia, pela insegurança que o medo provoca ou pela intranquilidade quanto ao futuro no (outro mundo), situações que os “lugares sacros” decerto resolveriam.

Constatamos que após ter atingido o status de *Homo Sapiens Sapiens* (c. 35.000/30.000 a.C.) – portanto já perfeita, completa e definitivamente **racional**, mas vivendo em cavernas – o Homem imaginou, criou e participou de cultos, cerimônias e ou liturgias em que dignificava, cultuava e adorava os seus vários e por vezes diversificados **deuses virtuais**.

Serão dessa época a multimilenária aldeia de *Monsanto* (*Monte Santo*) na Beira, Portugal e a também antiquíssima vila do *Penedo, Cintra* (de *Cyntia=Lua*) no “*Monte da Lua*” e hoje *Serra de Sintra*, perto de Lisboa, remanescentes dos primeiros tempos do homem *post Dilúvio* (cerca de 16.000 a C.), que na realidade terá sido a inundação do degelo que elevou o nível das águas dos oceanos em mais de cem metros, quando as populações fugiram para lugares altos.

Ainda nos anos que se seguiram ao aparecimento do *Homo Sapiens Sapiens* em **Cro-Magnon**, e seus deuses eram materializados por astros e estrelas, seguiram-se os acidentes geográficos, animais, árvores, rochas, rios e muitas figuras da Natureza. Em Murça, Trás os Montes, Portugal, e na principal praça da cidade, ergue-se uma escultura em pedra – a *Porca de Murça* – antiquíssimo objeto de culto, nome que chegou ao Brasil como marca de um vinho da região.

No interior das Beiras, na mesma época era cultuado o deus *Endonélico*, de que restam alguns “santuários”; na Índia o rio Ganges perdura até hoje como sagrado, onde os indianos se mergulham em ocasiões especiais, e a vaca – também sagrada – foi a solução para o rancho das tropas portuguesas em Goa (Índia) até a invasão.

Em Portugal, as tribos lusitanas “adoraram” árvores como o carvalho, grandes cilindros de rocha verticalmente implantados no solo (menires, que em grupo formam cromleques), como em *Évora* ou na vila de *São Martinho de Anta*, onde – junto com a anta local (espécie de cemitério) formam o *Campo Santo*, que ainda exhibe uma escavação na fraga (rocha alongada) com forma e tamanho de corpo humano, que se supõe ter sido usado para sacrifícios aos deuses.

Até recentemente algumas tribos americanas, africanas e asiáticas acreditavam que árvores e seres vivos acolhiam os “espíritos” de seus entes queridos falecidos, ideia plenamente coincidente com a tese de Jean Sharon em “*L’Esprit, Cet Inconnu*”, que ao definir os *Elétrons Espirituais* os identifica com o próprio *Espírito Universal* – “*realidade profunda, presente em todo o Universo, que é capaz de fazer o pensamento no espaço*”.

Os *Elétrons Espirituais* dos quais muito **falamos**, serão – ou poderão ser – a “*matéria*” *pensante dos seres vivos*, e, insistimos, estarão presentes em todos os corpos existentes na *Natureza*, quer se trate de corpos sólidos, líquidos ou gasosos, pelo que eventualmente poderiam ser os “*Espíritos*” recém ‘encarnados’ desses falecidos parentes dos índios referidos.

Para o muito citado escritor, filósofo e cientista Jean Sharon tratar-se-ia de partículas omniscientes e omnipresentes “*presentes em toda a parte*”, circunstâncias e atributos até agora apenas creditadas à *Suprema Entidade Divina* – imaginada, respeitada, cultuada, reconhecida e materializada no *Deus dos crentes das religiões monoteístas*, que como sabemos foi “batizado” com nomes diferentes ou diferenciados em todas **essas religiões**.

O surgimento, a aceitação e proliferação de crenças, seitas, mitos e liturgias entre as comunidades primitivas, levou a *Humanidade* – desde os tempos históricos – a imaginar, criar e ou inventar os fantasiosos duendes e “deuses” das primeiras mitologias, quando as populações eram – na sua quase totalidade – ignorantes, analfabetas, supersticiosas e miseráveis, portanto mais predispostos e sensíveis a medos, superstições e credices, consequência **natural do primitivismo ou primarismo do isolamento e da pobreza**.

Após a fundação das primeiras seitas – **e com** o aparecimento dos profetas (alguns míticos) aos quais se devem as teorias filosóficas e ou sócio/religiosas, que propiciaram a implantação e consolidação das grandes religiões – alguns de seus mais imaginativos pregadores inventaram *Céus, Paraísos, Limbos, Infernos* e outros hipotéticos lugares mais ou menos sacros, destinados aos humanos falecidos, como prêmio e ou castigo para suas boas ou más ações.

Deve ter sido o imaginário popular – sempre fértil no que tange a “coisas do outro mundo” – que se encarregou de “enfeitar” e ou valorizar esses lugares, declarando-os povoados e ou providos de deuses e demônios, anjos bons e anjos maus, castigos e delícias, fogos e carícias, criações que logo entraram no imaginário coletivo,

sendo aceites por grande parte dos crentes, uns esperando recompensas e outros temendo castigos.

Entre os mais consagrados homens da antiguidade, sempre existiram *Almas* sábias, sérias, eruditas e profundas, como *Buda*, *Confúcio*, *Jesus Cristo* e outros, que ao ocuparem-se dos problemas dos seus “irmãos” ou da *Humanidade* o faziam por doação ao próximo e idealismo, honestidade e determinação, bondade e fraternidade sempre priorizando o bem comum ou coletivo.

Ao contrário do ocorrido com quase todos os fundadores das grandes religiões, constatamos que em nossos dias “donos” de “igrejas” se servem dos nomes daqueles, intitulam-se e servem-se de “bispos” e “pastores”, quase exclusivamente movidos pelo interesse material (bens e dinheiro), pelo *Poder* e pelo ego, quando sugam dízimos e “doações” de seus “fiéis”, na maior parte das vezes desesperados, ignorantes ou miseráveis.

Herdamos de profetas, místicos, filósofos e sábios de antanho muitas, ricas e variadas lendas – decerto todas elas nascidas dos já citados medos, das muitas dúvidas, dos variados mistérios e mitos – tudo ainda hoje impregnado de ritos, liturgias, práticas, magias e vícios, que um imaginativo “misticismo” especulativo, contemplativo e transcendente, até agora não conseguiu desvendar.

As mitologias podem ter sido o resultado de estados patológicos de êxtase ou delírio – individual e ou coletivo – de tempos em que o imaginário popular se apoderava e servia dos atos, fatos, boatos e relatos dos povos, para, a partir deles, “construir” tais mitos, ritos, ditos e escritos, alguns manuscritos em forma de verso (*Ilíada e Odisseia de Homero, séc. VIII/VII a.C.*), outros em prosa e todos hoje preciosas obras literárias histórico/ficcionais.

Entretanto – para melhor entender a cultura da época de proliferação das mitologias – devemos analisar com atenção as primeiras grandes obras artísticas e literárias da humanidade, como as belíssimas esculturas *Vénus*, as pinturas rupestres de *Ardèche* (França) e *Altamira* (Espanha), além de outras, bem como os muitos

livros de “*A Bíblia*” (desde *Gênesis* (séc. XV/XIII a.C. atribuído a Moisés), e além de obras como a “*Ilíada* e a *Odisseia*” de *Homero* (sec. VIII/VII a.C.), que retratam essa cultura.

Nos séculos seguintes, quando a cultura grega assombrava o mundo, foi a *trilogia de filósofos gregos* (*Sócrates, Platão, Aristóteles*) que, junto com seus poetas, mudaram o rumo da cultura, dando brilho à maravilhosa *Civilização Grego/romana*. Depois surgiram grandes obras de expressão mundial, como *Eneida* de *Virgílio*, *Lusíadas* de *Camões* e *Inferno* de *Dante*, ainda recheadas de lendas, mitos e alegorias metafóricas (Adamastor de Camões), mas já lastreadas em grandes fatos históricos, se bem que Dante seguisse roteiro diferente

Foram os muitos equívocos da *Humanidade* que, por razões não explicadas, contribuíram para que se imaginassem, proclamassem e registrassem muitas profecias, lendas e mitos; que se originassem tantas e tão diferentes teorias, na tentativa de resolver o insolúvel, de explicar o que por vezes é inexplicável, como, por exemplo, o *Céu* e o *Inferno*, o *Purgatório* e o *Paraíso*, os *anjos bons* e os *anjos maus*.

De todos os modos e desde há muitos milhares de anos, os nossos ancestrais professam suas crenças, adoram e pedem socorro a seus deuses, honram seus mortos, e tempos houve em que – alguns povos – sacrificaram cordeiros aos **deuses**, em tempos de graves “tempestades” e a título excepcional, lhes ofereciam em sacrifício uma jovem humana, pelo que não seríamos nós a condenar tudo e todos, até porque medos, dúvidas, crenças e superstições **persistem**, e a ignorância e insensibilidade dos povos permanece.

Apesar de todas as religiões terem tido suas mazelas, e de seus crentes por vezes fazerem dos livros sagrados leituras e interpretações distorcidas, muitas vezes opostas – não podemos esquecer que são assim os homens, e assim é a *Humanidade* – pois as religiões permanecem de pé por sua disciplina, por seu misticismo, pela hierarquia, pela “fé” dos crentes. Daí a necessidade de diálogo, de tolerância, de compreensão, de entendimento.

Na realidade – e um pouco por todo o mundo – encontramos exemplos concretos de lugares de culto de povos e comunidades, onde os “*deuses*” da antiguidade resistiram ao tempo, tendo sido incorporados em novas seitas ou “religiões”, e passado a ser festejados em celebrações mistas profano/religiosas como ocorre com *Carnaval*, Natal e muitas outras.

Impulsionado por uma nata e vigorosa imaginação criadora, atributo, caractere e fruto da nascente inteligência – desenvolvidas, cultivadas, aperfeiçoadas, transmitidas e perpetuadas por sociedades primitivas, mas já tolerantes, livres e complacentes – as celebrações animistas e ainda certas práticas de **magia** acabaram-se enraizando em muitos dos povos do *Globo* chegando até nos.

Pelos dados e motivos antes apontados, sobram-nos razões para respeitar os crentes, suas crenças, mitos e religiões, seus deuses quando vários ou seu *Deus* quando único, tendo em conta que nos referimos a seres como nós, cujos sentimentos terão tido as mesmas causas, semelhantes motivos ou iguais razões e, para eles, a mesma importância que os nossos sentimentos para nós; do mesmo modo devemos valorizar a sua inteligência, a sua intuição e o seu misticismo, bem como a sua religiosidade quando existem sinceridade de propósitos, boas intenções e dignidade.

Tribos e Etnias

No início da década de sessenta, como comandante de uma companhia reforçada (cerce de 200 homens) do Exército português, convivi em Olivença – extremo *Noroeste de Moçambique*, cerca de 30 km a Sul da Tanzânia e do rio *Rovuma*, 20 km do *Lago Niassa* e 10 km do rio *Messinge* – com povos *maravi ou malawi*, das tribos *ajáua e nyanja*, além de *matengos* oriundos das montanhas do *Oeste da Tanzânia* que fazem divisa com o lago Niassa.

Entre os nativos eram vedados os casamentos de jovens do mesmo clã; viviam de modo semelhante a seus antepassados de há

centenas de anos e tinham como residências palhotas ou cubatas circulares, de pau a pique e sem divisões, cobertas por capim e bem construídas por eles próprios; apenas cultivavam milho e mandioca, levados do Brasil nas naus e caravelas lusitanas; da mandioca fabricavam uma bebida alcólica, branca e pastosa, que aliviava os idosos das dores da doença do somo. Além da caça e da pesca, comiam gafanhotos, formigas, roedores e outros animais.

Os nativos *maravi* ou *malawi* – da grande tribo do mesmo nome oriundos da *margem Ocidental* do *lago Malawi* – eram negros de várias tonalidades já muito miscigenados entre si, que cerca dos anos mil haviam sido visitados, praticado o escambo e sido doutrinados por árabes muçulmanos, dos quais adotaram alguns costumes especialmente os que mais lhes agradavam, como fosse – para os régulos, chefes de grupos de povoações e de aldeias – a manutenção das quatro esposas permitidas pelo islamismo.

Povos muito supersticiosos, os *maravi* ou *malawi* eram guerreiros natos, arrojados, mas muito tementes das tempestades tropicais, com trovões assustadores e relâmpagos que cegavam; para eles as tempestades tropicais e outros fenômenos naturais, eram sérios avisos ou sinais enviados pelos *espíritos*, como o eram quaisquer ocorrências telúricas como as secas e outros acontecimentos que provocavam tragédias.

Tímidos, atenciosos e desconfiados, os nativos recebiam acima de tudo o desconhecido; religiosos ou supersticiosos (místicos?) à sua maneira, praticavam a sua religião discretamente, em silêncio e isolados, em meditação contemplativa mística; enterravam seus mortos em pequenos túneis laterais no fundo de covas mas jamais os vi adorar algo ou alguém.

Entre as mais de duas mil almas, com as quais partilhei ordeira, pacífica e fraternalmente os cerca de sete meses passados em Olivença – posto sem qualquer sinal de progresso a 30 km da fronteira da *Tanzânia* e do *lago Niassa* – e com quem contactava diuturnamente na aldeia local (hoje Lupilichì), jamais encontrei

alguém de má índole, agressiva, grosseira ou violenta. De salientar que mantinham impecável higiene pessoal e coletiva.

Os nativos de *Oliveença* eram discretamente comandados pelo velho régulo (cacique), único morador com casa, grande pátio e pequenas palhotas nos cantos, e os pouco mais de mil habitantes da aldeia sede do regulado – composto por mais quatro pequenas comunidades de entre cento e cinquenta a quatrocentos habitantes – eram ordeiros e amigos, atendiam a tudo quanto lhes fosse solicitado e mantiveram com os militares da companhia (quase duzentos) a melhor das relações.

Na primeira patrulha que fiz ao planalto (c. 1.200 m) da montanha que separa *Oliveença* do *Lago Niassa* e é prolongamento para Sul das *Terras Altas de Songea* (Tanzânia), encontrei ali uma aldeia de povos *matengos*, decerto trazidos da Tanzânia pelos guerrilheiros para lhes darem apoio logístico; não eram cadastrados pelas autoridades locais sendo ignorados pelo Exército. A serra tem de dez a quinze quilômetros de largura e picos de 1800 m, e separa o vale do rio *Messinge* (Oliveença) do *Lago Niassa*. Servia de itinerário de infiltração da guerrilha no sentido Sul.

Os *matengos* – além de ali terem sido instalados com a finalidade de prestar informações e apoio logístico aos guerrilheiros, cuja linha de infiltração passava pelo local – eram para os guerrilheiros amigos e aliados em zona “libertada”. Tribo mais evoluída que os *maravi*, cultivavam café, e pareciam viver muito bem naquele lugar, aparentemente quase sem alimentos ou outros recursos, pois até mesmo os ramos de árvores, o cipó e o capim para as cubatas necessitavam ir colher no vale.

Quando em patrulha de reconhecimento subi a montanha – onde nenhum militar antes de nós tinha subido – tivemos que enfrentar um grupo guerrilheiro ali descansando e em trânsito para o Sul; resolvido o problema decidi transferir toda a população (380 almas) para Oliveença, impedindo assim o seu envolvimento com os guerrilheiros e o apoio que lhes prestavam.

Antes da nossa partida de regresso a *Oliveira* com a população da aldeia, as trilhas e acessos foram armadilhados e as palhotas da aldeia queimadas, para que – nas frias e úmidas noites do lugar – não servissem de abrigo aos guerrilheiros em trânsito; depois rumamos com a população do local para a sede do posto administrativo e da *Companhia de Caçadores 73*, onde todos os **moradores**, com os recém **chegados**, construíram novas cubatas em uma semana, durante a qual foram alimentados pela companhia.

A *Companhia de Caçadores 73* já vinha dando apoio alimentar aos cerca de mil moradores, agora estendido aos 380 *matengos* cujas famílias eram formadas por elementos mais jovens que os *nyanjias/ajáuas*; os moradores locais eram quase exclusivamente constituídos por mulheres, homens de meia idade e idosos, dado que os jovens, não podendo “casar” com mulheres do clã, já antes tinham “emigrado” para esse fim, fato agravado por terem sido depois atraídos, recrutados ou “requisitados” pela guerrilha.

A Civilização Romana Ocidental e Cristã

O vocábulo *Deus* grafado com D maiúsculo reporta-se ao *Deus das religiões monoteístas, Espírito dos Espíritos, Ente Supremo e Universal*, para nós *Único* que, segundo a Bíblia: “*Criou o homem à sua semelhança*. Em contrapartida esse mesmo homem – nas mesmas circunstâncias – O terá imaginado, “criado e ou *construído à sua própria imagem e semelhança*”, daí resultando a “razão” de ter acolhido, considerado ou visto em *Jesus Cristo o Messias* como seu *Deus* feito Homem.

Nascidos, criados, educados e instruídos na designada *Civilização Ocidental e Cristã*, somos algo do fruto resultante de sua cultura, de seus fundamentos, consequência de seus ensinamentos, obra de seus *Mandamentos* e muitas vezes instrumento de seus *paramentos*, por habitar-mos e nos protegermos na sua *estrutura* que decerto terá virtudes e defeitos, com os quais – se não estivermos

satisfeitos – sempre poderemos mudar de abrigo, mas naturalmente para enfrentar outros pleitos.

Sendo a nossa *Civilização* de origem *helénico/latina* ou *grego/romana*, com “retoques” godo/germânicos e árabes – a caminho de celebrar os três milênios de existência – os lusitanos, ao longo desses séculos, navegaram nos *caravos fenício/mediterrânicos* que antecederam e inspiraram as lusitanas caravelas.

Tendo assentado arraiais entre as colunas e pilares gregos, circulado pelas vias ou estradas romanas que cortavam a Europa, ciciado a sede com a água dos viadutos dos legionários; lutado com espadas de ferro e aço godo/germânicas e degustado a sua cerveja. Este será o caldo da cultura recebida ao longo dos séculos pelos membros das famílias da Lusitânia vindos a colonizar as *Terras de Santa Cruz*.

Para enfrentar nossa luta alimentamo-nos nas hortas e pomares *mouriscos*, temperando as saladas com azeites sarracenos; deliciamo-nos com as especiarias da *Índia* mas repudiando as suas castas; matamos a fome com o milho, tubérculos, tomates e feijões *Sul Americanos* nativos, logo pelo mundo disseminados pelas naus e caravelas de Cabral; entramos em êxtase com vinhos e outras essências vínicas, provenientes de cepas ou castas oriundas de Creta, mas cultivadas na *Ilha da Madeira* e no vale do *Rio Douro*.

Como alimento da alma lemos *Homero, Platão, Aristóteles, Virgílio, Camões, Dante e Goethe*, entre muitos outros autores; estudamos e seguimos os *Princípios* e as *Teorias Sociais, Filosóficas e Religiosas de Buda, Confúcio e Jesus Cristo*; devoramos a filosofia helenística, assistimos a comédias e tragédias gregas; deciframos os hieróglifos faraônicos e estudamos a sua religião monoteísta, para melhor compreender *Moisés*; por fim consultamos *Shakespeare* para tentar entender o drama de Hamlet “*to be, or not to be*”, hesitando entre vingar ou não vingar a morte do pai.

No contexto atrás exposto – e sendo cristãos – completamos nossas atividades culturais com uns poucos preceitos religiosos, que

sendo cultura expressam sentimento de solidariedade e fraternidade humanas, com pitadas de justiça social; somos aconselhados e orientados pelas teorias sócio/filosófico/religiosas antes expostas, sempre sensatas, humanas e humanistas.

Somos de opinião de que o problema da *Existência de Deus* é suficientemente profundo, importante e sério para ser abordado, estudado, discutido ou até contestado, mas sempre com a maior seriedade e respeito que a todos merece. E a nossa fiel companheira e prudente conselheira – a consciência – sempre nos indicará o bom caminho a seguir, a trilha a palmilhar ou a cruz a carregar, mesmo que seja a do *Calvário*.

Definitivamente o *Deus dos homens* não poderia deixar de ser também, ainda e sempre o *Deus de todos os outros seres vivos, bem como dos mortos, ou o Deus da Terra, do Sol e da Lua; o Deus das águas, dos ventos e do fogo, o Deus dos bons e dos maus, o Deus do passado, do presente e do futuro, o Deus da abundância e da miséria, o Deus dos inteligentes e dos pobres de espírito, o Deus dos ricos e dos pobres, o que vale dizer o Deus da Humanidade e do Todo Universal*.

Quando imaginamos, admitimos ou cremos na existência de um único *Deus*, desejamos um *Ente Supremo sábio e justo, perfeito e bom, onisciente e omnipresente*, até certo ponto, em parte ou completamente identificado com a nossa *Mãe Natureza*, mas algo diferente do imaginado e propalado *Ente Sagrado dos crentes* das religiões monoteístas, no que os seguidores *Lhe* atribuem quanto a *castigos e penas, penitências e novenas, Céus e Infernos*.

A imagem do *meu Deus* pessoal ou particular, na realidade não corresponde inteira nem rigorosamente aquele “*Deus*” por vezes algo folclórico que muitos crentes adotaram, cultuam e endeusam, como *Ser Supremo e Objeto* de suas crenças, devoções e cultos. Mesmo assim e perante tal hipótese, nenhum de nós terá o direito de menosprezar esses crentes ou de condenar suas religiões e suas crenças, que remontam a milênios antes de nós, altura em que outro era o viver, o imaginar e o crer, portanto outros eram **os crentes**.

Com a atual proliferação interesseira de “igrejas”, seitas e ou “religiões” – em busca do dízimo do rendimento dos crentes – que estão surgindo e se expandindo por todo o *Globo*, e que acabam por – lamentavelmente – atrair as classes menos favorecidas, que são normalmente as pessoas mais ignorantes, atrasadas, sugestionáveis portanto menos evoluídas, e em certos casos em situação de miséria, atraídas por falácias e falsas promessas, vivemos uma nova era de trevas e retrocesso com o agravamento da exploração do homem pelo homem: “*Homo, Homini Lupus*”.

Ao contrário do que ocorreu em tempos idos, com *Buda*, *Confúcio*, *Jesus Cristo* e alguns outros grandes místicos, idealistas fundadores de religiões, hoje assistimos a degradadas cenas de surrealismo explícito, em que “oradores” e ou “apresentadores” de sessões ou programas de auditório, se valem de todos os truques de cenário, mímica e linguagem para atrair os incautos que, desprevenidos e **desesperançados**, buscam apoio **psicológico e moral e conforto Espiritual**.

Entretanto algum benefício e ou bem-estar devem colher os frequentadores dos novos templos e cultos, uma vez que o fazem por iniciativa própria, voluntariamente, do mesmo modo que participam de transmissões ao vivo expondo-se e relatando suas experiências, pagam os dízimos apesar de pobres e necessitados, que por vezes fazem doações de seus poucos bens, que mais tarde, vendo-se ludibriados, recuperam em juízo.

As opiniões atrás descritas não representam o menor desrespeito por quem quer que seja, até mesmo porque os adultos são livres para seguir políticas ou religiões, ideias ou opiniões, bandeiras ou pendões, liberdade essa que apenas e só termina quando – e se – colidir com a liberdade ou direito de outrem, como por exemplo seus herdeiros ou companheiros.

CAPÍTULO TERCEIRO

Degenerescência

“Homens e mulheres, desde o alvorecer da consciência humana, consideram o mundo sobrenatural com um misto de respeito, medo e esperança, e procuram harmonizar com ele a vida.....mesmo o homem pré-histórico parece ter compartilhado a mais forte de todas as ideias religiosas: a crença numa vida futura para além da morte física. Os vestígios de cerimônias fúnebres e a provisão de utensílios, alimentos e armas para uso dos mortos na sua viagem para a outra vida remontam ao Homem de Neandertal (200.000/100.000 anos a.C.)

(in “História do Homem”, Reader Digest, 1978, pag. 204)

“Eterno era apenas o Cosmos, sucessão de mundos que nascem, evoluem, declinam, morrem e renascem da mesma matéria, e das mesmas forças, num ciclo sem fim. Essa especulação cosmológica ao tempo de Sidarta (Buda), era relativamente nova. Temos notícia dela na Índia, pela primeira vez, nos Upanishad, apêndices dos Vedas (livros sagrados dos brâmanes), que começaram a ser escritos cerca do ano 800 antes de Jesus Cristo”.

(in, “Buda”)

Operação inversa da incorporação ou encarnação – quando se verifica a criação e o crescimento dos seres humanos através do aumento das estruturas da matéria, obra das partículas elementares fundamentais subatômicas e *Espirituais* – a *Degenerescência* consiste **exatamente na** operação oposta, que é a libertação lenta e progressiva dessas partículas, que do mesmo modo vão regressado ao seu estado.

Os idosos tomam consciência da Degenerescência, quando essa operação é desencadeada ou está em andamento, através das alterações físicas, mentais

e ou psicológicas que ela normalmente provoca. E para fazer face a essa circunstância, que normalmente dificulta ou impede a continuação do trabalho profissional, existe a aposentadoria que na *Terceira Idade* isenta os idosos dessa ocupação que vinham executando.

“A mais grata, mais reconfortante, maior e melhor compensação que um idoso pode almejar ao despedir-se da Terra, será poder olhar para trás e nada encontrar de que possa arrepende-se, envergonhar-se ou manchar o nome da sua família”.

J.V.

A Terceira Idade – Os Idosos

Se a *Primeira Idade* foi (ou é), após o nascimento, a fase de crescimento físico, evolução mental e enriquecimento cultural do **Ser Humano**, e a *Segunda* o período de realização pessoal, profissional e familiar dos seres humanos, a *Terceira Idade* consiste no “*Repouso do Guerreiro*”, que será o encerramento com chave de ouro da *Experiência humana dos Seres Espirituais no Globo Terrestre*.

Para um período de vida ou *Existência* normal, e na eventualidade de a *Primeira Idade* se prolongar até cerca dos 25 anos e a *Segunda* até os 65, e dada a atual esperança de vida nas regiões mais evoluídas, poderá a *Terceira Idade* prolongar-se em boas condições até os 80/85 **anos**, fato já hoje normal nos chamados países do *Primeiro Mundo* ou equiparados.

A pragmática visão do Homem, do mundo, da (*V*)ida e das (*v*)idas aqui apresentada, considerando uma formação superior para os jovens antes dos 25 anos e a constituição da família e o período de trabalho profissional ativo e produtivo na *Meia Idade* durante 40 anos, levará os humanos a uma *Terceira Idade* em condições de a viver plenamente, uso fruindo daquilo que suas condições permitirem, em

especial de alguns dos prazeres da *Existência*, do convívio com companheiros e amigos e do amor e carinho de familiares.

Uma vez adulto, deve o cidadão do melhor modo que lhe for possível, tentar retribuir à família, à sociedade e ou ao Estado – se for o caso – o muito que deles recebeu até **então**, especialmente a criação e a educação/formação, que lhe propiciaram condições para enfrentar da melhor maneira a *experiência humana* no *Globo Terrestre*.

No homem a *Degenerescência* – reduzindo-lhe progressivamente a resistência física, tolhendo-lhe os movimentos, dificultando-lhe tarefas, condicionando a atividade profissional e pessoal, até por vezes chegar à imobilidade e incapacidade **totais**, ou limitando-lhe o intelecto – é um processo natural incontornável, que no seu término acabará por conduzir ao final da experiência humana dos *Seres Espirituais* que é a *Existência*.

O processo de degeneração naturalmente nos conduz mais ou menos lentamente à morte física, pela falência sequencial, final e total dos órgãos, da qual resultam também as mortes mental ou cerebral e espiritual; trata-se do caminho inverso ou em sentido contrário ao da *Essência*, pois agora ocorre o “regresso” das partículas elementares fundamentais e *Espirituais* às suas origens.

A *Degenerescência* nos humanos é, em condições normais, iniciada após a *Meia Idade* sendo consequência de um processo de desgaste generalizado e progressivo – físico, intelectual e psicológico – mas relativamente lento, durante o qual o corpo vai sofrendo perdas irreparáveis, que diminuem as suas capacidades afetando, respectivamente, as estruturas da matéria, as atividades físicas e as funções cerebrais e **ou intelectual**.

O Caso da Existência

Ao “crescimento” dos seres e após o apogeu dos **30/60** anos, segue-se fatalmente a inversão da fase anterior, que é substituída pela

oposta, a qual, aliás, acontece com todos os seres vivos, operação que se deve ao desgaste da matéria corporal, ao enfraquecimento das “estruturas” de membros, aparelhos e órgãos humanos e à deterioração dos elementos que os compõem, fatos que **só não** ocorrem nas perenes partículas elementares *Espirituais*.

Fator de decadência física, intelectual e ou mental, a *Degenerescência* – como já dissemos – consiste num processo de desgaste que fatalmente conduz à morte das estruturas de matéria, componentes dos tecidos, músculos, órgãos e aparelhos, ocasionando a perda das funções iniciais desses elementos do corpo, e ainda dos caracteres da mente/intelecto do ser humano, levando à morte de ambos.

Todos – e tudo quanto e quando nasce – estarão inapelavelmente “condenados” à morte, quer se trate dos estratosféricos e colossais astros, das minúsculas células e protozoários, das árvores gigantes ou das ínfimas sementes, dos enormes elefantes ou dos invisíveis e perigosos vírus; por isso o fim da vida corporal no *Globo Terrestre* terá que ser encarado – pura e simplesmente – como consequência natural do nascimento.

O vocábulo morte – entre todos os outros ‘sinônimos’ de “final da vida” – merece destaque especial por se tratar de uma ocorrência dramática, trágica e fulcral para os seres humanos, sendo assunto tabu para muitas pessoas e comunidades e motivo de incômodo, medo ou repulsa para muitas outras, apesar de abordar fenômeno incontornável, natural e comum a todos os seres vivos.

Entretanto esse vocábulo morte pode utilizar-se não apenas referindo-se aos animais, como ainda e também aos vegetais e minerais – *os três antigos reinos da Natureza* – pois é sabido que até as rochas ‘nascem’ e ‘morrem’, depois de ‘crescerem’ lentamente durante séculos e ou milênios, como é o caso dos duros e quase indestrutíveis diamantes.

Com a “morte” humana que muitas vezes acontece ou chega inesperadamente – portanto sem aviso prévio – acontece ou ocorre

o desmoronar e fim das estruturas da matéria que nos dá forma, e para grande parte dos humanos – que da morte física e ou terrena têm pavor – o temor da morte e destino final serão a maior tortura, apesar de ser seqüência e consequência do “nascimento”.

Como consequência do nascimento – também este ocorrido em momento mal definido, que tanto pode considerar-se simultâneo com a formação do óvulo e ou do espermatozoide, acontecer com o ato da concepção ou no momento da saída do ventre materno – a morte pode ser o final, o meio ou o início de uma fase da (*V*)ida dos *Seres Espirituais* sendo, embora, o final da *sua experiência sob a forma humana*, ou seja o fim da vida terrena.

Os corpos *Infinitamente Pequenos* – muito em especial as partículas elementares fundamentais e *Espirituais* – serão praticamente imateriais como já dissemos, invisíveis e apenas perceptíveis por seus movimentos, observados em certas condições e através de aparelhos especiais; enfatizamos que constituem partículas consideradas sem massa, forma ou peso e que podem não ocupar espaço, talvez dadas as suas volatilidade e instabilidade.

No que diz respeito à generalidade das partículas subatômicas assim definidas – *quarks, neutrinos, elétrons, neutrões, prótons* e outras – uma vez agregadas em estruturas fazendo patê da matéria dos corpos, estes com “formas” e composições relativamente estáveis, integrando átomos, moléculas e corpos em que se agrupam; de tais partículas quase tudo ignoramos quando se encontram agregadas.

Como já enfatizamos, são as partículas elementares fundamentais e *Espirituais* – quer se encontrem agregadas em estruturas de matéria dos corpos, fazendo parte de átomos e moléculas ou “livres” na *Natureza* – que constituem, formam ou encorpam todo o incomensurável e inimaginável colosso sideral que é o Universo, em movimento constante e permanente mudança, por ser relativamente instável, estar sempre em expansão e sujeito às muitas e poderosas *Forças da Natureza*.

No **que se refere** às *Galáxias*, admite-se que qualquer de seus astros componentes pode a qualquer momento ‘modificar-se’, assumindo a forma de estrelas, cometas, planetas, nebulosas, buracos negros e ou quaisquer outras formações siderais que povoam e ou ocupam o espaço cósmico.

O princípio que caracteriza uma materialidade relativamente inalterável, constante e ou permanente na *Natureza*, embora podendo manter uma completa, total e geral evolução, deve-se – repetimos – a Lavoisier: “*Na Natureza nada se perde, nada se cria, tudo se transforma*”; assim, como todos os corpos relativamente estáveis são compostos, e formados por estruturas atômicas, as suas transformações serão provavelmente regulares.

O Ciclo Vital

O ciclo título – *Nascimento, Existência, Degenerescência*, englobará ainda a “*morte*” e a reencarnação – sendo definido, considerado ou tido como o conjunto das fases da (*v*)*ida* terrena, mas será como uma espécie de *Roda da Vida Espiritual*, círculo ou ciclo caraterístico da constante evolução de corpos e mentes, de *Almas* e *Espíritos*, de racionais e irracionais, até mesmo de minerais e vegetais, uma vez que de tudo e de todos fazem parte os *Elétrons Espirituais*.

Abordadas como teses (probabilidades) não provadas e ou não demonstradas, algumas temáticas deste ensaio, por sua complexidade e transcendência, exigem – para serem apresentadas ao público – desprendimento e ousadia, face às arraigadas crenças fundamentalistas de fanáticos existentes entre as populações, que normalmente se valem do trabalho de outrem para serem notados.

Assim sendo, apresentando esta obra ao público e tendo em conta preceitos, conceitos e preconceitos das pessoas intolerantes, recalcitrantes ou conflituosas, mais uma vez esclarecemos que

muitos dos temas aqui apresentados são ensaios especulativos, estudos e pesquisas que necessitam de conclusão e comprovação.

Tendo em consideração o extremismo, o fanatismo ou fundamentalismo e a cegueira de alguns seguidores de seitas, crenças e até mesmo “religiões” – recentes ou antigas – e mais ou menos espalhadas pelo Globo, por vezes imbuídos de ideias condenáveis, contradições inexplicáveis, liturgias sumptuosas e descabidas, mas profundamente enraizadas nas mentes de alguns desses seguidores, há que estar acautelado contra-ataques, retaliações ou vinganças.

Reconhecemos, entretanto, que muitos povos crentes das várias religiões são quase sempre refratários a mudanças – até mesmo resistentes a qualquer possibilidade de mudança de opinião, retificação de suas crenças, ideias ou práticas ancestrais – tendo grandes dificuldades na sua abordagem decerto devido ao receio da reação de seus companheiros ou superiores, à simples apatia e ou a mera superstição. Afinal o hábito e a tradição têm muita força.

O conceito genérico ou mais comum atribuído às palavras *vida* e *viver*, entre as pessoas mais simples ou de pouca instrução – exceto quando relatam ou se referem a ocorrências inesperadas, pouco usuais ou menos felizes – reporta-se à rotina do dia a dia própria de uma existência humilde à face da Terra, e são geralmente expressas através de frases que mostram desalento tais como: “*são coisas da vida; é a vida; a vida é assim mesmo*”.

Do mesmo modo quando alguém se sente incomodado com a intromissão em seus assuntos pessoais, é comum ouvir-lhe dizer: “*trata da tua vida; não te metas na minha vida; a vida é um vale de lágrimas; a minha vida é um tormento; mulher de má vida; tens uma boa vida; viver é lutar; a minha vida não é fácil*”, além de muitas expressões de semelhante conteúdo, referentes a situações em que o significado do vocábulo se limita, quase sempre, a simples casos do quotidiano.

Nascimento, Vida e Morte, ou Essência, Existência e Degenerescência, vocábulos por vezes enigmáticos, perturbadores e para muitos confusos, por expressarem ideias e conceitos deficientemente

esclarecidos e ou mal definidos, complexos e polémicos, rodeados de incertezas, mistérios e misticismos, além de ensombrados por práticas e ligações absurdas e condenáveis, muitas vezes por magias negras e crimes violentos e cruéis.

Essência, Existência e Degenerescência – vocábulos que traduzem as ideias de começo/origem, meio/vida e fraqueza/fim, mas na realidade *início, percurso e ocaso*, respetivamente, como ocorre todos os dias com o movimento aparente do Sol e de rotação diária da Terra, mensalmente com as fases da Lua e anualmente com a translação da Terra; são temas e conceitos “sentidos e vividos” no dia a dia dos humanos mas sempre por eles mal digeridos.

Entretanto a ideia de morte torna-se mais presente e insistente nos idosos, quando mais próximo sentem o fim da “*vida*”, por mais fortes serem os sinais e sintomas de decrepitude devidos ao desgaste e ao cansaço físico, mental, psíquico e psicológico, consequência de uma longa e por vezes penosa *Existência* à face da Terra.

O já referido viver terreno do *Ser Espiritual sob a forma humana* torna-o um *Ente bipolar*, a partir do momento em que as partículas elementares *Espirituais* se agregam para a formação das estruturas da matéria dos corpos – eles próprios *seres ternários* (Espírito, Alma, corpo) – assumindo características como forma, rigidez ou consistência e talvez massa, peso e outras, sem perder caracteres ou deixar de ser *Espírito* – que continuam sendo no corpo humano, do qual se desagregam com a morte deste.

A Morte – Começo, Meio ou Fim?

Será, pois, ao aproximar-se o “*fim da vida*” – ou próximo do início de um novo ciclo de vida, em novo ambiente e por óbvios e reais motivos – que os “mortais” idosos mais sentem e mais sofrem com esse “*fim de vida terrena*”, que na realidade coincidirá com o regresso à Natureza das partículas *Espirituais* identificadas (quem

sabe se confundidas) com a *Alma*, por cujo “destino” muitos crentes se preocupam, por receio daquilo que à morte se seguirá.

Com a aproximação do término da vida terrena, é natural e normal a especulação acerca da possibilidade da existência de “*uma outra vida*” depois da “*morte*”, o que vale dizer, sobre a existência da *Eternidade*, ou até mesmo dos fantásticos e ou fantasiosos Céu ou Paraíso, Purgatório e **Infernos de** que nos falavam – ou ainda falam – algumas religiões e as muitas seitas.

Como resultado das dúvidas, incertezas e preocupações atrás referidas e das intranquilidade, insegurança e ansiedade daí advindas; face à ignorância do que o futuro nos reserva e ainda como obra da imaginação – a que os seres humanos recorrem para tentar encontrar respostas – devem ter surgido as seitas e a magia, certas crenças e mitos, além do *Céu*, *Purgatório* e *Inferno*, “soluções” que os povos de outros tempos, outras culturas e outras circunstâncias encontraram para “enganar” a superstição e o medo.

Coincidência ou consequência do que atrás relatamos, começaram a espalhar-se um pouco por toda a parte objetos de culto a que já nos referimos, dos quais destacamos os “*campos santos*”, locais onde se ofereciam em sacrifício aos deuses as vidas de puros cordeiros (cordeiros de deus), e por vezes e em circunstâncias, ocasiões ou por razões muito especiais sacrifícios humanos, tudo isso alicerçado em confusos, contraditórios e “criminosos” sentimentos, cujas recordações nos fazem sentir envergonhados.

Foram os citados deuses mitológicos – idealizados um pouco (ou muito) à imagem e semelhança dos humanos – que os povos antigos “deificaram e adoraram”, não sem antes terem selecionado na Natureza alguns de seus componentes como objetos de culto, entre eles montes e vales, colos e desfiladeiros, árvores e animais, rochas e cursos de água, temas de que já nos ocupamos.

A busca e adoção pelos povos antigos de entes naturais, elevados a “sobrenaturais”, em explícito e expresso reconhecimento da *transcendência da Natureza* e dos elementos citados, deveu-se

decerto à notória e reconhecida fragilidade psicológica dos humanos, bem como à sua impotência perante os fenômenos telúricos, fragilidade que se agravava quando aqueles adoeciam, chegavam muito fragilizados à *Terceira Idade* ou se tornavam deficientes, incapazes, diminuídos ou dependentes.

Homem ou Animal(?)

Racionais e humanos somos, mas animais continuamos sendo, portanto beneficiados com os atributos ou caracteres da inteligência dos primeiros e diminuídos pelas características impulsivas e instintivas dos segundos. Seres *Bipolares*, encontramos-nos muitas vezes em situações extremadas e opostas, quando o terrível *demônio ou diabo mitológico* (inventado haverão cerca de cinco milênios na época de *Krishna*) empurra para a “esquerda”, e o simbólico anjo da guarda nos puxa para a “direita”, alturas em que, como sempre acontece, vence o mais forte.

Nas circunstâncias atrás apresentadas, o mais forte será aquele que mais atenção mereceu do carinho no “berço”, que mais e melhor se beneficiou da educação/formação, que mais tempo dedicou à pedagogia, que mais atento foi com os *mestres*, que mais estudou o conceito de fraternidade, que melhor entendeu a ideia de dignidade, enfim, aquele cuja sorte, fado ou “destino” lhe concedeu pais responsáveis e presentes, famílias dignas e carinhosas, mestres excelentes, bons vizinhos, companheiros dignos e especialmente uma comunidade idônea, solidária e decente.

Nas ocasiões e ou momentos em que o homem – considerado um ser racional – se deixa conduzir docilmente, abdicando da vontade e da razão, seguindo impulsos ou instintos descontrolados, tudo pode acontecer; nestas condições, não admira que em qualquer aglomerado de humanos, estes se comportem muitas vezes como ‘bando’ irracional desgovernado, chegando a agir em situações extremas como ‘manada’ acéfala e *tresmalhada*.

Em situações de pura abulia como as referidas – que ocorrem por vezes nas grandes aglomerações como manifestações de natureza política, nos estádios de futebol e suas imediações, contra grupos adversários ou até mesmo em protestos de natureza reivindicativa – os atos podem terminar na prática de vandalismo, destruição, violência e até em mortes.

Entretanto cumpre reiterar que a *Humanidade* constitui um todo multifacetado e ou diferenciado, onde nações, povos e comunidades são instáveis e algo sugestionáveis, e em que os seus membros e grupos se comportam muitas vezes ao sabor de apelos ou de modo imprevisível, deixando-se influenciar por falsos e estranhos líderes ou por modismos e ficando muitas vezes sujeitos aos citados irracionais impulsos e ou instintos animais.

A *História do Homem* encontra-se repleta de exemplos nos quais a violência feroz, impensada e ou instintiva, a irracionalidade incontida e a barbárie irrefletida imperaram: a invasão de Ivan, o *Terrível*, as guerras helênicas, as contendas entre Roma, a Gália e Cartago, as atrocidades do “Santo” Ofício ou “Santa” Inquisição, as atrocidades das campanhas napoleónicas, as duas brutais guerras mundiais, as duas bombas atômicas sobre o Japão, as guerras da Coreia, da Indochina, da Argélia e das colônias portuguesas constituem casos a não mais repetir.

Entre os citados enfrentamentos de extrema irracionalidade e violência, destacamos aqueles que causaram muita destruição, violência e morte, como as duas guerras mundiais com o lançamento de duas bombas atômicas, e as posteriores guerras da Coreia, da Indochina, da Argélia e de libertação das colônias portuguesas da África – *Guiné, Angola e Moçambique* – onde a cultura da guerra ainda prevalece, talvez devida aos mais de mil chefes da guerrilha promovidos a “generais” que se apoderaram dos Estados.

Mas não ficam por aí as calamidades do século XX. Os permanentes enfrentamentos entre Israel e os Árabes, o cruel terrorismo dos extremistas islâmicos, a tragédia em andamento na

Síria, a “destruição do Iraque e de um modo geral os ataques de fanáticos fundamentalistas ou de ideólogos extremados, provaram o quanto os homens podem ser **cruéis, capazes** de agir irracionalmente, tanto individualmente **como em grupo**.

Os militares, de um modo geral são cordatos, obedientes, disciplinados e cumpridores por formação, em especial quando enquadrados e em **serviço**; acatam automaticamente a voz de comando, tanto em instrução quanto em campanha, e sempre que o comandante ordena, **agem** prontamente; entre os combatentes raríssimos são os casos de desobediência, de deserção ou de reação às ordens superiores, e só mesmo as também raríssimas ordens ilegítimas e ou imorais podem ser contestadas.

O combatente – enquanto cidadão ou pessoa singular – quando é incorporado ou passa a fazer parte de uma “unidade” militar, de um grupo militarizado, de uma associação revolucionária ou até de qualquer “instituição” clandestina com fins ou objetivos bélicos nebulosos, perde a sua “identidade” pois, aderindo incondicionalmente ao grupo, a ele se adapta sujeitando-se às normas, prescrições e obrigações coletivas, nesses últimos casos sempre draconianas, por vezes violentas e cruéis.

Será decerto o estado de espírito dos aderentes – exacerbado pela adesão a um grupo sem lei nem ética, além do seu enquadramento e da cumplicidade daí resultante – que explicam, mas não justificam o crime, a violência, a ferocidade e a animalidade das ações e das guerras, estúpida e absurda prática das minorias armadas desde que o *Homo Habilis* passou a confeccionar artefatos para uso doméstico, logo depois adaptados à sua defesa e à luta contra os animais e os semelhantes, como o tacape dos índios da América.

O Nascimento e a Morte

“Nascer não é o início da (v)ida: é o início da morte; antes de nascer já era a (V)ida”.

(Florenzano Neto)

Os *Seres humanos* nascem com os gametas, que serão os primeiros seres vivos a incorporar *partículas elementares* e *Espirituais* à matéria corporal, e não mais tarde, quer seja no momento da fertilização ou no instante da saída do novo ser do ventre materno; deste modo vivemos e existimos a partir da formação dos referidos gametas, e não em qualquer outra ocasião; e morremos não com a morte física ou cerebral, mas, apenas e só, após a decomposição total do corpo e a libertação de todas as partículas *Espirituais* que antes o compunham e lhe “emprestavam a (*V*)ida.
(J.V.)

Parafraseando e ou parodiando *Lavoisier*, concluiríamos: “*Na Natureza nada se perde*”, muito se cria, transforma e copia, tudo se aproveita e nada se rejeita. Esta será a norma ou o uso e costume entre os mortais mais pragmáticos e menos escrupulosos, que são – no fundo – aqueles que acompanham e observam o movimento de rotação da *Terra*, fazem avançar a carruagem, tentam evitar a guerra e combatem a malandragem.

Os conceitos expostos nos parágrafos anteriores sobre nascimento, vida e morte, serão válidos para todos os animais cuja reprodução é semelhante aos seres em debate. Quanto aos vegetais – e dadas as várias modalidades de reprodução – semente, estaca, mergulho, enxerto e outras – e considerando as grandes diferenças entre plantas e animais, dispensamo-nos de mais considerações.

No que respeita aos minerais – também eles constituídos por partículas elementares ou fundamentais – e no campo da “reprodução”, serão eles também um caso aparte, sem interesse de maior neste momento. Entretanto cabe aqui enfatizar que tudo – e todos – na *mãe Natureza*, somos compostos de estruturas atômicas, e estas formadas pelas já tão faladas partículas elementares.

Nascer, crescer, viver, envelhecer e morrer serão, deste modo, as fases sequenciais e fundamentais da nossa *Existência*, que traduz a vida humana na Terra; são fases correspondentes a todos os períodos da nossa passagem pelo planeta, ou dos estágios de nossas vidas, de todos e de cada um, portanto momentos naturalmente muito importantes para os humanos, mas não determinantes da *Existência humana no Universo*, como um todo.

Jamais podemos esquecer que o *Ser Espiritual* na sua experiência humana – mercê de seus *Elétrons Espirituais* que “são” o seu *Espírito* – “nasce” para “viver”, “vive” para “morrer” e “morre” para de novo “nascer e viver”, completando um ou mais ciclos, que se iniciam no *Universo* a partir dos elementos subatômicos que se agregam em estruturas e passam à matéria humana, para de novo – com a *Degenerescência* – regressar ao *Universo* berço da (*V*)*ida Espiritual*, como a *Terra* é o berço da (*v*)*ida terrena*.

Enquanto *Seres Espirituais* os humanos vivem na *Terra* um tipo ou forma de (*v*)*ida* singular, peculiar e única, criado que foi por partículas *Espirituais* agregadas para a formação de estruturas de matéria; de notar que essas partículas elementares *Espirituais* parecem não sofrer transformações; o *Homem* “morre” *sem deixar de Existir*, regressando ao *Universo* para continuar “*Vivendo*” a *Vida do Espírito* que, nessa outra ‘*dimensão*’, já antes vinha sendo *Vivida*; e ambas poderão repetir-se através dos mesmos e ou outros *Elétrons Espirituais* segundo a tese de Jean Sharon que perfilhamos.

Recapitulando: aquilo a que vulgarmente designamos “nascimento” nada mais será do que uma mudança de estado ou situação, “ambiente” ou lugar, portanto alteração de status e ou fase da (*V*)*ida*; após o “nascimento”, o novo ser vivo passa a submeter-se a ações e transformações que lhe permitem crescer e reproduzir-se; em seguida e garantida a manutenção da espécie através da família ocorre o envelhecimento ou *Degenerescência*, que termina na *morte ou fim da vida humana*, uma vez que a (*V*)*ida Espiritual* continua através das “nossas” imortais partículas elementares e *Espirituais*.

Atribui-se a *Eurípedes* a frase:

“*Não nascer é o mesmo que morrer*”, decerto recordando que – se antes de nascer somos o “pó” a que *A Bíblia* se refere – não nascendo, permaneceremos iguais aquilo em que nos transformamos após a “morte”, altura em que regressamos ao ponto de partida, ou seja aquilo que antes fomos: não podemos esquecer: “*Do pó viemos e ao pó regressaremos*”.

O conteúdo de “*A Bíblia*” é um repositório de experiências e ou acúmulo de saber como conhecimento adquirido, que à sabedoria (saber usado com ética) conduzem, fruto de milênios de aprendizado, durante os quais *saber e sabedoria* se propagaram devido à transmissão oral dos bardos efetuada de aldeia em aldeia, em anotações sobre tabuinhas de barro, pergaminho e papiro, pelo que os livros serão a nossa memória, os nossos guias, as nossas fontes.

Entre os povos primitivos – e ainda hoje entre as tribos que mantém a cultura daqueles com as tradições milenares – os idosos são objeto de permanente atenção, admiração e respeito, quase veneração – precisamente por simbolizarem o passado e a tradição, saber e sabedoria, experiência e equilíbrio, sensatez e prudência, moderação e respeito, enfim, a honra e a dignidade.

Se bem que em menor grau do que nos ditos povos primitivos, em algumas das sociedades ditas civilizadas os idosos ainda gozam de estatuto próximo do que lhes é conferido pelas citadas tribos, isto quando essas sociedades ainda não foram contaminadas por certos modernismos, pela ausência de bons sentimentos, pelo egoísmo, pelo comodismo, pelo descaso ou até mesmo pelo desamor.

Grafamos com maiúscula o vocábulo relativo à perene (*V*)*ida Universal Espiritual dos Seres*, para diferenciá-la da breve e por vezes pouco nobre, ingrata e sofrida (*v*)*ida terrena sob a forma humana*, quando esta será apenas uma insignificante parcela da (*V*)*ida do Espírito* que em nós habita, através das perenes partículas *Espirituais*.

Serão decerto estas partículas que – agregando-se para a formação de estruturas de matéria dos corpos – nos darão forma e vida à superfície da Terra, desde a formação do espermatozoide ou do óvulo até o final da *Degenerescência*. Terminada esta fase que será a nossa missão terrena ou com ela coincidirá, as partículas e ou *Elétrons Espirituais* – que são perenes – prosseguem o seu próprio destino.

Na realidade – considerando e analisando ‘apenas’ o ato final da *Alma* no cérebro, que define a morte oficial dos seres humanos (a sua morte cerebral), sabemos que na “morte” do corpo podemos considerar não apenas uma, mas várias e distintas mortes (ou fases), ou seja **antes** da morte cerebral, dar-se-á a morte sequencial de aparelhos, órgãos, membros, músculos, nervos e outros “elementos” que vão morrendo contínua e lentamente.

Braz *Florenzano Netto*, abordando o tema de que estamos tratando, afirmou:

“Nascer não é o início da vida; é o início da morte. Antes de nascer já era a Vida”. Tem razão o filósofo: para morrer necessário é estar vivo, e neste caso, para estar vivo é indispensável ter nascido.

Ao interpretar a tese de *Florenzano Neto*, notamos a total, perfeita e completa concordância com o que pensamos e expusemos, porquanto, além de crermos que o “nascimento” dos seres humanos ocorre antes do momento da saída do ventre materno, igualmente aceitamos ser a (*V*)ida *Espiritual* composta pelo ciclo completo, com início na *Essência Universal*, seguindo-se a passagem pela *Terra* que é a *experiência humana* e terminando com o regresso às origens das partículas ou dos *Elétrons Espirituais*.

No que á (*V*)ida *Espiritual* concerne, admitimos que deve ter surgido com a *Criação do Universo* (núcleo, centro e origem da (*V*)ida e de todas as (*v*)idas), se porventura não foi antes essa (*V*)ida que promoveu a referida *Criação*. De qualquer modo será dessa (*V*)ida *Espiritual* inicial que se originaram todas as outras formas de (*v*)ida,

terrenas e “materiais”, de todos os *Seres*, de todos os corpos e de todos os elementos que formam o *Universo*.

Essência, Existência, Degenerescência e ou “*nascimento, vida e morte*”, sequência de fenômenos *Universais* e ou *Espirituais*, mas também físicos, terrenos e materiais, a um só tempo transcendentos e humanos, porque representam a *(V)ida eterna* e as possíveis várias *(v)idas* terrenas e temporais; e do conjunto de realidades sequenciais místicas e espirituais, mas também e ainda ocorrências metafísicas envolvendo os *Seres Espirituais* sob a forma humana, entre o incomensurável *Universo* e a relativamente pequena *Terra*, será nela que “*Os Seres Espirituais passam por uma experiência humana*”, podendo, entretanto ser duas ou mais, se houver reencarnação.

Essa será a “realidade” pela qual passamos, e que deve ser encarada muito a sério por todos os “mortais”, para que se compenetrem da singularidade da sua *transitória, insignificante, curta e por vezes mesquinha (v)ida terrena, face à perene, profunda e grandiosa (V)ida Espiritual*; e tomem consciência da frágil condição e dimensão humanas, versus *grandeza e perene (V)ida Espiritual Universal*; e considerem dever ser a *experiência humana no Globo Terrestre dos Seres Espirituais*, uma nobilíssima mas espinhosa missão do Homem a serviço do *Bem*, do *Justo* e da *Humanidade*.

POST FATIO

Com o presente ensaio, de natureza *filosófico/especulativa*, mas também e ainda *místico/ficcional*, almejamos – muito particularmente – chamar a atenção dos (as) leitores (as) e atrair os intelectuais para o tema, mas ainda trazer para o debate os assuntos nele abordados, no sentido de contribuir para que assuntos, matérias e temas que ainda são tabu deixem de o ser e – definitivamente – passem a franca, aberta, e seriamente ser discutidos em público e com frequência.

Na eventualidade de as matérias que aqui são abordadas passarem a constar de palestras, seminários, congressos e outros eventos culturais, com vistas a uma maior clarificação de tudo quanto neste livro se expõe – esperamos – todos ganhariam, incluindo autores, leitores, crentes, ateus, agnósticos, moderados, extremistas, tolerantes, fanáticos, clérigos e anticlericais. Afinal, é consenso universal que *da discussão, sempre emerge a luz*.

A idade do *Universo* é estimada em alguns bilhões de anos, a sua dimensão será incalculável ou inimaginável, e por se **encontrar em** constante expansão, evolução e ou transformação, as suas dimensões, constituição e ou composição serão alteradas, podendo ocorrer o nascimento ou morte de astros e galáxias, explosão e ou extinção de seus outros componentes, tudo isso a contribuir para uma constante instabilidade, característica que verificamos ocorrer **também no** *Globo Terrestre*.

Após o “nascimento” do *Universo* ter-se-iam formado as galáxias, com os astros, estrelas, planetas, cometas e nebulosas, e só mais tarde surgiria a *(v)ida*, com a atividade planetária material

derivada ou consequência da *(V)ida Espiritual Universal*, ou seja, das partículas elementares fundamentais subatômicas e *Espirituais*, mormente dos *Elétrons Espirituais* a que alude Jean Sharon no seu livro “*L`Ésprit, Cet`Inconnu*”.

A *(v)ida* no *Globo Terrestre* deve ter começado na água do mar (de que o soro é cópia) a uma temperatura acima da atual, decerto a partir das citadas partículas, que serão os mais simples seres vivos existentes, invisíveis e indivisíveis, constituídas por um só elemento e fundamentais por serem o fundamento, base ou origem de toda a matéria e de todos os corpos.

Admite-se que – após ter surgido nas águas salgadas e quentes sobre um vulcão do mar do Caribe, sob a forma de seres unicelulares – a *(v)ida* no *Globo Terrestre* teria progressivamente evoluído para seres pluricelulares cada vez mais complexos, como seres marinhos cada vez de maiores dimensões; em seguida e talvez com animais anfíbios, a *(v)ida* animal no Globo deve ter emigrado para a superfície terrestre, onde muito se desenvolveu, até chegar aos *mamíferos*, de cujos *Primates* – segundo a “*Teoria da Evolução das Espécies*” de Darwin – todos nós descendemos.

À *Criação do Homem* descrita em *Gênesis* e aqui transcrita, foi em 1950 dada uma inteligente interpretação pelo Papa Pio XII, e a sua versão publicada na Encíclica “*Humani Generis*”, na qual o pontífice admitiu que a *versão Bíblica* referida seria um relato “*simbólico, não devendo ser considerado como descrição científica da criação do gênero humano*”, tema que antes abordamos e relatamos em pormenor.

Longo terá sido o percurso da *(v)ida terrena* desde os primeiros seres vivos marinhos e os *bominídeos*, que há cerca de quatro ou cinco milhões de anos, e a partir do *Planalto Queniano* iniciaram a evolução já antes descrita, que os levaria às espécies *Homo* que muito evoluiu, a partir do início do aumento do cérebro que, partindo dos cerca de 500 mililitros do *Homo Erectus* atingiu os 1.500 atuais, a que devemos a gigantesca evolução cérebro/mental até o *Homo Sapiens Sapiens*,

Acreditamos que nesse cérebro ou mente, a *Alma* dos humanos – através do desenvolvimento do raciocínio, pensamento ou razão, com o aperfeiçoamento da imaginação criadora, aprofundar da intuição, refinação da consciência e o surgir de muitos outros e maravilhosos atributos ou caracteres mentais – lhes propiciam o acesso ao conhecimento ou saber e aos valores maiores da *Humanidade*, como a Dignidade e a Ética, valores esses que emergem e sobressaem da *cultura humana*, depois que a *Alma* teria atingido o status sobrenatural.

Deve ter sido o *Homo Sapiens Sapiens* que, observando o impressionante e misterioso *Espaço Sideral*, perscrutando os astros, analisando os fenômenos telúricos com suas ocorrências e trágicas consequências, teria tomado consciência da sequência dos dias e das noites, das quatro estações do ano, das fases da Lua, das inundações e das secas, enfim, das surpresas da vida e do mistério da morte; só então o *Homem* teria chegado à conclusão de que acima dele, *Algo* ou *Alguém* teria que existir, “*para governar, dirigir, orientar ou de algum modo superintender os fenômenos do Universo*”. E teria sido a partir desse momento que o Homem começou a imaginar o seu *Ente Divino*.

Na realidade e para o homem primitivo, o *Mundo, Universo ou Cosmos* surgia o grandioso, misterioso, perigoso e complexo, apesar de funcionar regular e perfeitamente, com os dias e as noites, as estações do ano frias e quentes, apresentando periódicas chuvas, secas, tempestades, relâmpagos e trovões, dilúvios e inundações, o que levou o *Ser Humano* a concluir, que tudo isso não poderia ocorrer sem que *Alguém* dirigisse, decidisse, coordenasse, orientasse ou comandasse.

Foi, pois, nos seus primeiros tempos, que os humanos passaram da surpresa à curiosidade e da ignorância à dúvida, altura em que destes estados de espírito angustiantes que o atormentavam, decerto nasceu o medo, que passou a superstição, sentimentos e ou sensações a reclamarem explicações, soluções, apoio, proteção e ajuda, socorro que apenas e só “*entes*” superiores aos humanos lhes poderiam prestar.

Perante tais circunstâncias e face aos sentimentos referidos, estavam definitivamente criadas todas as condições necessárias, e suficientes, para que os seres humanos – desorientados, inseguros, apavorados – imaginassem, inventassem ou “criassem” os deuses seus “aliados” – e tal como ainda hoje ocorre, gerassem “monstros” *dos quais passaram a depender*, barganhando e promovendo negociações.

Com o passar do tempo os humanos devem ter-se desapontado com essas criaturas, pelo que devem ter pensado em um *Ser* mais sofisticado, mais cumpridor, honesto e confiável, até porque precisavam de um verdadeiro *Ente* protetor, e os iniciais “deuses” – metade “sagrados” e metade humanos – não cumpriam suas obrigações nem satisfaziam as suas “promessas”.

Terá sido pelas razões e para os fins apontados, que as comunidades “desenharam” e “criaram” um novo “anjo da guarda”, um *Ser* realmente amigo e protetor contra as feras, tempestades, inundações, raios e trovões, e para distingui-lo dos muitos “deuses” das mitologias, escolheu para representá-lo acidentes geográficos como montanhas, rios, rochas e outros, além de árvores e animais. São dessa época (III e II milênios a.C.) a Serra de Cintra (*Cyntia*=*Lua*), os Montes Santos, os Menir, Cromlek, Campos Santos e Antas nas elevações.

Com a evolução da *Humanidade* e da cultura, foram surgindo magos e profetas, sábios e filósofos, místicos e doutrinadores, alguns dos quais imaginaram e elaboraram teorias e doutrinas, filosofias e mandamentos mais elaborados, que culminaram na criação das religiões, sempre – e em tese – visando o benefício das populações, mas em alguns casos com teorias não necessariamente humanistas no sentido em que hoje as interpretamos.

Foi no *Oriente Próximo*, primeiro, e mais tarde no *Médio* e no *Extremo Oriente* – origens e nascedouro das primeiras civilizações que o mundo conheceu – que também acabaram por se revelar os primeiros grandes idealizadores, criadores e fundadores de *Teorias Filosóficas, Morais, Sociais* ou *Religiosas*. Entre os mais antigos dos

profetas “históricos”, e alguns talvez mais mitológicos que reais, citamos “*Krishna*” (III/II milênios a.C.), “*Brahma*” (II a.C.), “*Moisés*” (sec. XV a.C.), “*Zaratustra*” (séc. VI a.C.), “*Lao Tsé*” (séc. VI a.C.), *Buda* (séc. VI a.C.) e Confúcio, aos quais ficamos devendo as grandes e sérias religiões monoteístas globais.

E foram as citadas religiões que adotaram um *Deus Único* – devido à sua postura séria, fraterna, congregadora e humanista – que chegaram até nós, pois foram seguidas por grandes contingentes de humanos que nelas encontravam conforto para suas angustias, amparo para seus medos, explicações para suas dúvidas e mesmo um objetivo de vida e um destino eterno para acolher suas “Almas” ou seus “Espíritos”, finda que fosse a *vida terrena*, ou, como afirmou *Teilhard de Chardin*, a *Experiência Humana dos Seres Espirituais*. E foi a partir daí que os crentes encontraram o seu *Deus*.

Vinte séculos após *Jesus Cristo* – maior apóstolo, visionário, místico e humanista de toda a história da *Humanidade* – ainda hoje o fundador da *Religião Cristã* permanece como o grande *Mestre*, guia, inspirador e salvador para grande parte dos Seres humanos. E passados tantos séculos, a religião por si fundada e que leva o seu nome permanece como a maior em todo o mundo, apesar de ainda defender dogmas ultrapassados, impor e manter normas desatualizadas e inadequadas, mas, principalmente, ser atingida por gravíssimos escândalos de corrupção e pedofilia.

Após a publicação da “*Teoria da Evolução das Espécies*” – fruto de um inimaginável e fantástico avanço da pesquisa e da ciência, acompanhado do igualmente gigantesco progresso da tecnologia – fatos que propiciaram a elucidação de velhos mistérios, a derrubada de antigos mitos, a desmistificação de crenças e a eliminação de tabus – assistimos às *viagens à Lua e a Marte*, mas o mundo das religiões permaneceu quase intocável e em alguns casos fundamentalista, retrógrado e em certas ocasiões e exceções criminoso.

Entre os citados grupos “religiosos” não podemos deixar de veementemente condenar a facção religiosa que se intitulou *estado*

islâmico e assumiu postura irresponsável e criminosa, quando atraiu milhares de adolescentes e jovens para as suas fileiras, para depois lutarem em defesa de causas insanas, injustas e injustificáveis, matando e assassinando selvaticamente seres indefesos, destruindo nações e espalhando o terror, a miséria e a fome entre muitos povos, como ocorreu na Síria, no Iraque e outros lugares.

Além destes bárbaros crimes contra a *Humanidade* praticados em nome do deus de velha religião, novas seitas vêm proliferando à sombra da *Religião Cristã/Católica*, plagiando algumas de suas liturgias, práticas e hierarquias, enganando, ludibriando e explorando despudoradamente seus seguidores, em nome de doutrinas e princípios e usando-os para fins políticos e obtenção de vantagens pessoais.

Na realidade, hoje, como ontem, iludem-se os ingênuos crentes, enganam-se os generosos humanistas, fraudam-se a moral e a ética, atropelam-se as normas e leis vigentes, para em nome do verdadeiro *Deus* se conseguirem vantagens ilícitas e lucros pessoais, e para se atingirem ou galgarem os degraus do Poder, chegar á ribalta da fama **com** o sacrifício dos incautos, dos mais necessitados, dos simples, dos desesperados, dos inocentes, e sempre com o auxílio dos **espertos, interesseiros e desonestos**.

Glossário

ABSTRAÇÃO – Do lat. *abstrahere* = abstrair, retirar, arrastar; abstrair consiste em imaginar, representar, considerar ou construir uma imagem material ou mental de algo ou alguém, considerando apenas parte das características ou propriedades do objeto ou do ser em causa; a pintura e a escultura abstratas ilustram bem o conceito que tentamos definir, quando a representação dos objetos ou dos seres imaginados parece deformá-los, deles transmitindo, por vezes, apenas uma vaga ou distorcida ideia.

ALEGORIA – Do gr./lat. *Alegoria* = apólogo, ficção, parábola; produção artístico/literária que se serve de objetos, imagens e ou descrições concretas da vida real, e ou construções mentais nela inspiradas ou baseadas, para representar conceitos abstratos, de forma figurada, portanto de sentido diferente ao real.

ALMA – Do gr. *anemos*=sopro, vento; do lat. *anima*=alma, princípio/origem da vida e da afetividade; *animus*= “espírito”, princípio e ou origem do pensamento, da atividade mental, intelectual ou das ideias; o que em nós pensa (*animus*) ou sente (*anima*); sistema ou princípio imaterial do corpo, considerado elo de ligação entre este e o *Espírito*; para a “Escola Grega (Sócrates, Platão, Aristóteles), a *Alma* incorpora, representa e ou aciona os elementos intelectuais e sensoriais do ser humano.

DEGENERESCÊNCIA/DECADÊNCIA – Redução ou declínio de qualidades/atributos ou capacidades dos seres; ato ou efeito de degenerar; perda ou diminuição de entendimento, funções ou movimentos, que provoca a fragilização e enfraquecimento dos indivíduos, especialmente dos idosos. Processo irreversível de envelhecimento, que – com o passar dos anos – atinge os seres vivos, culminando com a morte.

IDIOLETO – *Sistema linguístico*, linguajar, linguagem ou modo de expressão própria de um só indivíduo, em um determinado lugar e momento de sua vida; linguagem pessoal ou singular de um falante da língua, típico de lugares determinados e ou de circunstâncias incomuns.

INSTINTO – Do hebreu *Ruah*, do grego *Stizein*, *stigma*=picar, picada, estigma; do latim *instinctu*=primeiro movimento ou ato intelectual que antecede a reflexão; ato ou impulso natural que visa a satisfação, pelos animais, das suas vontades e ou necessidades; impulso interior, que leva o animal a praticar, inconscientemente, atos relativos à vida ou sobrevivência própria, de seus dependentes e ou da espécie; trata-se de uma característica natural e independente da razão, que impulsiona o animal levando-o a agir ou atuar a favor da espécie e suas necessidades.

INTELIGÊNCIA – Conjunto de atributos ou caracteres mentais e ou intelectuais, entre eles o raciocínio, a imaginação criadora, a capacidade de abstrair, a possibilidade de adaptação a novas situações ou circunstâncias; somatório de aptidões que podem conduzir ao sucesso pessoal, aqui incluídos o gênio criador e ou talento inspirador de cientistas, inventores, artistas plásticos, músicos, compositores, escritores e poetas; hoje fala-se muito da inteligência artificial, empresarial, política, social e várias outras.

INTUIÇÃO – Sistema de percepção instantânea ou imediata sem a intervenção da inteligência, ou não consciente; não verbal, é alertado através de sensações, sonhos, fantasias e outras formas de percepção exclusiva, tal como a sua interpretação. Chamada por vezes de sexto sentido, a intuição faculta-nos uma espécie de revelação interior, prenúncio, inspiração ou palpite resultando em algo como uma voz interior, que nos dá “conhecimento” antecipado de algo, sem revelar a fonte.

A percepção intuitiva animal, faculta procedimentos mentais imediatos e inconscientes, alicerçados, originados e ou

desencadeados pelo acúmulo de experiências; consiste numa tomada de consciência instantânea, sem a intervenção do pensamento racional. Trata-se de uma faculdade comum a todos os animais, se bem que com vários graus de eficácia e ou desenvolvimento.

LUPTÃO – Designação genérica dada a seis partículas elementares – *eléctron*, *muão*, *tau*, e seus respectivos *neutrinos*; o *eléctron* gira em torno do núcleo atômico, mantendo o equilíbrio do *átomo*; o *muão* e o *tau* – 200 e 3500 vezes mais pesados que o *eléctron*, respectivamente – ainda são muito pouco conhecidos.

MAGIA – atos ou práticas alicerçadas na crença da existência na Natureza, de poderes ocultos e ou superiores que “estariam” ao alcance dos “mágicos”; tais práticas (magias negra e branca) são obra de burlões fanáticos, que convencem ingênuos poderem, através delas – conseguir um *Bem* para quem lhes paga, ou causar um *Mal* para outrem, em benefício, ou de outrem; fascinação; encantamento; bruxaria.

MATÉRIA – Estruturas compostas ou formadas de partículas elementares e ou fundamentais ditas ‘constituintes’ – as mais conhecidas são os *férmions* – e de partículas ‘mediadoras’, chamadas *bósons*; os *fermions* compreendem os *léptons* e os *quarks* – com 12 e 36 espécies, respectivamente – e os *bósons mediadores* incluem 12 outras partículas, entre elas o *fóton*.

Nome genérico do Todo que constitui ou forma os corpos, a matéria distingue-se de seus “constituintes” elementares e ou fundamentais, pela rigidez ou dureza, além da forma, peso e massa.

METÁFORA – Figura de retórica e ou artifício de linguagem, que consiste em transferir ou transpor – por analogia – o significado, conceito ou sentido de uma palavra (ou enunciado) para outra, quando a comparação é subentendida. Ex. – Fulano “é um leão”; Cicrano “tem nervos de aço”, vontade de ferro, lábios de rubi ou de mel.

MÍSTICO – Do gr. e do lat. *mystikus* = misterioso, figurado, alegórico; velho ou antigo conceito, ligado à crença no Divino ou nos mistérios, que se reporta à vida místico/espiritual, meditativa e ou contemplativa; relativo ao contato com o Além, através da meditação contemplativa; mistificar, ação de deturpar a verdade, para fraudar e ou enganar alguém.

MITO – Do gr./lat. *mythos*=fábula, lenda, relato de acontecimento, remoto de duvidoso e ou simbólico significado, cujos personagens serão Entes sobrenaturais, deuses ou fantasmas; narrativa de épocas fabulosas ou heroicas; alegoria mítica, filosófica ou mística; narrativa de fatos reais romanceados, e ou fantasiada ao longo do tempo pela *vox populi*.

PARÁBOLA – Alegoria e ou ficção, a parábola relata casos verídicos que – por analogia – sugerem uma lição ou conclusão moral, ou uma regra de conduta ética, em casos específicos. Jesus Cristo fazia muito uso das parábolas. Ex. – O bom samaritano, o trigo e o joio, o filho pródigo, o semeador.

PARTÍCULAS ELEMENTARES FUNDAMENTAIS – Englobam as frações mais simples de luz ou energia, sem qualquer estrutura ou outros componentes, sendo indivisíveis; parecem não ocupar espaço, e não possuir massa, forma ou peso; a elas se deve a formação das estruturas da matéria dos corpos, por agregação; tratando-se de elementos subatômicos de constituição ignorada, foram os elementos fundamentais na formação do Universo, onde compõem as estruturas da matéria dos corpos.

SABEDORIA – do lat. *sapere*=saber, *conhecimento* (das coisas, da (v) ida, da verdade); prudência, retidão de carácter, justiça (quando o saber conduz a uma atuação sensata, justa, digna e ética), *conditio sine qua non* – segundo o saudoso filósofo e sábio Miguel Reali – para que o saber (impregnado de ética), atinja o estatuto de sabedoria. Estágio avançado do saber subordinado à ética.

TAOISMO – “Religião” ou filosofia moral e religiosa atribuída a Lao` Tsé ou T`Seu (sec. VI a.C.), tido como autor do “*Livro da Vida e da Virtude*” ou (Tao Te Ching); devido à autoria do citado livro, o autor é considerado como o fundador dessa Filosofia Espiritualista, Moral e Religiosa (Taoísmo), pretensamente monoteísta, e expressa no Tao.

TRANSCENDENTE – Que está acima e ou além do saber ou conhecimento humano; que “ultrapassa” as ideias, o saber, o conhecimento e o entendimento humano comum; que está apenas e só ao alcance da razão pura; que se encontra além do mundo dos sentidos; que nos ultrapassa (transcende).

UNIVERSO – Conjunto ou totalidade do espaço/tempo (Mundo, Universo ou Cosmos) que engloba o Todo Universal, Infinitamente Grande ou Macrocosmo; nele atuam várias forças, entre elas as forças eletromagnéticas, da gravidade – fraca e forte – e a energia escura, de força oposta à gravidade. Calcula-se que no Universo existam cerca de dois trilhões de galáxias, como a nossa Via Láctea, que engloba o Sistema Solar e a Terra.

Verbetes do Dicionário Houaiss relativo ao vocábulo Existência (do latim *existentia*): “Estado de quem ou do que sobrevive, subsiste; o fato de viver, o viver, o estar vivo; a vida; maneira de existir; ciclo de duração de uma vida; o fato de ter uma realidade; pessoa ou algo que se mantém vivo; o fato de estar presente”, enquanto existir – “penso, logo existo”, (do latim *existere* = “ter presença real; estar presente como realidade subjetiva; ter presença viva, viver, ser”. Em suma, a Existência, para o ser humano, englobará o Ser no seu período de vida na Terra.

IMPRESSÃO
PRISGRAF
SERVIÇOS GRÁFICOS
(11)5677-0971

www.prisgraf.com.br